

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 2 - Número 12 - Junho de 1997

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 2 - número 12 - Junho de 1997

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jonatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

Neste número abordamos um tema muito especial - O Teatro na Escola - nas seções "Como fazer", desta vez assinada por Zecarlos de Andrade (ator, diretor, cenógrafo e coordenador pedagógico) e na "Livros". Nesta indicamos a obra "Um caminho do Teatro na Escola", de Olga Reverbel (mestre de Teatro-Educação há mais de cinquenta anos), fruto de quatro décadas de pesquisas em Teatro-Educação. O livro mostra o fazer teatral através de exercícios, esquetes, técnicas e metodologias. Segundo a autora, "imitando, criando e recriando, o aluno descobre seus dois mundos - o interior e o exterior. É do encontro desses dois mundos que nasce a expressão."

A importância do Teatro na Educação é reconhecida desde a Grécia Antiga. Platão acreditava que a educação deveria iniciar de forma lúdica para que as crianças pudessem desenvolver sua tendência natural. Aristóteles, para quem educar significava preparar para a vida, a educação deveria proporcionar prazer. É exatamente este o objetivo da **Teatro da Juventude** que, neste número traz o precioso texto *Enquanto se vai morrer*, de Renata Pallottini que conta as aventuras de um grupo de jovens desde o vestibular, passando pela tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP - SP) até ingressarem na vida adulta. Num jogo dinâmico e atemporal que incursiona livremente entre diferentes épocas remetendo a filósofos do século passado e a fatos políticos que abalaram o país, o texto consegue divertir, instruir e induzir à reflexão.

Outro texto, *Mumu, a vaca metafísica*, de Marcílio Moraes, mereceu o 3º. lugar no Concurso de Dramaturgia Prêmio Serviço Social de Teatro (1974) e foi levado várias vezes aos palcos brasileiros. Conta a história de uma família sem perspectivas que tem como único alento uma vaca metafísica.

Quanto ao infantil, a revista traz o gracioso texto musical "Um certo patinho feio", da Gilda Vanderbrande que ainda coloca seu telefone à disposição para oferecer as músicas aos interessados.

Boa **Teatro da Juventude** para você!

Erné Vaz Fregni

TÉCNICA DA REPRESENTAÇÃO TEATRAL



*Sou do Uni Arte, grupo teatral de Eldorado (SP) e quero agradecê-los pelas edições da revista **Teatro da Juventude**. Começamos um trabalho de Oficina de Teatro com um monitor de São Paulo enviado pela Secretaria de Estado da Cultura. (...) Quero pedir um “pequeno grande” favor. Numa das edições da Teatro da Juventude, foi apresentado o livro “Técnica da Representação Teatral”, de Stella Adler. Minha cidade é pequena e não tem livrarias, portanto, gostaria de saber como adquirir o livro. Agradeço a atenção prestada a mais um amante da arte de representar e os parabens pelo sucesso. Que Deus continue abençoando este trabalho cultural.*

Iranildo Rodrigo Corrêa - ator
Grupo Uni Art - Eldorado - SP

*Resp.: Amém. O livro “Técnica da Representação Teatral” foi publicado pela Editora Civilização Brasileira. Av. Rio Branco, 99 - 20º. and. CEP 20040 Rio de Janeiro, RJ. Tel. (021) 263-2082. Fax.: (021) 263-6112. Outra dica: a **Livraria Cena Brasileira** só trabalha com livros de artes cênicas e faz remessas pelo correio. Teatro Ruth Escobar, rua dos Ingleses, 209 - Bela Vista. São Paulo, SP. CEP 01329-000. Das 16 às 21hs. de 3ª. a dom. Ou pelo telefone (011) 575-0153 (das 10 às 14hs.).*

CAPTURE DE TEXTOS



Vimos solicitar a esta entidade que, se possível, doe a esta Companhia Teatral textos de teatro, pois coordenamos a Mostrebel - Mostra de Teatro Estudantil - realizada em nossa cidade. Necessitamos de muitos textos e daqui, não temos acesso. A Mostrebel reúne mais de 15 mil estudantes de todas as escolas municipais, estaduais e particulares e também jovens que participam de movimentos, tais como os grupos de jovens Léo Clube e Rotaract entre outros.

Vilmar Mazzeto - Diretor
Eliane Duarte - Secretária
Companhia de teatro Théspis
Francisco Beltrão, PR

*Resp.: Até esta edição publicamos 47 textos. Todos selecionados e muitos deles premiados. Não é muito fácil conseguirmos textos bons e adequados para crianças e jovens. Portanto, nosso banco de textos se restringe aos da revista. No entanto, podemos informar que o **Museu Lasar Segall** possui um bom banco de textos. R. Berta, 111, V. Mariana, São Paulo, SP. CEP 04120-040. Tel.: (011) 574-7322,*

SOLICITAÇÕES DA REVISTA TEATRO DA JUVENTUDE



Solicitamos os número já publicados e

os que serão lançados da revista **Teatro da Juventude**, um material imprescindível para o nosso grupo de teatro infantil, que frequenta o Projeto Recanto D'Alegria, formado por crianças e adolescentes de 7 a 16 anos.

Dirce Alves Campato - Presidente da Creche e 1ª. Dama do Município Creche e Centro de Orientação Familiar de Inúbia Paulista Inúbia Paulista - SP



O **Teatro-escola Célia Helena** e a **Casa do Teatro** vêm, respeitosamente, solicitar a doação das publicações que integram a coleção **Teatro da Juventude** para serem usadas nos cursos de teatro. Atualmente temos cerca de 100 alunos em cada estabelecimento. O curso de Formação de Ator do Teatro-Escola Célia, onde a maioria dos alunos é adolescente tem três anos de duração. Para cursá-lo é preciso ter idade mínima de 14 anos e 1º. grau completo. A Casa do Teatro é uma entidade de ensino artístico dirigido à crianças e adolescentes a partir de 4 anos de idade. Oferece aulas de teatro, circo, dança, música, artes plásticas e vídeo. Teatro-Escola Célia Helena - Av. São Gabriel, 462, São Paulo, SP. Tel.: (011) 884-8214. Casa do Teatro - Tels.: (011) 826-6624 e 66-5204.

Lígia Cortez - diretora/atriz Teatro-escola Célia Helena / Casa do Teatro - São Paulo - SP



Solicitamos o envio da revista **Teatro da Juventude** para serem distribuídas aos alunos do Curso de Teatro da nossa recém fundada **Universidade Aberta da Terceira Idade**, tendo em

vista a farta informação e assuntos contidos na publicação.

Ruy dos Santos Pinto - Presidente UNA - Universidade Aberta da Terceira Idade - Araçatuba - SP.



Gostaria de receber a revista **Teatro da Juventude** a fim de colocá-la na Biblioteca Municipal, onde ficarão à disposição dos professores do nosso município.

Marilda Costa Raele - Diretora do Decel (Depto. de Educação, Cultura, Esportes e Lazer) Prefeitura Municipal de Ribeirão Bonito - Ribeirão Bonito - SP



Sou professora de Educação Artística na rede estadual de ensino. Peço enviar-me as revistas **Teatro da Juventude**, as quais ajudar-me-ão no ensino da disciplina que leciono. Agradeço a atenção e parablenizo-os por um trabalho de tal importância para alunos e mestres.

Maria Assioneida Aguiar - professora São Paulo - SP



Solicitamos exemplares da revista **Teatro da Juventude** para o Centro de Orientação Social da Prefeitura de Guaiçara, que atende 250 crianças e adolescentes.

Ana Maria Zamian Pettrucci - Coordenadora Prefeitura Municipal de Guaiçara - SP



Conto com sua ajuda! Faço curso de teatro no Sesi de Santo André. Tenho em mãos os exemplares 2, 3 e 4 da revista **Teatro da Juventude** conseguidos

na Bienal do Livro. Gostaria que me enviassem o exemplar No. 1 e os que saíram após o No. 4 e, se não for pedir muito, também os futuros exemplares.

Natalia Beatriz Navarro - estudante de teatro - Santo André - SP

*Prof. Dalva Regina Canedo Sabatin
EMEI de Lucianópolis - Prefeitura
Municipal de Lucianópolis
Lucianópolis - SP*

*Orlando do Carmo Proença
E.E.P.G. Elias Jorge Daniel
Capão Bonito - SP*

**OUTROS SOLICITANTES DA REVISTA
TEATRO DA JUVENTUDE:**

*Felicidade de O. Z. Junior
E.E.P.S.G. Prof. Maria Tereza S.
Falcareli - Itaberá - SP*

*Maria das Graças de Melo Nogueira -
Diretor
Escola Dom Vidal
Caruaru - PE*

*Cledson Carmo - ator
São Vicente - SP*

*Prof. Pedro Newton Rotta
Secretaria Municipal de Educação -
Prefeitura Municipal de Presidente
Prudente
Presidente Prudente - SP*

*Augusto Cesar de Oliveira - ator
São Vicente - SP*

*Pedro Cosmo da Silva - ator
Grupo Teatral Tropeço
São Paulo - SP*

*Carlos Alberto Rodrigues de Lima
Centro Cultural - Biblioteca Pública
Municipal "Guilherme de Almeida"
Mogi Mirim - SP*

*Ana Paula Ferreira - profissional de
artes cênicas
São João da Boa Vista - SP*

*Antonio Mendes
Conservatório Dramático e Musical
Dr. Carlos de Campos de Tatuí
Tatuí - SP*

*Isabel Cristina Parisotto
Grupo Teatral Foranto - Bocaina - SP*

*Resp.: Já foi providenciado o envio
das revistas solicitadas.*

ESCREVA PARA CARTAS

*A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.*

*Escreva para:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, no. 2333, 9º and.
São Paulo - SP
CEP 01301-980. - Fax.: (011) 259-9495*

SUMÁRIO

Como fazer

O Teatro na escola	10
Zecarlos de Andrade	

Livros

Um caminho do teatro na escola	15
Olga Reverbel	

Textos

Infantil

Um certo patinho feio	17
Gilda Vanderbrande	

Adolescente

Enquanto se vai morrer	27
Renata Pallottini	

Adulto

Mumu, uma vaca metafísica	75
Marcílio Moraes	

O TEATRO NA ESCOLA

Possibilitando ao aluno vivenciar de forma diferenciada as informações recebidas em sala de aula, o teatro na escola aproxima os envolvidos, estimula a criatividade e auxilia na assimilação da matéria.

Zecarlos de Andrade *

— Eu quero ser o Sol!
— Você ficava bem fazendo o
satélite da Terra!
— Por quê?
— Todo mundo sabe que você vive no
mundo da Lua!

Esse diálogo realmente aconteceu alguns anos atrás, quando ensaiávamos *O Sistema Solar*, com alunos de 2ª série do primeiro grau que também eram os autores do texto, dos cenários e dos figurinos. A propósito desta e outras experiências, igualmente interessantes, passamos agora a relatar alguns processos a serem adotados quando se pretende utilizar a estratégia do "jogo dramático" como suporte educacional.

A atividade teatral é de excelente valor pedagógico porque aproxima as pessoas que dela participam de forma prazerosa e distinta daquela à qual os alunos estão acostumados no rotineiro convívio escolar. Some-se a isso o fato de que o trabalho em equipe possibilita o surgimento de um espírito de coletividade, caracterizado pela união de todos em torno de um objetivo comum e, devido à

diversidade de exercícios cabíveis durante o preparo de uma encenação, é possível oferecer aos componentes do grupo várias possibilidades de expressão nas áreas em que se sentem mais à vontade.

O trabalho não deve ter como finalidade a busca de um acabamento profissional para a representação e tampouco deve servir como veículo para sublinhar dotes interpretativos de poucos em detrimento dos demais. Através da linguagem teatral, a classe vive uma experiência gratificante, em que cada um é capaz de criar seu próprio espaço, preenchendo-o com seus conhecimentos e habilidades de forma adequada. Alunos que praticam esportes, possuem conhecimentos técnicos em qualquer campo, ou simplesmente apresentam capacidade de liderança; são tão aproveitáveis no contexto teatral quanto aqueles que escrevem, cantam, dançam, tocam instrumentos, desenham ou pintam.

O fazer teatral é uma excelente ocasião para revelar "talentos"

naturais em setores diferenciados, valorizando, muitas vezes, aquele aluno que não se destaca o suficiente dentro das avaliações escolares convencionais.

- O João é bom em trabalhos manuais, Professor! Fala com ele!
- João, você quer fazer o Capacete de Mercúrio?
- Depende, Professor! Se o papel for bom, eu faço!

Já que estamos falando de “talento”, é imprescindível que se diga que quem mais precisa disso é o Professor, que será fundamental como elemento centralizador das potencialidades,

ajustando o projeto de forma a atender a grande maioria dos envolvidos. A preparação de um espetáculo de teatro, por mais simples que seja, resulta na soma de esforços diversos, possibilitando a cada um de seus componentes um instante de participação efetiva, que contribui individualmente para o sucesso da iniciativa do conjunto. É um movimento que se caracteriza pela sua alta capacidade de contágio, tornando-se, com certeza, uma experiência das mais férteis e gratificantes que obtém, de forma geral, a adesão de quase todos e direciona o trabalho em equipe para um exercício inesquecível de vivência comunitária.

O mais importante a ser considerado é que essa atividade deve ser essencialmente legítima e sincera, ou

seja: deve nascer de uma necessidade da classe, estimulada pelo Professor — que, neste caso, acaba por se transformar no agente facilitador do trabalho — resultando em uma interação plena na sala de aula.

O jogo dramático verifica-se extremamente rico e dinâmico quando aplicado durante a rotina escolar, sem a preocupação de

transformar-se em “espetáculo”. É natural que, para um resultado mais elaborado, se exija um tempo maior de preparação até o instante da culminância, que, dependendo da adequação da proposta, pode até mesmo ser assistido por alunos de

outras classes e seus familiares, transformando o evento em si em um acontecimento extra-curricular.

É importante salientar que se precisa de muito pouco para desencadear este processo, não havendo necessidade de nenhum aparato técnico profissional: luzes, som, cenários, figurinos etc. (Aliás, diga-se de passagem, estes elementos podem ser produzidos pelos próprios componentes do grupo com muita criatividade.)

- O Professor devia colocar você no papel de árvore...
- Vê lá se eu vou querer ficar plantado...
- Mas ninguém tem mais cara-de-pau...

O Teatro na Escola é um meio diferenciado para que o aluno possa

“Todos os envolvidos deverão ter uma tarefa determinada. Ninguém poderá ficar de fora”.

receber de forma vivenciada uma informação já transmitida academicamente. Os temas serão pinçados dentre a matéria curricular e, mais interessante poderá se tornar, quanto mais tentar traduzir uma dificuldade desses mesmos alunos em compreender amplamente o assunto proposto. A simples idéia de se estudar um mesmo tema de outra forma já serve como reforço para fixar informações ainda não assimiladas durante as aulas ministradas nos moldes tradicionais.

Se os estudantes que irão tomar parte nesse exercício já tiverem tido contato com o conteúdo a ser trabalhado através do sistema convencional,

o jogo teatral surge como oportunidade original para que se abordem aspectos inéditos e se aprofundem ainda mais os já discutidos.

Temática e texto

Acreditamos que a atividade se tornará mais proveitosa se o Professor responsável pela condução dos "ensaios" apresentar, inicialmente, uma relação de temas colhidos entre as diversas áreas de estudo, para que os alunos possam selecionar aquele que mais os atrai. Professores de todas as matérias poderão trazer idéias sobre os tópicos a serem desenvolvidos, de forma a fazer que o exercício teatral se transforme em mais uma fonte de informações, agora estudadas sob as luzes mágicas da experimentação e da fantasia.

Uma vez escolhido o tema principal, partimos para uma segunda etapa que consiste justamente em elaborar um texto, escrito em linguagem teatral, contendo através de falas de personagens, transformadas em ação dramática, a essência dos conceitos que queremos que sejam captados pelos participantes do projeto.

O texto pode e deve ser criado coletivamente em sessões de "tempestade cerebral", quando todos colocarão livremente tudo que precisa estar contido no roteiro final. O início desse processo talvez traga alguma inibição, mas, com um pouco de paciência e estimulação, aos poucos

as barreiras serão ultrapassadas, e as idéias começarão a fluir intensamente.

O Professor poderá determinar um relator para anotar os pontos principais a serem estabelecidos, estruturando as primeiras cenas que serão, posteriormente, desenvolvidas. Professores da área de Comunicação e Expressão enriquecerão suas aulas, trabalhando o texto que está sendo criado, corrigindo-o com os alunos e adequando-o à proposta.

Cronograma e equipes de trabalho

Deve-se estabelecer limites temporais para cada uma das etapas de preparação, para que o tempo gasto excessivamente com uma não se torne desestimulante para a construção das demais. É preciso fornecer ao grupo uma boa dose de flexibilidade,

" Professores de todas as matérias poderão trazer idéias sobre tópicos a serem desenvolvidos."

permitindo que o texto final seja modificado durante os ensaios, tantas vezes quanto se fizer necessário, com acréscimos ou cortes, de forma a assegurar o dinamismo do trabalho.

Tendo-se em mãos senão o texto acabado, ou ao menos um esboço dele, é possível dar início à terceira etapa, na qual o Professor e o grupo-classe irão pesquisar as sugestões de personagens, cenografia, figurinos, maquiagem, trilha sonora, objetos de cena e outros elementos complementares para a montagem.

Nesse momento, é conveniente dividir o grupo em equipes de trabalho, que irão se reunir separadamente e se responsabilizar por setores específicos, com atribuições, tarefas e prazos para apresentação dos resultados. Os "ensaios" serão os momentos oportunos para isso, permitindo que todos tomem conhecimento do que foi obtido em cada departamento.

É natural que, por razões diversas, uma equipe obtenha melhor aproveitamento e assim acabe por se sobressair entre as demais. Cabe ao Professor, valendo-se sempre do bom senso (**e isto é indispensável**), valorizar o fato e continuar estimulando aqueles que ainda não alcançaram as metas propostas. Uma coisa é significativa: todos os envolvidos deverão ter uma tarefa determinada, pela qual responderão. Ninguém poderá ficar de

fora desta fase de aquecimento, pois ela é fundamental para que se atinjam, harmoniosamente, os objetivos finais.

Dificuldades surgirão e são aceitáveis. Muitas vezes o que parecia impossível para um grupo é rapidamente solucionado por outro em uma demonstração clara e útil de cooperação e espírito de solidariedade.

"Sobre o palco,
a imaginação
torna-se real e a
sociedade dá o
aval para que
possamos ser o que
não somos."

O Professor deve ser sempre o elemento ponderador que mantém os alunos em constante contato com a realidade para que não sejam criadas expectativas ilusórias em torno de idéias sabidamente impossíveis de serem concretizadas, evitando-se assim uma frustração desnecessária.

A quarta fase tem início no momento em que se estabelece a data de apresentação, pois a partir de um prazo determinado é que todos os esforços conjuntos irão convergir.

Depois desse instante, dá-se início a uma espécie de contagem regressiva durante a qual as emoções afloram de forma veemente. Mais uma vez o bom senso do Professor esclarecerá as dúvidas, acalmará os ânimos mais exaltados, controlará os acessos de vaidade, estimulará os que estão prestes a desistir e, com magistral capacidade de estadista, usará de toda sua habilidade diplomática para contornar as "crises" que inevitavelmente surgirão.

O Teatro pode ser visto como uma síntese de todas as artes e sua realização, desde a Antiguidade, está impregnada de um caráter ritualístico que o aproximava das religiões primitivas. Sendo assim, o experimento teatral desperta um aparente sentido de onipotência, fornecido tão apenas pela premissa de que, sobre o palco, a imaginação torna-se real, e a sociedade, em uma clara manifestação de convivência, fornece o aval para que possamos ser quem verdadeiramente não somos.

- Assim não quero mais! A cena dele é maior que a minha!
— É que ele faz o papel principal!
— Mas ele é príncipe, eu sou rei e estou fazendo o papel real...

O Professor que inventou essa moda e tornou-se pai da idéia, sem dúvida, será sempre responsabilizado pelo eventual e temido insucesso desta empreitada; já o êxito, quando alcançado, será distribuído,

generosamente, entre todos os participantes, como sói acontecer.

Apesar dessa realidade tão dura, isso não deve servir de pretexto para que não se tente partir para uma experiência única e transformadora. Asseguro aos desavisados que o processo é irresistível e recompensador, independentemente dos resultados. O fazer teatral fornece a todos que têm a oportunidade de participar de sua liturgia uma insubstituível lição de convivência democrática, já que não há situação melhor do que esta para que se perceba, claramente, o quanto é fundamental a participação de cada indivíduo, por menor que seja, para que se alcancem plenamente as metas do coletivo.

* **Zecarlos de Andrade** é ator, cenógrafo e coordenador pedagógico. É autor das peças "Dá-me o prazer desta contradança" (Prêmio Minas de Cultura -1995) e "O quadro negro" (Prêmio Estímulo, da Secretaria do Estado da Cultura -1996). Atualmente é coordenador pedagógico na Escola Morumbi (SP).

LIVROS

UM CAMINHO DO TEATRO NA ESCOLA

Exercícios, esquetes, sugestões de temas, técnicas do fazer teatral e metodologias de ensino são revelados nesta obra que tem por função atuar como instrumento de trabalho na formação da personalidade da criança e do adolescente.

Um caminho do TEATRO NA ESCOLA, de Olga Reverbel. Editora Scipione, 176 págs. Dirigida a estudantes do curso de Magistério, nas disciplinas Educação Artística e Língua Portuguesa; professores de 1º. e 2º. grau e demais profissionais de Arte-educação; cursos específicos de Teatro para alunos de 1º. e 2º. grau. Estudantes dos cursos de Licenciatura em Arte-educação e Pedagogia. Relatando experiências e sendo mais prático do que teórico, o livro propõe uma sistemática de trabalho que consegue

equilibrar a liberdade de expressão da criança e do adolescente com a informação necessária ao seu desenvolvimento cultural. Desse modo, o aluno é trabalhado por meio de jogos dramáticos e improvisações

teatrais em que vale a espontaneidade mas também com exercícios que têm por base a *commedia dell'arte* e encenações de peças clássicas. Segundo a autora, o livro se propõe a ser utilizado como "um instrumento de trabalho onde relatamos não somente nossa tentativa de restituir ao teatro seu verdadeiro papel na formação da personalidade da



criança e do adolescente, mas o testemunho de nossa fé na educação pela arte.”
Apresentando sugestões de temas a serem desenvolvidos em sala de aula, dependendo da série, faixa etária e características do grupo, a autora enfatiza a atenção que o professor deve dar aos diferentes modos de vida das crianças brasileiras. Sendo assim, cabe ao professor modificar e adaptar as sugestões em função do interesse de seus alunos. Afinal, além das diferenças regionais, alguns freqüentam escolas urbanas, de periferia, próximas a fábricas, em zonas de praia, rio, serra ou sertão.
O livro mostra ainda como, a partir do fazer em teatro que, em sua essência, é interdisciplinar, o aluno pode ser levado a ter interesse a explorar outras artes, como a escolha da música, do cenário ou do figurino de uma determinada peça.
Olga Reverbel dedica-se ao ensino de Teatro Educação há mais de cinquenta anos. Formada em Teatro na Educação em Sorbonne, Paris, foi professora do curso de pós-graduação naquela instituição de ensino. No Brasil tem lecionado em Universidades e ministrado cursos de Teatro na Escola para crianças e adolescentes.

Trechos do livro:

“O ensino da arte, de um certo modo, define-se pelo binômio espontaneidade / técnica. Se a criança busca espontaneamente

realizar uma atividade de expressão, quanto mais desenvolver a aprendizagem das técnicas, maior será sua espontaneidade.”

“Tendo a commedia dell `arte como fonte, pode-se trabalhar com os alunos diversos tipos de atividades de improvisação. Consideraremos dois tipos de improvisação: a espontânea e a planejada. ”

“Realizando jogos dramáticos, a criança se diverte e libera espontaneamente suas fantasias e seus fantasmas interiores. Ao contrário do ator, que finge ser a personagem, a criança é a personagem que inventa ou imita.”

“... Há dois tipos de teatro: o teatro, arte milenar desenvolvida pelos gregos, e o Teatro na Educação, que é ainda mais antigo, pois o homem primitivo dramatizava os fatos e os fenômenos da natureza para compreendê-los melhor.”

“O ensino de Teatro é feito através de jogos dramáticos, um precioso instrumento de aperfeiçoamento físico e intelectual.”

“Gente de teatro, como atores, encenadores e diretores, sem nenhuma formação pedagógica, assume a orientação de classes, tentando fazer espetáculo, e atribuindo seu freqüente insucesso à falta de capacidade ou habilidade dos jovens alunos, esquecendo que estes necessitam de uma orientação capaz de estimulá-los a expressar-se com prazer.”

Infantil

Um certo patinho feio
Gilda Vanderbrande

UM CERTO PATINHO FEIO

Texto e músicas de Gilda Vanderbrande

PERSONAGENS:

Dona Pata (mãe do Patinho Feio)

Comadre Pata

Patinho Feio

Pateco (filho da Comadre Pata)

Coruja

Caçador 1

Caçador 2

Marreca 1

Marreca 2

Pato Repórter

Este espetáculo pode também ser feito somente com 2 atores e duas atrizes.

Comadre Pata e dona Pata cantam e dançam em volta de seus ovos.

(Música de abertura)

"Dentro de um ovo existe vida,
E foi dentro dele que eu cheguei
quebra a casca, se espreguiça (Bis)
Vem depressa que eu quero te
conhecer
Sabe, é tão bonito ver o sol
amanhecendo
Clareando a verde mata abrindo a
flor!
Desperta teu sorriso pra esta festa
**Tou te esperando pra nadar no lago
azul"**
Mãe pata olhando seus ovos repara
que tem um ovo diferente.

MÃE PATA: Qua! Olha só esse ovo! É
tão diferente dos outros!

COMADRE PATA: Deixe-me ver!(olha)
Deve ser ovo de perua!

MÃE PATA: Como, ovo de perua?

COMADRE: Uma vez, aconteceu isso
comigo, eu estava chocando e
uma perua colocou, sem eu
perceber, um ovo no meu ninho.
Ele nasceu junto com os meus
patinhos... só que ele tinha medo
de entrar na água! Foi daí que eu
descobri que ele não era
meu filho... e sim um peru,
coitado!

MÃE PATA: Bem, vou esperar ele nascer
pra ver quem ele é.

COMADRE: Quantos dias faltam para

ele nascer?

MÃE PATA: Se for pato, deve nascer amanhã. Vou levá-lo para dentro e colocá-lo perto do fogão, é maisquentinho.

COMADRE: Fique tranqüila, amanhã descobriremos esse mistério!

(Entra um pato repórter)

PATO REPÓRTER: Mistério? Alguém falou em mistério? Quando alguém fala em mistério, surge sempre à sua frente patoludo, o repórter que descobre tudo! Viemos entrevistar todos os vizinhos, patinhos, pintinhos, coelhinhos... para saber o que eles acham do ovo misterioso de dona Pata. Pode-se fazer perguntas às crianças, como:

- que ave você acha que vai nascer?
- será um peru?
- será um avestruz?
- será um jacaré?
- ou será um lagarto?
- um dinossauro?

PATO REPÓRTER: Enquanto esperamos o nascimento deste ser misterioso vamos cantar:

Música:

Era um pé, uma perna, uma pata
Que queria botar ovo,

- Era um pé?
 - Não.
 - Era pata?
 - Sim, que queria botar ovo...
 - Ela pode?
 - Sim.
 - E o pato ?
 - Não, que queria botar ovo!
- Era um saco o sapo, sacando o papo,
Que queria botar ovo!
- Era um saco?
 - Não.
 - Era um sapo?

- Sim, que queria botar ovo!

- Era a sapa?

- Não.

- Era o sapo ?

- Sim, que queria botar ovo.

Até um galo entrou no rolo e queria botar ovo!

Desconfiado, surgiu um gato... que queria botar ovo!

Quara, qua qua...

REPORTER: Bem, senhores patinhos, senhoras patinhas, Dona Pata e todos bichinhos, até mais. Aqui se despede patoludo, o repórter que descobre tudo!

Som do nascimento do ovo misterioso.
Dona Pata e Comadre aparecem correndo... felizes...

DONA PATA: Ele nasceu!

COMADRE: É meio estranho, mas nasceu! Como é feio! Deve ser peru, é cinza!

DONA PATA: Ele não é feio, é diferente!
(Surge em cena o Patinho Feio. Corre e senta dentro de uma bacia.)

DONA PATA: Olhe lá, comadre pata, peru ele não é... ele está dentro d'água!

COMADRE: Será que ele é um ganso?

DONA PATA: Talvez... mas eu gostei dele! Ele é diferente! Interessante! Será meu filho! Meu filho querido!

(Mãe pata começa a jogar água (confete ou similar no patinho.)

DONA PATA: Assim que você tomar banho, vou levá-lo para conhecer o mundo!

(Música da pata levando o patinho para conhecer o mundo.)

PATINHO FEIO: Mãe, o que é aquilo?

DONA PATA: É uma cerca.

PATINHO FEIO: Pra que serve?

DONA PATA: Pra gente não passar para o lado de lá e os que ficam

do lado de lá não passam para o lado de cá.

PATINHO FEIO: E seu eu passar pro lado de lá?

DONA PATA: Eles te empurram pro lado de cá. Você é do lado de cá. Está vendo lá longe, aquele morro?

PATINHO FEIO: Estou, é lindo!

DONA PATA: Existem coisas perigosas por lá. A gente não deve ir pra lá.

PATINHO FEIO: Alguem já foi pra lá?

MÃE PATA: Quem foi, nunca voltou. Entra Pateco, o patinho filho da comadre.

PATECO: Dona Pata, Dona Pata...eu posso brincar com ele?

DONA PATA: Claro, Pateco!

PATECO: Está bem, então vamos brincar de pescar?

PATINHO FEIO: Como é que a gente pesca?

PATECO: Ora, a gente bota a minhoca no anzol e joga no lago!

(Cada um pega uma vara de pescar, coloca uma minhoca no anzol e atiram no lago. Pateco pesca uma bota velha e o Patinho Feio uma meia furada. Na segunda vez, o Pateco pesca um peixinho e o Patinho Feio um peixão.)

PATECO: Assim não vale! Você pescou a mãe do meu peixinho!

PATINHO FEIO: Então vamos devolver pra água... O seu peixe ainda é pequeno e a mãe ainda precisa cuidar dele.

PATECO: Está bem. Os dois retiram os peixes da vara e devolvem à água. Ouvem-se vozes de duas marrecas vizinhas:

MARRECA 1 (chamando): Pateco, vem brincar com a gente.

MARRECA 2: Deixa esse patinho feio aí.

PATINHO FEIO: Eu não sou feio, sou

diferente.

MARRECA 1: É feio, sim, feio demais!

PATECO: Não ligue pra elas...

MARRECA 2: Anda logo, Pateco, hoje a gente vai voar!

PATECO (entusiasmado): Voar? Eu adoro voar!

PATINHO FEIO: Posso ir junto?

MARRECA 1: Não dá pra você voar, nas suas asas faltam penas!

MARRECA 2: E muitas penas (ri). Anda, Pateco, vamos voar bem alto!

MARRECA 1: Vamos voar bem alto, perto daquele morro, lá longe!

PATINHO FEIO: Lá é perigoso! Minha mãe disse que lá existem coisas muito perigosas!

MARRECA 2: Deixa ele aí, Pateco... além de ser feio é medroso!

PATINHO FEIO: Eu não sou medroso não.

MARRECA 1: Vem, Patecooo!

PATECO: Já estou indo, marrecas. (Para o patinho feio.) Amanhã eu volto. Tchau. (Sai)

MARRECAS: Tchau, patinho feiooooo!

PATINHO FEIO: Por que será que me chamam de feio? Será que é só porque estou meio depenado? (chamando) Mãe! Mãe!

DONA PATA: O que foi, meu filho ?

PATINHO FEIO: Por que todos estão dizendo que sou feio?

DONA PATA: Quem disse isso? Quem?

PATINHO FEIO: O peru, a dona galinha, os pintinhos, aquele galo metido, as marrecas e até a Comadre Pata!

DONA PATA: Deixa isso pra lá, meu filho! Feio é ficar falando dos outros! Você é diferente... e ser diferente é não ser igual a todos! Cadê o Pateco?

PATINHO FEIO: Ele foi voar com as

marrecas. Eles foram voar bem alto! Lá perto do morro.

DONA PATA: Eles foram voar bem alto, lá perto do morro? Que perigo!

PATINHO FEIO: Qual é o perigo que existe lá, mãe?

DONA PATA: Os caçadores, meu filho, os caçadores.

(Lá naquele morro tem caçadores de patos! E nesta época, está assim deles lá. É a temporada de caça. Quem foi lá, nesta época, nunca voltou!)

PATINHO FEIO: Nossa! (chamando) Pateco! Pateco! (pausa) Eu preciso avisar o Pateco e as marrecas.

(Sai correndo)

DONA PATA: Peça pra Dona Coruja avisá-los, você não vai alcançá-los.

(Entram os caçadores. Música dando clima de caçada. Um dos caçadores traz numa coleira um cão de caça.)

CAÇADOR 1: Hoje eu tenho certeza que vou acertar pelo menos uns três patos.

CAÇADOR 2: (puxando o cachorro) Esse meu perdigueiro é maravilhoso! É só você acertar os patos que ele vai buscar.

CAÇADOR 1: Olhe lá! Tem duas marrecas bem gordinhas e um pato voando bem alto!

CAÇADOR 2: Vê se você os acerta!

CAÇADOR 1: Estou mirando! Lá vai... Neste instante entra o Patinho Feio.

PATINHO FEIO: Atenção! Cheguei!

CAÇADOR 1: O que é isso?

CAÇADOR 2: Não sei! Acho que é um filhote de avestruz!

CAÇADOR 1: Não pode ser! É muito esquisito! Acho que ele andou brigando por aí, está muito

depenado!

CAÇADOR 2: Acho que ele está trocando de plumagem! Esquece ele e acerta aqueles lá.

CAÇADOR 1: Vou tentar.

(Caçador aponta a espingarda.)

PATINHO FEIO: Não, não. Você não deve acertar aqueles lá porque são meus amigos. (Atrapalha o caçador e grita para o amigo.) Pateco! Pateco! Marrecas! Fugam! Fugam!

(Caçador 2 pega um puçá, rede de pegar borboleta, e começa a caçar o Patinho Feio. No corre-corre ele caça o amigo caçador.)

CAÇADOR 1: Viu só o que você fez? Perdi de vista as marrecas com o pato e aquele filhote de avestruz depenado também sumiu!

CAÇADOR 2: Vamos embora que o sol já está se escondendo. Amanhã a gente volta (pega o cachorinho.) Vamos, "Tubarão", vamos pra casa.

CAÇADOR 1: Tubarão? Esse cachorro parece mais uma sardinha! (Os caçadores saem. O Patinho Feio aparece perdido.)

PATINHO FEIO: Já está escurecendo e eu perdi o caminho de casa. Bem que a minha mãe disse pra não me afastar tanto... Mas eu não podia deixar o meu amigo Pateco e as marrecas serem caçadas... A Dona Coruja ainda estava dormindo! O sol estava forte e a Dona Coruja adora dormir com sol forte! E agora?

(Entra Dona Coruja.)

CORUJA: Boa noite!

PATINHO FEIO: Boa noite, Dona Coruja! Que bom encontrar a Senhora! Estou perdido e não consigo

encontrar o caminho de casa.

CORUJA: Eu sei, sua mãe está preocupada.

PATINHO FEIO: Ela pediu pra senhora vir me buscar?

CORUJA: Pedi, só que faremos um caminho longo de volta, porque eu quero mostrar a você algumas coisas. Vem.

PATINHO: À noite?

CORUJA: É claro! A noite é clara, podemos caminhar conversando.

PATINHO FEIO: A senhora me desculpe, mas estou muito cansado.

CORUJA: Pra me ouvir ou pra andar?

PATINHO FEIO: Só pra andar, é claro!

CORUJA: Então, deite, que eu vou mostrar pra você a noite.

(Pausa.)

(A coruja pega uma lua de cartolina. Lua crescente.)

CORUJA: Está vendo a lua?

PATINHO FEIO: Estou.

CORUJA: Como ela está?

PATINHO FEIO: Só tem pedaço dela.

CORUJA: E que forma tem?

PATINHO FEIO: Tem a forma da letra c.

CORUJA: Quando ela está assim igual à letra c, é uma lua crescente! Significa que ela vai crescer.

(Coruja pega uma lua cheia.)

CORUJA: E agora?

PATINHO FEIO: Parece uma bola!

CORUJA: Isso! Ela está cheia! (Pausa.) E quando ela está assim?

(Vira a lua crescente ao contrário.)

PATINHO FEIO: Parece a letra c ao contrário.

CORUJA: Isso! Ela está minguando, portanto ela é minguante! (Vira a lua cheia branca e tem uma lua negra.) E agora?

PATINHO FEIO: Parece uma bola escura!

CORUJA: Isso! É uma lua nova.

Quando a lua é nova a gente quase não vê porque ela se mistura na escuridão da noite. Mas lua nova quer dizer novo tempo! É ela que modifica a natureza!

PATINHO FEIO: Será que ela pode me modificar?

CORUJA: Claro! Você está crescendo, trocando sua plumagem! (Pausa.) Você sabia que você não é um simples pato?

PATINHO FEIO: Não? Então eu sou mesmo um filhote de avestruz? De um avestruz feio?

CORUJA: Não. Você é uma ave muito bonita! E hoje é o dia que você vai ganhar uma nova plumagem!

PATINHO FEIO: Mas dona coruja, mas se eu não sou um simples pato, o que é que eu sou?

CORUJA: Você é uma ave da família dos anfídeos, que são os patos-arminhos. Seu tataravô, veio voando da Patagônia até aqui. Aqui ele se apaixonou por sua tataravó que era uma pata linda como sua mãe.

PATINHO FEIO: Quer dizer que minha mãe é minha mãe mesmo?

CORUJA: Claro! Você puxou seu tataravô que aqui todos o conheceram como Dom Patruquio, o cisne!

PATINHO FEIO: Quer dizer que eu sou um cisne? E essas minhas penas?

CORUJA: Logo desaparecerão e você terá nova plumagem quando a lua estiver nova. Será sua noite de renovação. Agora durma, amanhã continuaremos a conversar.

PATINHO FEIO: Boa noite, Dona Coruja!

Obrigado por ter vindo me buscar. Tenho certeza que hoje vou dormir como nunca!

(Comadre Pata e Pateco. Pateco está com um curativo na bunda, dos tiros que passaram de raspão.)

PATECO: Ai, ai, ai... ainda dói muito, mãe!

COMADRE PATA: Se não fosse aquele "patinho-feio", nem reclamando de dor você estava...

PATECO: Estou preocupado com ele, mãe, ele ainda não voltou para casa. Será que os caçadores o caçaram?

COMADRE PATA: Pra quê?

PATECO: Ora, os caçadores caçam patos pra quê? Pra pôr na panela!

COMADRE: Fale baixo, se a Dona Pata ouvir isso..

PATECO: Sabe mãe, ele é que é meu verdadeiro amigo! Se não fosse ele, eu e as marrecas estaríamos, provavelmente, num caldeirão! Ele deu o alerta, gritou alto o meu nome e atrapalhou os tiros de um dos caçadores... E eu ainda vi um dos caçadores correndo atrás dele com uma rede enorme!

COMADRE PATA: Eu soube que a Dona Pata, pediu para a Dona Coruja procurá-lo, mas faz mais de quatro dias e nada! Nem a Dona Coruja voltou!

(Entra Dona Pata com um quadro na mão.)

DONA PATA: Comadre, Comadre Pata... olhe só o que encontrei!

COMADRE PATA: Quem são esses? (No quadro de família está a família de Dom Patruquio.) O tataravô, a tataravó, o bisavô, a bisavó, o avô, a avó, pai, mãe,

netos e bisnetos.

(Toda a platéia deve ver esse quadro.)

DONA PATA: É um quadro pintado pelo grande pesquisador dos patos-arminhos - Walt Disney! Ele pintou a nossa família. Aqui está o meu bisavô Dom Patruquio.

COMADRE PATA: Mas ele era um cisne!

DONA PATA: Sim, Dom Patruquio, meu bisavô, era um cisne real, um cisne negro!

COMADRE PATA: Dona Pata, você já percebeu o que eu percebi?

DONA PATA: E o que você percebeu que eu não percebi?

COMADRE PATA: Que o seu filho, o Patinho Feio, não é um simples patinho.

DONA PATA: Não? E o que ele é?

COMADRE PATA: É um cisne, como Dom Patruquio.

PATECO: É mesmo! O Patinho Feio, que é "meu" amigo, tem a cara do seu tataravô!

DONA PATA: Eu sabia! Eu sabia que ele era diferente! Claro que ele é diferente! Ele é um cisne!

(Entra o patinho feio. Ele está com a plumagem nova, bonita.)

PATINHO FEIO: Mãe!

DONA PATA: Meu filho! Como você está bonito!

PATECO: Nossa! Que plumagem linda!

COMADRE PATA: A dona natureza, desta vez, caprichou!

DONA PATA: Cadê a Dona Coruja, meu filho?

PATINHO FEIO: Já é dia, mãe, ela foi dormir. Apreendi tantas coisas com ela! Ela é sábia como a natureza. Ela me disse que ser feio ou bonito depende do ponto de vista!

(Todos festejam e cantam a música final.)

Obrigado por ter vindo me buscar. Tenho certeza que hoje vou dormir como nunca!

(Comadre Pata e Pateco. Pateco está com um curativo na bunda, dos tiros que passaram de raspão.)

PATECO: Ai, ai, ai... ainda dói muito, mãe!

COMADRE PATA: Se não fosse aquele "patinho-feio", nem reclamando de dor você estava...

PATECO: Estou preocupado com ele, mãe, ele ainda não voltou para casa. Será que os caçadores o caçaram?

COMADRE PATA: Pra quê?

PATECO: Ora, os caçadores caçam patos pra quê? Pra pôr na panela!

COMADRE: Fale baixo, se a Dona Pata ouvir isso..

PATECO: Sabe mãe, ele é que é meu verdadeiro amigo! Se não fosse ele, eu e as marrecas estaríamos, provavelmente, num caldeirão! Ele deu o alerta, gritou alto o meu nome e atrapalhou os tiros de um dos caçadores... E eu ainda vi um dos caçadores correndo atrás dele com uma rede enorme!

COMADRE PATA: Eu soube que a Dona Pata, pediu para a Dona Coruja procurá-lo, mas faz mais de quatro dias e nada! Nem a Dona Coruja voltou!

(Entra Dona Pata com um quadro na mão.)

DONA PATA: Comadre, Comadre Pata... olhe só o que encontrei!

COMADRE PATA: Quem são esses? (No quadro de família está a família de Dom Patruquio.) O tataravô, a tataravó, o bisavô, a bisavó, o avô, a avó, pai, mãe,

netos e bisnetos.

(Toda a platéia deve ver esse quadro.)

DONA PATA: É um quadro pintado pelo grande pesquisador dos patos-arminhos - Walt Disney! Ele pintou a nossa família. Aqui está o meu bisavô Dom Patruquio.

COMADRE PATA: Mas ele era um cisne!

DONA PATA: Sim, Dom Patruquio, meu bisavô, era um cisne real, um cisne negro!

COMADRE PATA: Dona Pata, você já percebeu o que eu percebi?

DONA PATA: E o que você percebeu que eu não percebi?

COMADRE PATA: Que o seu filho, o Patinho Feio, não é um simples patinho.

DONA PATA: Não? E o que ele é?

COMADRE PATA: É um cisne, como Dom Patruquio.

PATECO: É mesmo! O Patinho Feio, que é "meu" amigo, tem a cara do seu tataravô!

DONA PATA: Eu sabia! Eu sabia que ele era diferente! Claro que ele é diferente! Ele é um cisne!

(Entra o patinho feio. Ele está com a plumagem nova, bonita.)

PATINHO FEIO: Mãe!

DONA PATA: Meu filho! Como você está bonito!

PATECO: Nossa! Que plumagem linda!

COMADRE PATA: A dona natureza, desta vez, caprichou!

DONA PATA: Cadê a Dona Coruja, meu filho?

PATINHO FEIO: Já é dia, mãe, ela foi dormir. Aprendi tantas coisas com ela! Ela é sábia como a natureza. Ela me disse que ser feio ou bonito depende do ponto de vista!

(Todos festejam e cantam a música final.)

Abra os teus olhos, preste atenção
A vida é sempre cheia de surpresas!
Talvez ser diferente, as vezes é esquisito
Pra quem se acostumou a ver de fora
e não vê...
Que a beleza que existe lá dentro e
que é linda!
Cada um tem o jeito de ser, de querer,
de pensar de viver!

Quem disse que o pequeno, não pode
ser bem grande?
Quem disse que o torto, não pode ser
direito?
Quem disse que a alegria é feita de
sorrisos?
Quem disse que o feio, não pode ser
bonito?
Quem falou, hein? Quem falou, hein?

FIM

Obs: para ter acesso às músicas compostas para o espetáculo entre em contato com a autora. Tel. (011) 258-74-72 (SP)

Adolescentes

Enquanto se vai morrer
Renata Pallottini

“ENQUANTO SE VAI MORRER...”

Renata Pallottini

PERSONAGENS:

ÁLVARO — Ator 1
CLÁUDIA — Atriz 1
MARÍLIA — Atriz 2
ROBERTO — Ator 2
JONAS — Ator 3
A MESTRA — Atriz 3
BECCARIA — Ator 4
POETA ROMÂNTICO — Ator 5
NILSON — Ator 5
VETERANO
ZÉ MINUETO — Ator 6
CORIFEU
JÚLIO FRANK — Ator 5
SOLDADO DE 32 — Ator 1
MOÇA MINEIRA — Atriz 1
SENHORA MINEIRA — Ator 2
PRACINHA 1 — Ator 3
PRACINHA 2 — Ator 6
BISPO — Ator 2
CONS. BROTERO — Ator 6
ADVOGADO BROTERO — 6

NOTA

A MESTRA usa sempre beca. BECCARIA usa roupa do século XVIII e cabeleira branca. O POETA ROMÂNTICO, JÚLIO FRANK, o BISPO e o CONS. BROTERO usam roupas do século XIX. Os demais, de acordo com as suas funções e as indicações do texto.

1º ATO
1º CENA - "A ESCOLA"
TEMPO - 1970

(No escuro, ouvem-se os sons característicos da harpa paraguaia, numa "guarânia". Acende-se um foco, lentamente, em resistência, sobre uma mesa de bar. Paraguai, calor, país interior. ÁLVARO, sentado à mesa, escreve uma carta, relê, pensa, volta a escrever. A canção entra num trecho cantando em espanhol, o som torna a cair. ÁLVARO lê um trecho da própria carta.)

ÁLVARO:... "E agora me dizes que a Escola vai ser transferida, mudada. Mudada por quê? É absurdo. Como podem levar uma Faculdade de Direito para um *campus* universitário? Poderíamos usar os mesmos argumentos, aqueles argumentos que usamos no nosso tempo... E o fórum, e a advocacia, em si? Como despachar uma petição, ir ao tribunal, fazer as distribuições? A prática, onde está a prática? Onde eles põem a vida?"

(Volta a escrever; torna-se a ouvir os sons da canção paraguaia. Luz desce sobre Álvaro, enquanto se acende em resistência sobre Cláudia no outro extremo da cena. Ela está lendo carta de Álvaro, a mesma que ele escrevia quando foi visto.)

CLÁUDIA (lendo): "Recebi, faz dois dias, o teu poema. Não sei como dizer-te o quanto me tocou: já pela beleza do poema em si mesmo, já pela temática, que me mostra o poeta engajado nas preocupações de seu povo, já pela dedicatória, que só a

amizade explica. Por tudo, muito obrigado. Encontrei-te, como se fosse um reencontro pessoal, nos corredores da Escola, momentos antes de entrar em classe... A Escola! Quem poderá algum dia compreender, explicar, o que aquilo foi para nós? E agora me dizes que a Escola vai ser transferida, mudada. Mudada por quê? É absurdo! Como podem levar uma faculdade de direito para um *campus* universitário?"

2º CENA - "SOIS DA PÁTRIA"
TEMPO - 1956

(Imediatamente em seguida às últimas palavras da carta entra em cena um grupo de estudantes, do qual fazem parte Marília, Roberto, Jonas, entre outros. Entram e vão vestindo beca preta de estudante de Direito, com gola branca e faixa vermelha à cintura. Cláudia junta-se ao grupo, vestindo também a sua beca. Reúnem-se mais estudantes, formados, como para um grupo de canto orfeônico, em filas. Quando o primeiro grupo está pronto, entram a MESTRA, Beccaria, o Poeta Romântico, Júlio Frank; em suma, todos os personagens disponíveis. Os personagens não estudantes, com roupas características já indicadas sentam-se no chão. A MESTRA fica em pé, no centro, destacada. O coro de estudantes começa a cantar o Hino Acadêmico, música de Carlos Gomes:)

CORO: Sois da pátria esperança
fagueira
branca nuvem de um róseo porvir

do futuro levais a bandeira
hasteada na frente a sorrir;
mocidade, eia avante, eia avante,
que o Brasil sobre vós ergue a fé,
esse imenso colosso gigante
trabalhai por erguê-lo de pé.
O Brasil quer a luz da verdade
e uma c'róa de louros também
só as leis que nos dêem liberdade
ao gigante das selvas convém...
Mocidade, eia avante, eia avante
que o Brasil sobre vós ergue a fé
esse imenso colosso gigante
trabalhai por erguê-lo de pé...

(No trecho da metade para o fim nos versos "uma c'róa de louros também ..." o grupo abre-se ao meio, dividindo-se, e aparece o monumento ao Soldado de 32 existente no pátio da Faculdade de Direito de São Paulo, com seus versos gravados em bronze; ao mesmo tempo, fundindo-se aos acordes finais do hino, uma única voz masculina canta:)

Quando se sente bater
no peito heróica pancada (bis)
deixa-se a folha dobrada
enquanto se vai morrer... (bis)

(Os componentes do grupo vão saindo, um a um. Cláudia e Marília ficam, tirando suas becas, que deixam ao chão; fica também a Mestra, vestida com sua beca.)

3ª CENA - "O VESTIBULAR" TEMPO - 1950

(Cláudia e Marília estão subindo as escadas centrais da Escola; cruzam-se com a Mestra, que desce, detendo-se um degrau acima das duas; ambas

têm livros nas mãos, são estudantes que estão fazendo vestibular.)

MESTRA (a Cláudia): Eu notei você no exame de inglês; você foi bem.

CLÁUDIA (muito atrapalhada): Eu... Eu tive sorte...

MESTRA: Não, você foi bem. Você pode se colocar bem no vestibular.

CLÁUDIA: Eu só queria entrar.

MESTRA: Por quê? Você pode ter uma boa colocação.

CLÁUDIA: Eu fui mal em latim. Ela foi melhor. (Aponta Marília; está assustada e diz coisas inoportunas.) Ela é de Tietê.

MESTRA: Ah, é? (Voltando ao assunto, para Cláudia.) Quem foi seu professor de inglês?

CLÁUDIA (muito confusa.): Foi... foi... o doutor... (Tem um **branco** de memória. Os livros ameaçam cair do braço.) No colégio foi o...

MARÍLIA: Ora, você me disse, outro dia...

CLÁUDIA (começando a ficar em pânico): Era um médico... Um médico judeu...

MESTRA (muito calma): Como era o nome?

CLÁUDIA: Era... Espera... Eu não me lembro... Era...

MESTRA: Você tinha estudado inglês antes disso?

CLÁUDIA: Tinha... Eu tinha uma amiga... Era uma senhora... Era norte-americana...

MESTRA (absolutamente neutra): Ah, uma amiga...

MARÍLIA (tentando ajudar): Foi no cursinho. A gente fez um cursinho puxado...

MESTRA: Quer dizer que você não se lembra?

CLÁUDIA (desesperada): Não me lembro mesmo! (Os livros despencam.)

MESTRA (divertindo-se um pouco): Não é possível!

CLÁUDIA: Não me lembro! Não me lembro! (Destaca-se das duas outras, que se afastam para a zona escura, avança, grita, está em pânico.) Eu não me lembro!

(Beccaria aparece, calmo; aproxima-se de Cláudia, dá-lhe a mão, amigo, ajuda-a a recolher os livros, acalma-a, passa a mão na sua cabeça, enquanto fala.)

BECCARIA: Ele se chama David; doutor David Selznik; o seu professor de inglês. Ele era pediatra. Era um médico, médico de crianças. Miss Leila era sua amiga. Você tinha seis anos. Você aprendeu inglês com ela. Ela era uma missionária protestante...

CLÁUDIA:...Missionária...

BECCARIA: Ela te ensinou inglês, e também te ensinou a rezar... Você lia livros infantis em inglês; ela tinha jogos de armar, jogos trazidos dos Estados Unidos. Ela era missionária em Goiás, e tinha vivido com índios. O doutor David foi teu professor no colégio. Ele já encontrou muito trabalho feito, você já sabia bastante. Mas tinha se desentendido de Miss Leila, desde os dez anos...

CLÁUDIA: Dez anos...

BECCARIA: Ele foi um bom professor. Mas ela já tinha feito o principal.

CLÁUDIA: Como é que ele se chamava, mesmo?

BECCARIA: Doutor David Selznik.

CLÁUDIA: É isso! Marília, ele se chamava David, eu não disse?

Era médico e era judeu!

BECCARIA: Você não teve culpa de não se lembrar.

CLÁUDIA: Não tive culpa?

BECCARIA: Não, é claro.

CLÁUDIA: Mas, e agora? Agora, eu nunca mais vou esquecer disso!

BECCARIA: Esquece. Você esquece. E depois, se não esquecer, não tem importância.

CLÁUDIA: Tem importância, sim! Como é que eu vou fazer, se nunca mais me esquecer disso? De tudo isso? Da Escola, dos mestres, dos companheiros, de tudo isso?

BECCARIA: Você esquece... a gente sempre esquece... e depois, se não esquecer, não tem importância...

4ª CENA - "TROTE" TEMPO - 1950

(Desaparecem Cláudia e Beccaria; estudantes, mais rapazes que moças, entram em cena, de roupas incompletas, sujos, cabeças raspadas ou semi-raspadas. Alguns veteranos, cabeludos. Um dos calouros pode estar sendo carecado no momento. Gritos, protestos. Os calouros invadem a platéia, com saquinhos de pano nas mãos, pedindo esmolas. Pedem e aceitam apenas moedas. Há bandeiras vermelhas. As moças riem, assustadas. Ambiente de susto e excitação. Pequenas mechas de cabelo são cortadas da cabeleira das meninas. Uma pequena mecha é grudada debaixo do nariz de uma delas, a modo de bigode. A caloura aceita a brincadeira. Ação simultânea, desenvolvendo-se em agitação crescente. De repente um

calouro, careca e seminu, centraliza a ação. Insultos. Gritos de "calouro burro". O calouro protesta e reage. Por alguma razão ele se insurgiu contra o trote. Dão-lhe uma chave de braço, ele cai de joelhos; os calouros que estavam na platéia, vão voltando e fazem uma roda em torno da ação central. Rodeando o rapaz que está sendo maltratado pelos veteranos, os calouros sacodem os saquinhos de moedas que tilintam, fazendo marcação ritmada. O calouro geme e apanha. Os veteranos passaram à condição de verdugos. As calouras aproximam-se e olham. A cena de violência prossegue, em ascendência, até que o calouro recebe uma bordoadada na cabeça e cai de borco, imóvel. A música dos saquinhos de moedas pára, de repente. Ouve-se uma voz masculina, solitária, no mais absoluto silêncio e na completa imobilidade dos demais:)

VOZ: "Sois da pátria a esperança fagueira, branca nuvem de um róseo porvir, do futuro levais a bandeira hasteada na frente a sorrir..."

(*Black out.* Um tempo; ouve-se uma voz masculina, fora.)

VOZ: Calouro! Vai pra faculdade! (Um tempo, e surge Roberto, careca, ou quase, de sapatos, meias, cuecas e um paletó vestido do avesso; veio correndo, está desorientado. Agora, voam nuvens de farinha vindas do alto e de fora. Vozes, vaias, gritaria. Surgem Cláudia e Marília, cabelos sujos de farinha, cansadas e confusas.)

ROBERTO (ofegante): Valeu a pena. Puxa vida, se valeu. Cabelo raspado, era um distintivo! Mais

cinco anos, e eu caso com a Silvinha!

CLÁUDIA (com bigode feito de cabelo cortado de sua própria cabeleira e grudado): Você está com o teu distintivo?

MARÍLIA (mexendo na blusa): Estou, e você?

CLÁUDIA: Na bolsa. Tive medo de perder, na confusão. Amanhã eu já ponho.

ROBERTO (falando para ninguém): Eu entrei! Eu entrei pra Escola! Eu, metade da turma do Cursinho, mais de um terço da turma do clássico!

MARÍLIA: E esse bigode?

CLÁUDIA: Eles cortaram da minha franja e grudaram aqui. Foi o Uoshinho.

MARÍLIA: Meu cabelo está que é só farinha.

ROBERTO: Pra agüentar aquela correria e tudo, me deram de beber.

MARÍLIA (para ele): O quê?

ROBERTO: Conhaque.

MARÍLIA: Com esse calor?

ROBERTO: E daí?

MARÍLIA: Daí, eu telefonei pra Tietê, e avisei que tinha entrado. Foi aquela festa. Eu mesma não acreditava, ninguém acreditava. Ler os nomes na lista era uma emoção que a gente quase não suportava.

CLÁUDIA: A gente quase não suportava.

ROBERTO: A gente tinha dezoito anos.

MARÍLIA: Foi quatro anos depois do fim da guerra.

CLÁUDIA: Um ano antes da eleição do Getúlio.

ROBERTO: A gente ainda não tinha

votado.

CLÁUDIA: Nem tinha vivido.

(Tempo.)

MARÍLIA: Não vai tirar esse bigode?

CLÁUDIA: Não. Por quê?

ROBERTO: Quer ver como eu tiro ele?

(Roberto avança para Cláudia e beija-a. Tempo. Os três estão parados. O bigode passou para o rapaz, que o apanha nos dedos, olha, sorri.)

MARÍLIA (sentindo-se demais):

Desculpem.

ROBERTO: Você sabia que um beijo pode apaixonar?

CLÁUDIA (indiferente): Eu vou para casa. (A Marília.) Você vai almoçar conosco?

MARÍLIA: Não posso, tenho que lavar o cabelo.

CLÁUDIA: Mas você prometeu, eu avisei minha mãe.

MARÍLIA: Hoje não dá.

ROBERTO: Um beijo pode apaixonar. Você sabia?

CLÁUDIA: E a Silvinha? Tem a Silvinha. Noiva é noiva.

(As duas moças saem, cada uma para o seu lado.)

ROBERTO: A gente ia casar, dentro de cinco anos. Foi minha primeira namorada. E, a bem dizer, a última. Casei com ela, depois. Ela tinha esperado como eu.

VOZ (fora): Calouro! Calouro burro! Corre, calouro! Corre!

ROBERTO (alerta): Ia começar a corrida. Era a minha oportunidade. Eu tinha sofrido, suado, atravessado as noites.

(Entra um Estudante Veterano, trazendo um canudo de papel e uma cabeça de burro, de papelão pintado. O Veterano deposita a cabeça no chão, desenrola o papel e lê.)

VETERANO (lendo): "A douta, eminente, emérita, egrégia, magnífica e sereníssima Comissão do Trote de 1950, enojada e profundamente revoltada com a asquerosa e nauseabunda presença do hipossuficiente e apalhaçado indivíduo denominado Roberto Stamato Burro da Silva, de mau grado aquiesce em extrair do indigitado supra a ínfima e irrisória importância de cento e cinquenta paus, que reverterá para a Caixinha do governo desta comissão, concedendo-se ao Bicho o pré-excelso privilégio de receber a Carteira do Centro e de sofrer como um cão sem dono até o próximo dia de Graça. Antônio P. de Lima. Presidente da Comissão do Trote".

(Ao terminar a leitura do diploma, o Veterano coloca a cabeça de burro na cabeça de Roberto. Este se adianta, solenemente.)

ROBERTO: Antigamente a escola era risonha e franca.

(*Black out.* Sai o Veterano; em cena Roberto, entrando Cláudia, Álvaro, Marília, Jonas. Estariam em casa de Cláudia. Centro do espaço cênico. Vão fazer uma brincadeira...)

5ª CENA - "BRINCADEIRA DE SALÃO" TEMPO - 1950

(A brincadeira é comandada por Roberto. Álvaro, que veio de outro estado, e ainda não se acostumou ao grupo, está muito esquerdo, mas ansioso por enturmar.)

ROBERTO: Vamos lá formar essa roda?

CLÁUDIA: Roda, formar roda!
(Fazem um círculo, aberto largo.)
ÁLVARO: Que brincadeira é essa?
ROBERTO: É engraçado, entra aí
depois você vê.
JONAS: Mas como é?
ROBERTO: Espera que eu explico.
ÁLVARO: É brincadeira paulista?
ROBERTO: Lá vem o outro com
discriminação...
ÁLVARO: Não é isso, é que eu não
conheço...
MARÍLIA: Ninguém conhece.
ROBERTO: Vamos lá?
CLÁUDIA: Como é que se faz?
ROBERTO: É assim, prestem atenção.
JONAS: Tem prêmio?
CLÁUDIA: Tem lanche.
JONAS: Tem aquele sanduíche de
sardinha?
CLÁUDIA: Alguma vez você foi mal
servido aqui em casa?
JONAS: Eu não, mas o Álvaro não
conhece a casa. É bom pra
animar ele.
ÁLVARO: Que é isso, eu estou bem.
ROBERTO: O negócio é o seguinte:
começando por mim, cada
pessoa deve passar a mão na
cara do seu companheiro da
direita.
JONAS: Como é?
ROBERTO: Quer dizer: cada rodada, o
chefe faz uma coisa: passar a
mão no nariz do outro, na orelha,
cruzar a testa, coçar a
bochecha, qualquer coisa. Em
cada rodada o gesto muda, e
todos devem imitar.
MARÍLIA: E isso é engraçado?
ROBERTO: Vocês vão ver. Começar!
(Na roda que está formada, Álvaro
está á direita de Roberto; portanto
será atingido por este.)

ROBERTO: Lá vou eu!
(Roberto inicia a brincadeira,
passando a mão na cara de Álvaro;
este repete o gesto com Marília, todos
repetem o gesto e nada acontece.
Completa-se o círculo. Roberto enfia a
mão direita no bolso da calça.)
JONAS: Que brinquedo besta!
ROBERTO: Espera um pouco que já
melhora!
MARÍLIA: Qual é a graça!
ÁLVARO: Vamos esperar, gente!
(Álvaro continua ansioso por ser
amigo; na segunda rodada, Roberto,
que manchou a mão de vermelho ao
metê-la no bolso da calça, suja o nariz
de Álvaro; todos riem, mas não
apontam. Ele não se dá conta, assim
continua o brinquedo e Álvaro vai aos
poucos ficando todo manchado, sem
saber, e rindo com os demais, que se
riem dele. A coisa está, já agora,
maligna e histérica. De repente,
Marília interrompe.)
MARÍLIA: Não. Assim não!
(A brincadeira pára, bem como as
risadas. Álvaro percebe que estavam
rindo dele. Corre e apanha um
espelho. Olha-se com surpresa e dor.
Alguns voltam a rir. Marília lhe dá um
lenço, ele limpa o rosto, esfrega-se
com raiva. O lenço e o rosto estão
manchados como os de um palhaço.)
ÁLVARO: Isso não estava... Não era...
Isso não é justo!
ROBERTO (tentando rir): É brincadeira!
ÁLVARO: Não é justo! Vocês não me
conhecem, isso não se faz!
CLÁUDIA: Foi brincadeira, Álvaro. Não
foi por mal.
ÁLVARO: Brincadeira! E tinha que ser
comigo? Por que, comigo?
(Suspeitoso.) Você sabia?
CLÁUDIA: Eu não. Eu não sabia. Juro

que não sabia. (Todos vão saindo.) Nem eu, nem a Marília... nem o Jonas. Mas, e daí? A escola era também isso: a crueldade, o sangue do calouro, o sangue do transferido. O Álvaro tinha vindo transferido do norte. Pra que? Azar dele. Não tinha passado pelo nosso vestibular, e isso pra nós era imperdoável. O nosso suor da testa, o suor das mãos de quem sabia que um ano perdido era perdido pra sempre... Quem sofreu junto, diante daquelas malditas cátedras, a traduzir latim com a saliva embolada na garganta... Quem sofreu junto sabe... Ele era um estranho...

VOZ DE ÁLVARO (fora):... "E agora me dizes que a Escola vai ser transferida, mudada... Mudada, por quê?"

CLÁUDIA: Não sei por que. Razões sempre existem. Toda a universidade está sendo juntada num lugar só. Para isso existe uma Cidade Universitária, dizem eles. É preciso criar um espírito universitário, juntar todas as escolas e todos os estudantes num *campus*. Que importância tem um prédio, uma casa, ainda que seja uma casa especial como esta? Que importância tem o fato de que seja quase um convento? Ela não é mais um convento, dizem eles, só tem a forma de um convento. Os poetas, aqueles, poetas, de fato não viveram aqui, neste prédio. Que adianta supor que viveram? Eles não viveram aqui, só pisaram num chão que corresponde ao

chão que nós pisamos... a este mesmo chão que eu agora piso. As paredes não são as mesmas... na verdade, são paredes relativamente novas. Não eram assim, no século passado... Nem um de nós é Castro Alves, nem Fagundes Varela, nem Álvares de Azevedo. Se algum de nós quiser morrer tuberculoso, será por sua própria conta e risco... e isso não terá glória nenhuma. Até a morte foi desmistificada. Morreremos de enfarte, como o Jonas; ou de cirrose, como o Paulo; ou de acidente de automóvel. Nosso velório será feito em nosocômio, nosso enterro em necrópole... Nossa morte não terá glória nenhuma... Se quisermos morrer tuberculosos, será por nossa conta e risco...

6ª CENA - "A MORTE" TEMPO - 1950

(Sai Cláudia. Entram, no escuro, Álvaro, Jonas, Roberto e Nilson, magro, vermelho de febre, e com uma garrafa na mão; sentam-se em círculo, tomando Álvaro a direção dos trabalhos. Nilson tosse um pouco e não deixa a garrafa. Está começando a se embriagar.)

ÁLVARO (batendo no chão): Ordem, ordem!

(As conversas paralelas que estavam se iniciando diminuem.)

NILSON: Se houver ordem, não é maçonaria, não é Bucha, nem é satanismo.

ÁLVARO: "Bucha" não quer dizer desordem.

JONAS: Ordem em termos,

pracomeçar o relatório. Quem relata?

ÁLVARO: Você, burro!

NILSON: Eu protesto! Quero dizer o meu poema a Lúcia Beatriz.

ROBERTO: Eu não tenho nada contra a poesia, mas o assunto hoje é Satã.

NILSON: Pois é, as mulheres são uns demônios.

(Tenta levantar-se, inseguro, e recita.)

NILSON: Conheço a vida, já vivi bastante, já conheço as mulheres, meu amigo. Desde a jovem donzela à livre amante todas fingiram grande amor comigo.

TODOS: Não é isso, não é isso!
(Protestos.)

ROBERTO: Se for pra dizer poesia, o poeta de hoje é Carducci. Eu fiz tradução livre do "Anticlericalismo maçônico".

ÁLVARO: Vocês estão brincando! Com poesia não se brinca! Gente, que é a Bucha? O que é que nós vamos fazer? Vocês querem pensar nisso?

NILSON: O que é que você tem contra a poesia? (Bebe na garrafa.)

ROBERTO: Me passa isso.

JONAS (medroso): Nilson, você já está... Melhor?

NILSON: Você quer dizer se eu não estou mais contagiante?

JONAS: Não é isso... É que...

NILSON: A garrafa é minha, Roberto. É melhor você se cuidar... Cupim no peito é fogo.

ROBERTO (machão): Deixa disso... (Nilson lhe passa a garrafa, limpando antes o gargalo, Roberto bebe um gole e passa a Jonas, que hesita, depois recusa.)

ÁLVARO (alheio a tudo o mais): O assunto é o seguinte: por que Satã?

TODOS: Porque sim! Porque não!
(confusão, assobios, risos.)

ÁLVARO: O Diabo tinha uma função, quando Júlio Frank trouxe a Burschenschaft pra cá... Aquele era um tempo... Tudo era novo, o fumo, o vinho... A gente ia pra o cemitério, todos tremiam de medo, mas se fingiam de indiferentes... Nada valia, muito menos a vida... mas agora, a vida tem que valer... Por que Satã?

(Falas improvisadas, que darão aos atores a liberdade de dialogar sobre o tema Satã, e o que este tema lhes sugira.)

ROBERTO (declamando sua tradução):
"Teu aspersionário
Já está demais.
Padre, Satã não volta atrás!"

JONAS: Está bom, mas por quê?

ROBERTO: Porque Deus não resolveu!

ÁLVARO: Porque o Diabo é indivíduo!

NILSON: Porque o Diabo é a mulher!

ÁLVARO: Ele tem idéia fixa.

JONAS (tomando notas): Tenho que relatar tudo isso?

ÁLVARO: Claro. Ponha aí: porque Satã criou a liberdade!

JONAS: Então, a Bucha luta pela liberdade?

ÁLVARO: Claro, merda!

JONAS (escrevendo): Já é alguma coisa.

NILSON: Pela liberdade e pelo Amor!
(Tosse.) Aqui faz frio! (Calafrios. Bebe mais.)

JONAS: Vamos mandar pôr calefação no centro, viu?

ÁLVARO: Você está com febre ou está

de fogo?

NILSON: Deixa pra lá.

ROBERTO: Pela liberdade e pelo Amor.
E contra quê?

ÁLVARO: Contra a tirania!

JONAS: E contra o professor de Direito Romano!

ROBERTO: Contra todos os professores!

NILSON: Contra todas as mulheres,
menos Lúcia Beatriz.... (Encolhe-se de frio.)

ÁLVARO: Onde fica o Diabo nisso?

ROBERTO: Fica em tudo! Em toda parte está o Diabo!

ÁLVARO: E onde fica a atividade política?

JONAS: É... Não fica em lugar nenhum...

ÁLVARO: A Liberdade, a Liberdade... Mas o que é que a gente faz?

JONAS: A gente vota no Partido Libertador!

ÁLVARO: Palhaço! Você não vê que isso é uma eleiçãozinha vagabunda de Centro Acadêmico? Que Renovador e Libertador são o mesmo partido com nomes diferentes? Que na verdade tudo é igual e o nosso voto não muda nada?

NILSON: Alguma coisa sempre muda. (Bebe. Tempo. Entra em cena o engraxate, Zé Minueto; muito bêbado.)

ROBERTO: A gente precisa se unir no Libertador.

ÁLVARO: Por que libertador, pitombas!?

ROBERTO (irritado): E por que União Estadual dos Estudantes?

ÁLVARO: Porque é a célula estadual de uma União Nacional dos Estudantes.

ROBERTO: Tá bom, mas por quê?

ÁLVARO: Porque nós somos estudantes,

e temos que formar um grupo, pra pensar juntos.

ROBERTO: Aqueles caras são uns comunistas!

ÁLVARO: Eu não sou comunista. Sou democrata. É isso que você quer saber?

ROBERTO: Eu quero saber o que tem que ver União Estadual dos Estudantes com Bucha...

ÁLVARO (cansado): Sei lá. Juro que não sei.

NILSON: A gente nunca sabe nada.

ROBERTO: Eu o que quero...

ÁLVARO (interrompendo): Você o que quer é entrar pra Academia de Letras como a Cláudia... Vocês esquecem que isto é uma faculdade de Direito...

(Zé Minueto, muito bêbado, já sentou no chão e bebeu da garrafa de Nilson.)

ZÉ MINUETO: Faculdade de Direito Canônico...

ÁLVARO: Não enche, Zé...

ZÉ MINUETO: Direito canônico é direito que trata dos canos...

(Roberto e Jonas já estão rindo.)

ZÉ MINUETO: Tem o Direto Pretoriano, que é o Direito dos pretos...

ROBERTO: E Direito putativo, Zé?

ZÉ MINUETO: Direito putativo é o Direito das putas...

(Todos riem, inclusive Álvaro; Nilson dá gargalhadas e deita no chão; de repente, tem um acesso de tosse, e solta a garrafa, leva a mão à boca. Não se vê sangue; ele é socorrido pelos outros.)

ÁLVARO: Que que foi, cara!

ROBERTO: Ele não devia estar aqui... Tamanho inverno! Chama um médico!

ÁLVARO: Às três da manhã?

JONAS: Que que aconteceu?

ROBERTO: Ele não devia ter saído de São José... o cara tem um pulmão só... que Diabo!

(Luz concentrada sobre Jonas, que se levanta, com o livro de ata nas mãos.)

JONAS: E o que é que eu ponho no relatório? Bom, está certo, o Diabo. Era pra tratar do assunto Diabo, mas não estava programado isso, quer dizer, é claro que isso não podia estar programado, mas a gente tinha pensado numa sociedade secreta mesmo, a Burschenchaft, com símbolos, corujas, tudo em ordem, que nem no tempo do Júlio Frank, mas ninguém sabia muito, ninguém sabia quase nada, e depois, o Nilson estava lá, de vez em quando ele aparecia, fugia do Sanatório, ele precisava da Escola, do ambiente, fazia treze anos, imagina só, treze anos que ele estava na Escola, vê se é possível... O meu enfarte não tinha se anunciado, não, isso não é do relatório, eu era apenas um pouco nervoso, disfarçava, todos pensavam que eu era um bonachão, mas eu tinha muita responsabilidade em casa, trabalhei, trabalhei muito, eu me preocupava sempre com tudo, ninguém sabia, sempre trabalhei muito e me preocupei, mesmo nesse dia, eu me lembro... O meu enfarte ainda não tinha se anunciado, a gente era muito moço, meu Deus, como a gente era moço... Eu tinha medo da tuberculose, que que eu ia fazer, eu tinha medo... Mas os outros... Como os outros eram diferentes,

parecia uma guerra, conforme a coisa ia se adiantando, era uma guerra...

(Luz sobre o corpo de Nilson, morto, deitado; Jonas fica ajoelhado a seu lado, e se deve ver que o próximo a morrer, do grupo todo, será ele... Jonas começa a chorar, um pouco por Nilson, e um pouco por si próprio... Álvaro sai, indiferente a tudo, olhando pra frente, pensando na vida e não na morte... Roberto e Zé Minueto estão ainda em cena.)

ROBERTO (a Jonas): Por que você está chorando?

JONAS (chorando): Porque ele morreu... Porque a gente vai morrer...

ROBERTO: O que que você acha do meu sapato; bacana pra burro, ou feio?

JONAS: O quê?

ROBERTO: Esquece, cara. Desliga. (A Zé Minueto.) Zé. O que que é Direito real?

ZÉ MINUETO (absolutamente bêbado): Direito real é o direto do rei.

ROBERTO: E quem é o rei, Zé?

ZÉ MINUETO: Não sei.

ROBERTO: Rei é aquele que põe a corôa na cabeça antes que...(estala os dedos.) antes que... O que, Zé?

ZÉ MINUETO: Outro aventureiro...

ROBERTO: Um aventureiro...

ZÉ MINUETO: Um aventureiro... Dela se aposse...

ROBERTO: A coroa, Zé... E o cortejo... A minha corte...

(Zé Minueto apanha uma coroa de papelão dourado; uma das luzes está acesa sobre Nilson e Jonas; outra focaliza a coroação de Roberto, por Zé Minueto, bêbado.)

ZÉ MINUETO (fazendo a coroação):

Direito real é o direito do Rei.

ROBERTO (pondo as mãos na coroa):

Ao Rei, os direitos reais!

(Entra a corte, composta dos que forem na cena inicial os calouros e os veteranos, cobertos de mantos e trapos coloridos.)

CORO: Deus salve o Rei!

ROBERTO: O rei de todos os tribunais!

CORO: Deus salve o Rei!

ROBERTO: Pois rastejei aos pés do que é mais, e aquejei mais que os demais serei o Rei das Sociedades...

CORO:... Das Sociedades Profissionais, dos Sindicatos Patronais...

ROBERTO: E das contas dos Tribunais.

CORO: Deus Salve o Rei!

(A Corte circula e faz o beija-mão. Ignora-se o corpo de Nilson e a presença de Jonas.)

ROBERTO: Para isso me preparei.

CORO: Deus salve o Rei!

ROBERTO: O que fiz e o que farei.

CORO: Deus salve o Rei!

ROBERTO (com ódio): E por isso vencerei!

CORO: Salve! Salve! Deus salve o Rei!

(Zé Minueto cobre os ombros de Roberto com um manto, depois apanha-o pela cauda, e o segue, enquanto ele sai, acompanhado depois pela corte. Jonas e Nilson ficam em cena.)

JONAS: O meu enfarte ainda não tinha se anunciado...

(*Black out.* Passa-se imediatamente à cena seguinte...)

7ª CENA - "A COMPOSIÇÃO DO TÚMULO" TEMPO - 1840

(Ambiente de penumbra onde

sobressai o negro; ao fundo, meio encostado a um sustentáculo, está o corpo de um moço louro, de cerca de 30 anos. Tem os olhos abertos, mas está morto. Veste roupa de cerimônia do século passado, camisa branca. É branco e pálido, de cabelos longos, românticos. A luz está sobre ele. Entram no fundo duas filas de rapazes, estudantes, vestidos de escuro. Trazem capas negras, capuzes. Cada um deles traz nas mãos um elemento cabalístico e ao mesmo decorativo. Alguns trazem velas negras, outros triângulos de madeira, outros ainda cruces elaboradas, rosas brilhantes, estrelas, faixas pretas. Os quatro últimos componentes do cortejo trazem quatro corujas de metal dourado, de tamanho natural. À frente, um corifeu, que traz um archote. Aproxima-se do corpo. O corifeu inclina-se e fixa o archote numa base, que está aos pés do morto. As velas são colocadas ao redor do corpo, formando um quadrilátero. Os portadores das corujas são as quatro pontas, os quatro ângulos do retângulo. O corifeu inicia um canto, ao qual responderá o coro:)

CORIFEU: Satã e a vontade do morto.

CORO: Assim seja com seu corpo.

CORIFEU: Satã e o descanso do morto.

CORO: Que ele sobreviva ao longe.

CORIFEU: Satã por dentro do morto.

CORO: Ali posto e a seu conforto.

(Um dos membros do coro adianta-se e faz um "X" na testa do morto, com tinta vermelha, a mesma que marcou Álvaro, antes.)

CORIFEU: Marcado para o desvelo.

CORO: Para que possam reconhecê-lo.

CORIFEU: Marcado para o eterno.

CORO: Como Satã no seu inferno.

CORIFEU: Assinalado na testa.

CORO: Para o demônio e sua festa.

(Ouve-se o sino do convento de São Francisco, lento e ao longe.)

CORIFEU (ao morto): Ouve a música noturna.

CORO: Com teus ouvidos absurdos.

CORIFEU: Ouve a música noturna.

CORO: Como nos tempos do estudo.

CORIFEU: Ouve a música noturna!

CORO: Ouve e despede-te de tudo.

CORIFEU: Ouve a música noturna.

CORO: No teu poço sem fundo.

CORO: No teu universo mudo
no teu frio profundo.

OUVE A MÚSICA NOTURNA!

CORIFEU: Ouve, e despede-te de tudo.

(Cessa o som do sino. Os membros do cortejo cercam o corpo e o levantam, até que ele esteja de pé. Trazem-no para o centro do espaço cênico. Seus olhos azuis estão abertos. O coro o rodeia, como se cada componente fosse uma haste da grade que vai rodear o túmulo de Júlio Frank na Faculdade de Direito de São Paulo. As quatro corujas estão nos quatro cantos do túmulo, o corpo de pé. Tambor. Com o Corifeu à frente, é feita a composição do túmulo. As velas estão acesas. Luzes, concentradas no centro. O coro grita, em latim, os termos do seu epitáfio:)

CORO: Hic Jacet Julius Frank In Hac
Paulopolitana Academia
Professor Natus Gothas Sit Ei Terra
Levis!

(Os últimos gritos do coro ressoam, a luz se apaga, o túmulo se desfaz, mas os mesmos componentes do cortejo passam, agora, a entoar uma canção acadêmica moderna, o "Quim quim

querum".)

8º CENA - "A PERUADA"

TEMPO - 1950

CORO: Quim quim querum
good night in querum
quim quim querum (Bis)
quim quim querum

Ó Nicodemo, ah, ah, ah, ah,

Ó Jalauba, ah, ah, ah, ah,

(Bis)

Ó Nicodemo

Ó Jalauba

(na segunda vez.) uba, uba, uba,
uba, uba, uba, uba, uba, uba,
uba,

Pim pim pim piririm pim pim pim

Pim pim pim piririm pim pão

Pim pim pim piririm pim pim pim

Pim pim pim piririm pim pão

Universidade, universidade olha o
Jalauba, uba, uba.

Uba, uba, uba, uba, uba, uba.

(Imitando foguete.) shhhhhhhhhh
pun!

shhhhhhhhhh pun!

shhhhhhhhhh pun!

Academia, Academia, Felicidade!

(Extingue-se o grito de guerra; os estudantes, ainda de capa, estão escalando o muro da faculdade, tentando passar para dentro. É noite, o prédio fechado. O muro é formado e escalado pelos próprios estudantes, divididos em duas turmas, a que compõe o muro e a que o escala. No grupo estão Álvaro, Roberto e Jonas. Os estudantes carregam objetos debaixo das capas. O diálogo deve surgir da própria escalada, de suas

necessidades e dificuldades, com as seguintes frases base:)
Cuidado, atenção aí. Olha o bicho. Trouxeram o vinho?
Menos barulho senão o Zé acorda. Zé está bêbado a esta altura. Se ainda não está, vai ficar. Não empurra!
Vê se não aperta, senão não sobra nenhum vivo!
(Toda a cena é, evidentemente, de movimentação exterior, e as falas devem sugerir e surgir da movimentação. Finalmente, o muro é escalado, desfaz-se, todos estão, agora, no interior. Debaixo das capas surgem alguns perus vivos e garrafas de vinho.)

ÁLVARO: Finalmente!

ROBERTO: Caramba, que trabalho!

ÁLVARO: Que será que os velhos vão dizer amanhã?

ROBERTO: Sei lá? Também, você já ouviu falar de professor de Direito criar peru?

JONAS: Criar ainda não é nada, mas expor?

OS RESTANTES: Pega o peru aí, pega! Não deixa correr!

ROBERTO: Quem é que vai matar e limpar essa droga?

JONAS: Droga não, são perus premiados em exposição!

ÁLVARO: Menino, isso não existe! Roubar os perus da Exposição! Só nós.

ROBERTO: Já disse. Professor de Direito ensina Direito. Não cria peru nem vai ficar expondo o peru dele.

JONAS: O que o Consulado do Peru sofreu hoje, atendendo telefone...

ROBERTO: O melhor é o que vai sofrer amanhã.

ÁLVARO: Acorda o Zé Minueto.

ROBERTO: Pra quê?

ÁLVARO: Pra ajudar aqui nos perus.

ROBERTO: Zé vai estar tão bêbado que não vai saber se isso é peru ou elefante.

ÁLVARO: Mesmo assim, acorda ele. Eu não sei matar peru.

ROBERTO: Abre o vinho.

JONAS (passando-lhe a garrafa): Está aberto.

(Bebem nas garrafas. Gritam.)

ÁLVARO: E pro peru nada!

TODOS: Tudo!

ÁLVARO: Um quim quim querem!
(Recomeçam o "quim quim querem". Ao fundo, Roberto, Álvaro e Jonas permanecem.)

ROBERTO: Com essa, a gente ganha as eleições do Centro.

ÁLVARO: Com essa não. É preciso ideologia, convicção. Quantas vezes eu preciso dizer isso pra vocês?

JONAS: Que é que vocês tão falando aí?

ROBERTO: Da eleição.

JONAS: Pensei que era do peru. Quêê eles?

ROBERTO: O pessoal levou pra dentro. Dá um cigarro.

(Os restantes desaparecem com os perus. Desapareceu também o grito de guerra. Restam as garrafas de vinho, e os três.)

ÁLVARO: Precisa ter ideologia, saber o que quer, falar com base. Isto aqui, gente, é só o começo.

JONAS: Começo do que?

ROBERTO: Começo de tudo, não, palhaço? Ou você vai advogar sem o canudo?

ÁLVARO: Não é só isso. Advogar está certo. Mas o que é que a gente quer no duro? Trabalhar, ganhar

dinheiro, criar família?

JONAS: Pra mim, está bom, esse programa aí.

ÁLVARO: Pois pra mim não está! Eu quero fazer coisas, quero deixar minha marca na história, quero pensar!

ROBERTO: Cau-da-lo-so!

ÁLVARO: Ora, vai te fotografar.

JONAS: Oba, cheiro de peru assado!

ROBERTO: Ainda é muito cedo. Não deu tempo.

JONAS: Então, deve ser um peito de peru qualquer.

ROBERTO: Por falar em peito, onde é que a gente vai, saindo daqui.

JONAS: Que dúvida! Pegar mulher, não?

ROBERTO: Sei, mas qual delas?

JONAS: A mais barata, que eu estou duro.

ÁLVARO (rindo): Em que sentido?

JONAS: Em todos que você quiser, bem...

ÁLVARO: Te racho o crânio.

JONAS: O problema é que se a gente pega a mesma mulher que você, e vai depois de você, precisa arrumar um calço... O exemplar de domingo do Estadão, por exemplo...

ROBERTO (orgulhoso): Desculpa, mas o papai, aqui... Não é pra me "gambá", porém...

JONAS: Quem vai quem não vai?

ÁLVARO: Eu não.

JONAS: Ué, fez promessa?

ÁLVARO: Não é isso. Não é isso. Estou cansado de mulher... qualquer...

ROBERTO: A gente pode mandar vir uma princesa árabe pra você... O Álvaro quer uma mulher especial... Que ele ame!

ÁLVARO: Mas é claro. Você não vê

que é claro?

ROBERTO: Sei. Tá bom. Agora recita uma poesia.

ÁLVARO: Não chateia.

JONAS: Recita! Recita!

ROBERTO: A última que você fez. Vá! A que está no bolso.

JONAS: A que está no bolso, essa mesma!

ÁLVARO: Merda, não chateiem!

JONAS: Pega ele, pega!

(Roberto e Jonas pegam Álvaro à força; ele se defende, esperneia, insulta, dá pontapés, mas acaba perdendo. Tiram do seu bolso um poema escondido.)

ROBERTO: Não falei? (Lírico.) "Alma de um amor..."

ÁLVARO (furioso): Não mexe nisso!!!

ROBERTO: "Alma de um amor... Por que foi mesmo que ela não te quis?
Beijo nascido para humilhação, pobre beijo desprezado, tu foste, ainda assim, o maior beijo que eu já dei na vida!"

ÁLVARO (arrancando o papel): Imbecil! Dá aqui!

JONAS (exagerado): Aí, que lindo! Quem é ela, heim?

ROBERTO: Marília? Marisa? Norminha?

JONAS: Ou Cláudia, heim?

ÁLVARO: Vocês não são gente nem pra entender de amor, seus bestas! Pra vocês vai ser tudo fácil! Casar, despejar nas mulheres e ter filhos! É só isso que vocês vão fazer!

VOZ (off): Está pronto! O peru está pronto! Atacar!

ROBERTO E JONAS: Vamos lá, vamos lá! Vamos lá! Poeta!

ÁLVARO: Me deixem! Eu vou depois.
(Os dois saem, alegres, sem o mínimo

constrangimento.)

ÁLVARO: É só isso o que vocês vão fazer. E não é isso que eu quero. (Entra Nilson, devagar, com sua garrafa na mão. Agora ele está pálido e sereno.)

ÁLVARO: Não é isso que eu vou fazer!

NILSON: É. É sim. É também isso. E é bom que você saiba.

ÁLVARO: Eu tenho consciência. Eu sei que não sou como você.

NILSON: Eu nunca fiz, nada em realidade. Nem queria fazer.

ÁLVARO: Você era louco.

NILSON: Se você quer opor alguém àqueles dois, sou eu esse alguém. Eu, e não você.

ÁLVARO: Como é que você sente a sua própria morte?

NILSON: Mal. Eu me sinto mal. (Arranca pedaços da própria roupa, que se despregam.) Eu me dou mal com a morte. E, no entanto, era o que eu mais queria.

ÁLVARO: Eu não quero morrer. Na verdade, eu não sou um romântico.

NILSON: É um romântico, sim. Mas de outro jeito. Vai se aproximar deles, vai procriar como eles e não morrer como eu. É fatal, entendeu? Um administrador que se preza tem esposa e filhos. Não pode ser solteiro, amasiado, homossexual. Tem que casar e ter filhos. Eu não, eu podia não ter nada. Podia ser jovem e agonizar, até a morte. Eu! Eu, e não você!

ÁLVARO: Talvez, sim, eu me case. Afinal, eu estou apaixonado...

NILSON: Está vendo? Você já começou a transigir... Ah, já começou... (Começa a rir, uma

risada violenta, que irá até o fim da cena.) Já começou...

(Vozes de dentro, Roberto, Jonas, gritos, alegria.)

ROBERTO (*off*): Vocês sabem do que mais? (Tempo.) Nós inventamos... A peruada!

NILSON (rindo):...Em 1950...

ROBERTO (*off*): Inventamos a peruada!

NILSON (rindo):...Você começou a transigir!

ROBERTO (*off*): Álvaro! Álvaro!

NILSON (rindo às gargalhadas): Você, o herói romântico!

ROBERTO (*off*): Nós inventamos a peruada!

NILSON (rindo): Começou a transigir! (Risos em crescendo de Nilson, silêncio de Álvaro, ruídos, *off* dos demais. Voz masculina, *off*, cantando com a mesma música de "Quando se sente bater".)

VOZ: A moça disse pra outra com esse eu não me arrisco;

(Bis)
pois ele estuda Direito

(Bis)
no largo de São Francisco...

9ª CENA - "A AULA" TEMPO - 1950

(Em cena a Mestra, Cláudia, Marília, Roberto, Álvaro, Jonas, A Mestra está na cátedra, de beca. Está dando uma aula explicativa sobre um ponto de Direito Penal que corresponde à obra de Beccaria. Os alunos ouvem, algumas capas pretas estão jogadas no lugar da cena, sobre escadas ou bancos. Música ao fundo, suave, do século XVIII.)

MESTRA:...Cesare Bonesana, Marquês de Beccaria, nasceu em Milão, no ano de 1738. Foi educado por jesuítas franceses, estudou literatura e filosofia. Muitíssimo influenciado por Montesquieu e Helvetius, escreveu sua obra principal "Dos delitos e das penas", em 1764...

ROBERTO: Que ano?

MESTRA: 1764, Século XVIII, portanto... (Beccaria surge em cena, com suas roupas de época. Um livro antigo na mão; caminha tranquilamente por entre os alunos, que não o olham.)

MESTRA: Sente-se na sua obra a influência de Rousseau...

BECCARIA: Rousseau aceitava a pena de morte.

MESTRA (aceitando o diálogo): E o senhor não. Mas não se pode negar...

BECCARIA: "Quem poderia ter dado aos homens o direito de degolar seus semelhantes"?

(Os alunos continuam a seguir a aula como antes, sem nenhuma estranheza. Beccaria senta-se ao lado deles, para prosseguir no debate.)

MESTRA: Isso está fora de discussão, hoje em dia.

BECCARIA: Fora de discussão? Quando boa parte do mundo ainda aceita a pena de morte?

MESTRA: Cada vez menos. E não se trata, aqui, de discutir a pena de morte, mas sim de expor as suas idéias, marquês.

BECCARIA: Minhas idéias ainda são polêmicas.

MESTRA (continuando a exposição): O livro "Dos delitos e das penas" pode ser considerado o maior propulsor do humanitarismo,

numa época em que este sentimento fora banido do coração dos homens, e se cultuava o gesto da vingança coletiva.

BECCARIA: Por favor, que não se fale em humanitarismo. Deve-se falar em justiça.

MESTRA: Repito: não estamos mais no século XVIII. Suas idéias, marquês, são hoje consagradas.

BECCARIA: Será? Melhor. Isto significa que as leis já não se baseiam em privilégios.

(Os alunos se levantam, apanham as capas pretas, e começam a executar um balé muito delicado, em que encenam "as leis já não se baseiam em privilégios".)

BECCARIA: "Porque se assim não fosse, e se as leis fossem baseadas na prestação de um tributo imposto à massa em favor de poucos senhores, fatalmente se daria a multiplicação dos delitos".

MESTRA: Beccaria inspirou-se, como é claro e vocês devem ter notado, na teoria do "Contrato Social" de Rousseau, ou seja, na crença de que os homens uniram-se em sociedade por sua livre vontade, estabelecendo entre si regras, direitos, deveres...

(Os alunos, agora, dançam o "Contrato Social".)

BECCARIA: "As vantagens da sociedade devem ser igualmente repartidas entre os seus membros".

MESTRA: Não vamos expor o contrato social. Isso é matéria de filosofia do Direito.

BECCARIA: "Mas qual é a origem das penas e do direito de punir?"

Quais serão as punições aplicáveis aos diferentes crimes? Serão justos os tormentos e as torturas”?

(Os alunos param um momento, depois recomeçam, uma dança amável e palaciana.)

MESTRA: As perguntas são pertinentes, mas é claro que já estão respondidas. Por absurdo que pareça, há quem defenda a pena de morte, as torturas, as punições desmedidas...

(Alunos fazem cara de “Oh”.)

MESTRA:(deixando aparecer seu amor à disciplina) E, por absurdo que pareça, há quem defenda a quebra do princípio de autoridade, a desordem e a anarquia. Para esses, a Lei e a Moral reservam castigos.

BECCARIA (surpreso com a mudança de tom, responde submisso): “Dei um testemunho público dos meus princípios religiosos e da minha submissão ao soberano...”

(BECCARIA mostra o seu lado cortesão e submisso, que o levou a fazer dedicatórias aos governantes)

MESTRA (tranqüila): Aqui não há soberanos...

BECCARIA (mais assustado ainda): “Se pude investigar livremente, a verdade, devo tal independência à indulgência, e às luzes do governo sob o qual tenho a felicidade de viver.”

(Prossegue o balé, sugerido, é claro, pela situação...)

MESTRA: Nada se pode fazer sem isso, meu caro marquês. Nenhum trabalho sério é possível sem a colaboração do Estado, que nos facilita os meios, que nos garante

a vida e a segurança. Sem isso não podemos trabalhar, pesquisar, produzir.

BECCARIA: (reagindo) “Mas não existe liberdade quando as leis permitem que, em certas circunstâncias, um cidadão deixe de ser um homem, para tornar-se uma coisa que se possa pôr a prêmio”.

MESTRA: O marquês fala do passado, que só se pode usar como exemplo. No entanto, autoridade não significa tirania!

BECCARIA (novamente maneiroso):...A indulgência... As luzes do governo... Sob o qual tenho a felicidade de viver...

ÁLVARO: Nesse livro... “Dos delitos e das penas”... Existe alguma dedicatória?

(Álvaro deixou a formação do balé, detendo-se a dança por alguns instantes.)

MESTRA: Por que não? As dedicatórias eram praxe, nessa época. Existem exemplos clássicos...

ÁLVARO: E o que diz essa dedicatória?

MESTRA: “Dei um testemunho público dos meus princípios religiosos e da minha submissão ao soberano...”

ÁLVARO: Pronto. O cidadão afrouxou.

CLÁUDIA: É só isso que diz a dedicatória?

MESTRA: Não. Diz também: “as vantagens da sociedade devem ser igualmente repartidas entre todos os seus membros”.

CLÁUDIA: Esse marquês era confuso. Às vezes, o medo falava mais. Se entende. A época. Mas outras, quando deixava que se manifestasse a razão, era perigoso. (Irônica) Altamente

perigoso.

TODOS OS ESTUDANTES: Altamente perigoso!

BECCARIA (assustado): “Devem ser evitados, no entanto, os excessos dos que, por um mal entendido da liberdade, procuram introduzir na sociedade a desordem...”

(Os Estudantes dançam a liberdade e a desordem. BECCARIA está desorientado e confuso. A MESTRA o observa; ouve-se a sineta, determinando o fim da aula. A MESTRA recolhe seus objetos e se prepara para deixar a cátedra. Os Estudantes despem suas capas e, um por um, desfilam diante de BECCARIA. Cada um deles lhe diz uma frase, citação literal sua, e lhe atira a capa negra.)

ÁLVARO: “Não é o rigor do suplício, que previne os crimes com mais segurança...” (Atira-lhe a capa.)

JONAS: “Os abusos de que vamos falar constituem a vergonha de séculos passados, mas não do nosso século...” (Atira-lhe a capa.)

ROBERTO: “Longe de pensar em diminuir a autoridade legítima, ver-se á que todos os meus esforços só visam engrandecê-la...” (Atira-lhe a capa.)

MARÍLIA: “Se se proíbem aos cidadãos uma porção de atos indiferentes, não tendo tais atos nada de nocivo, não se previnem os crimes...” (Atira-lhe a capa.)

CLÁUDIA: “Quereis prevenir os crimes? Marche a liberdade...!” (Atira-lhe a capa.)

(Saem todos, Beccaria por último, arrastando as capas negras dos estudantes. Em outro ponto do espaço

cênico, prepara-se a:)

10ª CENA - “O CHAPÉU” TEMPO - 1950

(Em cena, Cláudia e Álvaro, sentados juntos, nos bancos sob a escadaria da faculdade.)

ÁLVARO: Você sabe que você não sabe o que é o amor?

CLÁUDIA: E você, sabe?

ÁLVARO: Você não tem experiência de amor. Você já amou?

CLÁUDIA: O que é que você tem com isso?

ÁLVARO: Não desconverse. Você sabe que isso prejudica toda a sua vida...

CLÁUDIA: Não me importo...

ÁLVARO: Toda a sua criação?

CLÁUDIA (mudando): O quê?

ÁLVARO: Tudo o que você faz. A sua poesia.

CLÁUDIA: Mentira.

ÁLVARO: A sua poesia é fria, porque você não sabe o que é o amor.

CLÁUDIA (abalada): O que você quer dizer com isso?

ÁLVARO: O que eu disse: seu verso é frio. Você precisa amar de verdade, ser beijada por alguém. Você já foi beijada?

CLÁUDIA: Você acredita na poesia que faz?

ÁLVARO (desconcertado): Por quê?

CLÁUDIA: Pergunto se você acha que ela é boa.

ÁLVARO: Não sei. Por quê?

CLÁUDIA: Você tem experiência do amor. E daí?

ÁLVARO: Bom, e daí?

CLÁUDIA: Ela é boa?

ÁLVARO: Acho que não.

CLÁUDIA: Você é um poeta?

ÁLVARO: Não, eu acho que não.

CLÁUDIA: Por que você usa esse cabelo de poeta?

ÁLVARO: Porque me fica bem.

CLÁUDIA: Fica?

ÁLVARO: Fica.

CLÁUDIA: Está bom. Fica mesmo.

ÁLVARO: Quando eu cheguei aqui e vi que ninguém usava cabelo grande, fiquei abalado e cortei.

CLÁUDIA: Eu me lembro.

ÁLVARO: Depois que cortei, comprei um chapéu por causa do frio que fazia aqui. Usei o chapéu um tempo. De repente, percebi que o meu cabelo comprido era eu, era mais eu. De cabelo curto eu estava agachado, encolhido. Deixei o cabelo crescer de novo. Me levantei. O cabelo cresceu. Como está agora. Mas aí...

CLÁUDIA: Aí?

ÁLVARO: Aí o chapéu ficou pequeno.

CLÁUDIA: Eu vi.

ÁLVARO: Ele vai ser sempre pequeno pra mim. Mas meu cabelo vai ficar comprido!

CLÁUDIA: Como o de Castro Alves, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela.

ÁLVARO: Seja lá o que for. Eu não sou poeta, e daí?

CLÁUDIA: O que é que você quer ser um dia?

ÁLVARO: Eu vou ser.

CLÁUDIA: O quê?

ÁLVARO: Você não ri se eu disser?

CLÁUDIA: Juro.

ÁLVARO: Presidente da República.

CLÁUDIA (boquiaberta): Presidente...

ÁLVARO (levantando-se):...da República...

(Cláudia sai, olhando-o espantada. Álvaro, em pé diz versos seus,

enquanto surge das sombras o Poeta Romântico, que responde com versos de Álvares de Azevedo.)

ÁLVARO: "Trago em mim a eterna irreverência das águas revoltas do Amazonas..."

POETA: "Perdoai-lhe senhor! Ele era um bravo, fazia as faces descorar do escravo quando ao sol da batalha a fronte erguia..."

ÁLVARO: "Mas vivem, nos recessos de minha alma, as cismas dos remansos, dos peraus sombrios e o marulho das ondas se quebrando..."

POETA: "Era filho do povo; o sangue ardente às faces lhe assomava incandescente..."

ÁLVARO: "Se visses o grande rio quando arfante vem beijar as pestanas da floresta..."

POETA: "Tinha sede de vida e de futuro!

Da liberdade ao sol curvou-se puro
e beijou-lhe a bandeira sublimada..."

ÁLVARO: "Mas deixa-me olvidar o temporal que ruge varrendo as mais profundas crenças! Deixa-me esquecer desta hora de luta..."

POETA: "Perdoai-lhe, Senhor..."

ÁLVARO: "Franjando de beijos os teus filhos..."

POETA: "A fronte envolta em ramos de loureiro..."

ÁLVARO: "... E desmaiando de amor sobre os teus seios!"

POETA: "Quando ao sol da batalha a fronte erguia,
o gênio das batalhas parecia...
Perdoai lhe, Senhor!

ÁLVARO:... “A eterna irreverência...” O temporal que ruge... As águas revoltas do Amazonas...”

POETA (a Álvaro): Eu vou morrer amanhã.

ÁLVARO (depois de um tempo): E eu?

POETA: Vai ser mais feliz... Vai ter mais vida...

ÁLVARO: Pra quê?

POETA: Pra lutar, pra amar... Aí onde a morte me apanha, ela te deixa em pé.

ÁLVARO: Mas, livre?

POETA: Quem sabe? Será outro século. Estes muros não serão os mesmos muros... (Olha em volta.) Esta será e não será a mesma Escola... a que nós conhecemos... A que nós amamos... O ponto inicial das fugas ao Campo Santo... As reuniões da Bucha... O fumo e o vinho.

ÁLVARO: A Bucha ainda existe, é igual.

POETA: Já não é igual, falta-lhe o mistério.

ÁLVARO: O mistério não cabe mais, é tempo de se ver as coisas claras.

POETA (sorrindo): Você não é um poeta.

ÁLVARO: Não. Eu sou um político, digamos.

POETA: Por que não cultiva, então, a retórica?

ÁLVARO: Eu quero a ação!

POETA: Você pode conclamar, persuadir. Isso não anula a ação.

ÁLVARO: Isso também está nos meus planos.

POETA: Você tem planos!

ÁLVARO: Você não tinha?

POETA: De que me adiantou? (Caminhando para a frente, isolando-se.) Eu... vou morrer amanhã.

ÁLVARO: Pois eu vou viver! Eu vou viver! Quero lutar, fazer coisas, construir! Eu quero trabalhar pelo meu povo, ver prosperar meu país! Quero... Quero...

POETA (afastando-se): Eu vou morrer amanhã... Amanhã... Amanhã...

(Em cena apenas Álvaro. Luz sobre ele. Organiza-se a cena seguinte, que é:)

11ª CENA - “A PROVA” TEMPO - 1950

(Sala de aula, durante uma prova de Direito Penal; sentados, Álvaro, Roberto, Marília, Cláudia; chega Jonas, atrasado. A Mestra está em cena, presidindo.)

JONAS (sentando, a Roberto): É sobre o que, mesmo?

ROBERTO: “A prova”.

JONAS: Eu sei que é prova, mas é sobre o quê?

ROBERTO: Sobre as provas segundo Beccaria; vai!

JONAS: E eu sei isso?

ROBERTO: A Marília sabe e vai passar.

JONAS: Menos mal.

CLÁUDIA: Precisa passar?

JONAS: É bom. Pensando, a gente consegue fazer. Mas cansa.

MARÍLIA (ditando baixo): As provas podem ser: perfeitas e imperfeitas.

JONAS: Já é um começo.

(Jonas começa a escrever. Da cátedra, onde está a Mestra, um foco de luz varre o espaço acima das cabeças dos alunos, como um holofote de aeroporto que procurasse aviões no espaço.)

ROBERTO: Que mais?

MARÍLIA: Você também?

ROBERTO: Vai dizendo!
MARÍLIA: Podem ser... Testemunhas...
JONAS:...Testemunha...
MARÍLIA: Acusações secretas...
JONAS: Acusações...
ROBERTO:... Secretas...
(Cláudia e Álvaro estão escrevendo, mais ou menos desligados das indicações que Marília dá aos outros.)
MARÍLIA: Interrogatório sugestivo...
(O foco de luz prossegue nas suas idas e vindas.)
MARÍLIA: A confissão sob juramento...
JONAS: O quê?
MARÍLIA (repetindo): O interrogatório sugestivo...
(Mestra levanta a cabeça e olha para os alunos.)
MESTRA: Há algum problema? Alguma pergunta não entendida?
ÁLVARO: Não...
CLÁUDIA: Não senhora...
MARÍLIA E JONAS: Tudo certo... É que...
ROBERTO: Poxa, falem baixo...
MARÍLIA: Que espeto... Você já fez o interrogatório?
JONAS: Já!
MARÍLIA: A confissão sob juramento...
ROBERTO: Minha mão está doendo...
ÁLVARO: Bom sinal, sinal de que já escreveu muito...
MARÍLIA: A questão...
JONAS: O quê?
MARÍLIA: A questão... Ou tortura...
(O refletor que varria o espaço se detém por dez segundos, depois prossegue.)
MARÍLIA: A Suécia já não admitia a tortura...
JONAS (escrevendo): Não admitia...
MARÍLIA: Desde Gustavo III... Em 1771...
ROBERTO: Desde quando?
MARÍLIA: Desde mil setecentos e setenta e um...

MESTRA: Acho que vocês estão conversando demais. Isto não é um exame oral...
(O foco de luz extingue-se às primeiras palavras da Mestra.)
ROBERTO (ingênuo): É que a matéria supõe muita controvérsia...
MESTRA: A controvérsia pode ser resolvida outro dia. Terminaram?
JONAS (escrevendo): Mil setecentos e um. Puxa, quase duzentos anos!
MESTRA: O que foi?
JONAS: É Gustavo III...
MESTRA: Bem, se todos terminaram, quem sabe agora podemos conversar sobre isso...
(Os alunos entregam suas provas.)
MESTRA:...Ou agora vocês não querem mais?
ÁLVARO: Sobre Gustavo III, precisamente, não.
MESTRA (paciente): Bom, então, sobre o quê?
ÁLVARO: A gente pode realmente falar sobre o que é importante?
MESTRA: Por que não?
ÁLVARO E MARÍLIA (juntos): É que nós temos um problema...
(Ficam cedendo a palavra um ao outro...)
MARÍLIA: Nós achamos que aqui na Faculdade... A gente tem muito livro, muita apostila... Muita coisa pra aprender de memória... Nós queríamos...
ROBERTO: A gente gostaria de aprender a enfrentar a vida prática...
MESTRA (sorrindo): Já?
ROBERTO (terminante): E a Escola não nos dá isso.
MARÍLIA: Nós nunca entramos no Fórum, por exemplo!
MESTRA: Mas isso é fácil!

MARÍLIA: Pode ser fácil, mas a verdade é que nunca entramos lá. Não conhecemos nada... Da vida! Da vida profissional!

JONAS: Mas, num escritório de advocacia...

ÁLVARO: Num escritório a gente vai ser *office boy*!

MARÍLIA: Em suma, o ensino não podia ser mais prático?

MESTRA: Ah, eu sabia que vocês iam chegar lá. (A Cláudia, que está, como sempre, meio embasbacada.) O que é que você acha?

CLÁUDIA: Eu, não sei bem... (Engole em seco.) Eu gosto tanto desta Escola!

MESTRA: Eu sei, eu sei. Mas é claro que a Escola tem defeitos.

CLÁUDIA: A senhora acha?

MESTRA: Acho. Mas é muito difícil reformá-la. É preciso bater em muitas portas, tirar a poeira de muitas perucas velhas... Enfim... A gente pode tentar... Se não cortarem a cabeça da gente, antes.

ÁLVARO: Isso é possível?

MESTRA: É bem possível.

ÁLVARO: Mas nós estamos aqui, ao seu lado!

MESTRA: Muito obrigada.

MARÍLIA: É verdade, a senhora tem a nossa solidariedade!

MESTRA: E com esta eu vou embora, antes que me acusem de promover uma manifestação de caráter político.

ÁLVARO: Por que todo mundo tem medo dessa palavra?

MESTRA: Política?

ÁLVARO: Por que ainda nos dizem que estudante deve estudar?

MESTRA: Provavelmente porque é verdade. E adeus!

(Sai.)

CLÁUDIA (embasbacada): Ela é formidável!

ÁLVARO (realista): Ela também tem medo!

CLÁUDIA: Medo de quê?

ÁLVARO: Da estrutura.

MARÍLIA: Ela está tentando.

ÁLVARO: Pode estar tentando, mas nunca vai chegar lá. Gente assim, compreensiva, simpática... Essa gente não se queima.

JONAS (bocejando): Bom... Direito Penal já foi. Qual é o próximo?

ROBERTO: Civil.

MARÍLIA: Fim de ano está chegando.

ÁLVARO (irônico): Depois vem outro ano, depois vem outro ano... E depois? Quê que a gente faz?

JONAS: Formatura, casamento, escritório... Dinheiro!

ROBERTO: Sim, meu anjo, dinheiro. Mas quem monta o escritório pro anjinho, hein? O papai?

JONAS: Não. Não vai ser o papai. Também não vou puxar o saco de ninguém, de nenhum amigo do papai, com boa clientela e um lugar de *office boy* sobrando. Sabe, colega, eu nem tenho pai. Eu sou o pai. E o meu escritório vai ser suado. Vai ser uma biboca qualquer, junto com um colega qualquer, o mais coitadinho de todos. Vou trabalhar como uma besta, e um dia o dinheiro vai chegar. Vou ter um apartamento em Santos. Vou ter uma mulher e filhos e um apartamento em Santos.

ROBERTO: Você sabe que eu não tenho pai rico.

JONAS: Eu não sei de nada, nem quero saber. Vive a tua vida, e me deixa viver.

ROBERTO: Ora, seu merda... (Ameaça avançar pra Jonas. Todos intervêm entre brincalhões e assustados.)

ÁLVARO: Que é isso!

MARÍLIA (ironizando): Roberto Augusto! Que coisa feia!

CLÁUDIA: Imagine o que diria a Silvinha!

ÁLVARO: Ela te acha tão lindo! Tão gostosinho!

JONAS: Deixa pra lá. Foi bobeira.

ÁLVARO (cantando): Quem vem de cá
quem vem de lá
é o Bernardão que quer entrar
(Fazendo um gesto obsceno)
o Bernardão
sinal de guerra
o Bernardão é o maior da terra!

JONAS: É mole e treme
é mole e treme
o Bernardão do Álvaro Leme

ROBERTO (topando): Que coisa feia
que coisa feia
O Bernardão do Jonas Correia

ÁLVARO: Molhou o sapato
molhou o sapato
o Bernardão do Beto Stamato

JONAS: É fino e preto
é fino e preto
o Bernardão do Zé Minueto...

(O canto prossegue, com novos versos, protestos e exclamações das duas meninas, e gestos obscenos dos rapazes.)

FIM DO 1º ATO

2º ATO

1ª CENA - "TRINTA E DOIS"

TEMPO - 1932

(Quando se inicia a cena, a luz se acende sobre o monumento do soldado de 32; ao pé dele, sentado, está um moço, fardado como um soldado da Revolução. Está cansado, tirou uma das botas, estende o pé, tira o capacete, coça a cabeça. Está escrevendo e lendo; no decurso da leitura do seu texto, levanta-se, deixa lápis e papel e entra na ação do próprio texto. Esta ação poderá, facultativamente, ser feita por meio da projeção de filmes sobre a Revolução de 32, de "slides" sobre a mesma ocasião, de fotografias da época. Ou, ainda, por gravações de discursos da época, transmissões radiofônicas, falas de César Ladeira, Ibraim Nobre. Na verdade, todo o início da cena pertence ao Soldado Constitucionalista, e ao jornalista de "O Rebate".)

SOLDADO (lendo e escrevendo): 14 de julho; alistei-me ontem, dia treze. Essa onda entusiástica que transporta São Paulo, levou-me consigo. Começamos hoje, sob o comando do tenente Otávio, a receber alguma instrução militar. Fui ao Instituto do Café, onde o Sr. Vasquez distribuiu uniforme aos voluntários da lei; andei às voltas com um par de perneiras, mas consegui arrumar uma que me servisse, até conseguir desapertar outra melhor.

(O Soldado olha para a bota que descalçou, e começa a descalçar a outra. Sorri. Voz do jornalista.)

VOZ DO JORNALISTA: "São Paulo é o

jequitibá frondoso, que arremete soberbamente para os céus, impelido pelo vigor de sua seiva, que é o Partido Republicano Paulista...” (Escuro.)

SOLDADO: 15 de julho - sete horas da manhã, cá estou eu. Recebo fuzil e cartucheira; exercício. Ao meio dia, o oficial de estado comunica-nos que, daquele momento em diante, somos arranchados e sujeitos às leis militares, estando portanto o quartel impedido. Defendi-me num colchão e cobertor; ainda bem! Rancho! Recolher.

VOZ DO JORNALISTA: “São Paulo é o cadinho onde se fundem as aspirações da nacionalidade, e o Partido Republicano Paulista é o calor, fogo sagrado que as aquece!”

SOLDADO: Levantamo-nos cedo, somos vacinados pelo nosso Corpo de Saúde; ao meio dia recebemos licença para um dia até em casa, mas com ordem expressa de estar em quartel às duas da tarde. Às dezesseis horas formam-se as Companhias e marchamos rumo à Estação da Luz; às dezessete horas, sob flores e vivas, embarcamos com destino à fronteira mineira. Viajamos até as dezenove horas, quando, chegados a Campo Limpo, foi-nos transmitida pelo Tenente Otávio a ordem de passar a noite no carro. Naturalmente nosso rancho foi bolachas...

VOZ FEMININA (cantando): Andorinha viajeira que andas cortando o espaço (BIS)

vê lá se me dá notícias de um capacete de aço...

SOLDADO: Dezoito de julho; cinco horas da manhã. Desenrarrilhar armas. Rumo à fronteira; lá chegamos ao meio dia. Rancho; nota-se pela ruindade. Novos comandantes, capitão Labiano Gomes e capitão Souza Filho. Surgem desinteligências com o nosso comandante primitivo, Capitão Cícero Bueno Brandão. Boatos. Durante o rancho um colega, examinando uma Winchester, dispara casualmente; assobiou pertinho... Com o auxílio de pessoas do lugar, nos alojamos numa casa abandonada, onde passamos a noite.

(Calça as botas.)

VOZ DO JORNALISTA: “O senhor Washington Luís, naquela época, desejou perpetuar-se no poder, sob o pseudônimo de Júlio Prestes. A revolução de trinta explodiu porque, eis a bandeira reivindicadora de então, o Presidente da República queria fazer o seu sucessor. Passam-se os tempos. O senhor Getúlio Vargas galga o poder”.

(Entra em cena uma moça, mineira, muito jovem, que vai dialogar com soldado, numa rápida cena de namoro.)

MOÇA: Você é paulista?

SOLDADO: Sou, não vê?

MOÇA: Da cidade mesmo?

SOLDADO: Da cidade.

MOÇA: Soldado é um perigo.

SOLDADO: Quedê seu namorado?

MOÇA: Não tenho não.

SOLDADO: Como é que uma moça tão bonita não tem namorado?

MOÇA: Minha família é muito severa.

SOLDADO: Mas você veio à praça!

MOÇA: Estou fugida. Fui à reza, com as colegas.

SOLDADO (sorrindo): Onde é que estão as colegas?

MOÇA (rindo nervosa): Logo ali. Você é noivo?

SOLDADO (escondendo depressa a mão): Não, não sou.

MOÇA: Mentira. Por que está nervoso?

SOLDADO: Quem disse?

MOÇA: Está sim, estou vendo!

SOLDADO (superior): É a revolução. Quem sabe amanhã nem estamos aqui, quem sabe amanhã estamos mortos!

MOÇA: Não fale assim!

SOLDADO: Falo, por que não? Morrer não é destino de todos? Quem me diz que eu não vou morrer moço? (Pausa.) Quem me diz que eu não vou morrer moço? (Para si mesmo.) Vinte e dois anos, não é uma linda idade pra se morrer?

(Moça desaparece. O soldado volta a sentar-se, a ler e escrever.)

SOLDADO (lendo e escrevendo):

Querida - são seis horas da manhã de terça-feira; desenrola-se diante de meus olhos o mais belo panorama do Brasil. Atravessamos ontem às sete horas a fronteira de Minas gerais e marchamos com um efetivo de mil e duzentos homens em direção a Pouso Alegre. São Paulo triunfará nesta vibrante arrancada. Atravessaremos hoje a Serra da Mantiqueira; as cidades que vamos tomando estão sendo abandonadas pela população. Esperamos que o

quartel de Pouso Alegre adira ao movimento... Sinto uma saudade imensa da minha Claudinha e peço que cuidem muito bem do meu tesouro...

VOZ DA MOÇA (fora): Você é o noivo?

SOLDADO (escondendo a mão): Não, não sou.

VOZ DO JORNALISTA: O senhor Getúlio Vargas galga o poder, levado pela onda revolucionária. E a traição ao sangue derramado em trinta, começa. Porque, ávido de se perpetuar no Catete, faz-se candidato de si mesmo, à sucessão de si próprio...

SOLDADO: Dezenove de julho - Fui apresentado ao capitão Souza Filho, que me nomeou seu agente de ligação. Foi requisitado um carro de passeio, que passou a servir ao capitão. Continuamos a viagem rumo a Santa Rita de Extrema; às treze horas alcançamos essa cidade mineira. Grande parte da coluna veio a pé, chegaram exaustos. Um praça da Força tem uma vertigem ao chegar, devido à extrema fraqueza em que se encontra. Surgem reclamações contra o rancho, o tenente Nelson estrila em favor dos seus soldados. O bom padre de Santa Rita, um italiano rechonchudo cumula-nos de gentilezas. À noite convida-nos para dormir na igreja; recusamos energicamente. Arrumei um alojamento em casa de uma senhora mineira...

(Cena do alojamento. O Soldado e a Senhora mineira.)

SENHORA: Por aqui, meu filho.

SOLDADO: Muito obrigado.

SENHORA: Você vai ter que dormir no chão, só tenho este colchão, a cama me levaram.

SOLDADO: A senhora não se preocupe.

SENHORA: Mais café?

SOLDADO: Não senhora, só quero mesmo agora é dormir. Ah...

SENHORA: Pode falar.

SOLDADO: A senhora teria uma vela? Queria escrever uma carta, amanhã não vou ter tempo.

SENHORA: Vai escrever à família?

SOLDADO: A minha mulher.

SENHORA: Você tão moço, já casado?

SOLDADO: Vinte e dois anos. Casado, e pai de família.

SENHORA: Você tem filhos?

SOLDADO: Uma filhinha.

SENHORA: Sua mãe é viva, meu filho?

SOLDADO: Sim senhora, mamãe e papai.

SENHORA: Devem estar temendo pela sua vida.

SOLDADO: Na certa estão. Mas até agora eu não corri nenhum risco. Essa é que é a verdade. Quando a gente saiu, estava rezando pra que houvesse muito perigo, muito tiro, muito sangue. Depois, a caminhada, a comida ruim, a poeira, a lama... A gente vai ficando com outra idéia.

SENHORA: Vou buscar sua vela. (Sai.)

SOLDADO: Ver os companheiros caindo de fome, quando não sabem ler, não podem ser agentes de ligação, nem andar de automóvel requisitado pelo capitão... (Sorri.) Comer bolachas, beber água podre... E ainda nenhum tiro, nenhum heroísmo...

SENHORA (voltando): Aqui está, meu filho. Você parte a que horas?

SOLDADO: A gente sai amanhã às quatro.

SENHORA: Eu me levanto pra lhe dar café.

SOLDADO: Por favor, não faça isso. Eu prefiro sair... Assim.

SENHORA: Por quê?

SOLDADO: Não gosto de despedidas, e já tive muito nos últimos tempos.

SENHORA: Então, tome isto... (Entrega-lhe objetos pequenos.)

SOLDADO (olhando): Muito obrigado...

SENHORA: Santa Rita e o Coração de Jesus vão lhe ajudar... Pra você sair logo desta guerra amaldiçoada, voltar a ver sua mãe, sua mulher, e sua filhinha...

SOLDADO: Amém...

SENHORA: Dorme, meu filho...

SOLDADO: Amém...

(Sai de cena com a Senhora e se encaminha de novo para o Monumento.) (Soldado lendo.)

SOLDADO:...Em casa de senhora mineira, tão gentil, que me deu um crucifixo e uma medalha que conservo...

JORNALISTA: Que importa ao senhor Getúlio Vargas que o Brasil seja um montão de ruínas, e de misérias, se o homem continuar comodamente instalado no Catete?

SOLDADO: Às dez horas levantamos acampamento em direção à cidade seguinte. Jaguari ou Camanducaia; são trinta e cinco quilômetros. Chegamos às quatro horas da tarde. Plínio Gayer, médico e chefe político da localidade, fugiu ao verificar a nossa chegada. Consta que tem assalariados cinquenta jagunços. É sopa! Trata-se logo de

guarnecer entradas e saídas da cidade. As casas todas estão fechadas ou abandonadas.

JORNALISTA: Homem nefasto, grande farsante! Traidor da revolução de 30, sanguinário de trinta e dois, tua hora há de chegar!

SOLDADO: Vinte e três de julho - Hoje cedo o capitão Cícero Bueno Brandão saiu, em companhia do seu chofer, não tendo mais voltado; murmura-se muita coisa. Prisioneiro, ou bandedado? Trinta de julho. Fala-se num acordo que houve com o Estado de Minas. Minas manter-se-á neutra com a condição de que fiquemos fora de suas trincheiras. Ordem de retirada imediata, até Bandeirantes ou Vargem, que é a fronteira.

JORNALISTA: Tu, que amordaçaste a imprensa, tu, que exilaste os teus protetores, tu, que fizeste o Brasil descrer de si mesmo, tu sentirás, nessa hora suprema de tua queda fatal...

VOZ MASCULINA (de fora): São Paulo é o jequitibá frondoso, que arremete soberbamente para os céus...

CORO: Quando se sente bater no peito heróica pancada, deixa-se a folha dobrada enquanto se vai morrer...

VOZ FEMININA (fora): "Andorinha viajeira que andas cortando o espaço vê lá se me dás notícias de um capacete de aço..."

VOZ MASCULINA (fora): "Quando se sente bater no peito heróica pancada, deixa-se a folha dobrada

enquanto se vai morrer..."

VOZ MARCIAL (fora): Voluntário da 1ª Companhia do Batalhão Nove de Julho, Pedro Piantino!

SOLDADO: Paulista por mercê de Deus!

VOZ DO JORNALISTA (ridicularmente empolado): "Para obedecer ao imperativo do seu civismo, esse moço renunciou à felicidade do seu lar, ao carinho da sua esposa e filhinha, pais e irmãs, oferecendo-se em holocausto na arrancada épica de trinta e dois, para defender a terra paulista que ele tanto adorava..."

SOLDADO: Quem me diz que não vou morrer moço?

VOZ DO JORNALISTA: "A morte arrebatou ao nosso convívio um ornamento edificante da nossa sociedade... aludimos à personalidade inolvidável de Pedrinho..."

SOLDADO: Voluntário do Batalhão Nove de Julho, Primeira Companhia...

VOZ DO JORNALISTA: Pedrinho!

SOLDADO: Paulista por mercê de Deus! (Luz apenas sobre o monumento ao Soldado de 32; ouve-se o som, subindo aos poucos, da marchinha carnavalesca referente e posterior à Revolução.)

SOM - GRAVAÇÃO ORIGINAL: "Alerta, alerta, vamos fazer revolução nossa trincheira vamos ter mulata... na Avenida São João..."

(Som funde com nova marchinha, idem, da mesma época.)

SOM - GRAVAÇÃO ORIGINAL: "Paulistinha querida qual é tua cor,

que tanto disfarças
com teu pó de arroz
não és loura nem morena,
não tens nada de mulata,
paulistinha, querida,
a tua cor é trinta e dois...”

2ª CENA - “O CONCURSO” TEMPO - 1950

(Reunidos numa sala de aula que serve para as ocasiões excepcionais, alunos e curiosos assistem ao concurso de oratória anual; entre eles, Cláudia, Marília, Roberto, Jonas e Álvaro, extremamente nervoso. Ele é o candidato. Em lugar mais alto, e que serve de tribuna, o candidato que o precedeu termina o seu discurso e desce, empolgado pelo som das próprias palavras.)

CANDIDATO: Sôa a voz de bronze, inconfundível, larga! Que é? Os sinos! Que anunciam? A despedida!

(Candidato desce da tribuna e desaparece; voz, fora, chama.)

VOZ: O próximo candidato, por favor queira preparar-se. Álvaro Antônio Lemel!

MARÍLIA: É agora, vai, força!

JONAS: Nós estamos torcendo. Pau neles!

ROBERTO: Acaba com eles!

VOZ (fora): O assunto acaba de ser sorteado: “Os direitos da mulher na sociedade moderna”.

(Álvaro se levanta, manifestando decepção pelo assunto escolhido.)

ROBERTO: Isso? Puxa, ele está preparado noutra faixa!

MARÍLIA: Ele é um orador político, será que não perceberam?

CLÁUDIA: Mas não teria nenhuma

razão pra quererem acabar com ele!

ROBERTO: Sempre tem uma razão.

VOZ (fora): O candidato terá dois minutos para preparar-se.

MARÍLIA: Por que não dois segundos?

CLÁUDIA: É do regulamento, gente!

JONAS: Você está do nosso lado, ou contra nós?

ROBERTO: Vai ver que você está torcendo pelo Hamilton.

CLÁUDIA: Ora bolas.

JONAS: Assim mesmo ele vai ganhar. Força, Álvaro!

(Todas essas falas são ditas de maneira a não serem ouvidas pelos organizadores do Concurso, e nem pelo próprio candidato, que está separado dos demais, sozinho, concentrado.)

VOZ (fora): O candidato pode iniciar.

ÁLVARO (subindo à tribuna): Senhores! A evolução das idéias no mundo moderno, seu incessante crescimento, não poderiam deixar de lado, como princípio de razão e de Humanidade, a defesa da condição feminina!

MARÍLIA: Vai indo bem.

JONAS: Boa, Álvaro, boa!

CLÁUDIA: O assunto é fogo!

ÁLVARO: A mulher... Seus direitos inalienáveis...

ROBERTO: É isso...

ÁLVARO: Quem senão nós mesmos... Quem, senão o próprio homem...

JONAS: Vai, nego, vai...

MARÍLIA: Meu Deus, meu São Francisco...

ÁLVARO: O homem, dizia eu... (Engole em seco.) Que em defesa dos direitos da mulher... Já desde a Idade Média... (Perde-se, titubeia.) Desde a Antigüidade...

(Pausa.) ...Senhores... Eu vou fracassar. (Desce da tribuna, arrasado.)

MARÍLIA: Meu Deus do Céu, o que aconteceu!

JONAS: Não é possível, ele está doente!

ROBERTO: Fizeram uma sujeira com ele!

VOZ (fora, impessoal): O próximo candidato, por favor, queira preparar-se Eduardo Cardoso!

(Álvaro desce, entra para o meio dos amigos, é abraçado, amparado, está pálido e abatido; Cláudia afastou-se um pouco dos demais, está no limiar de uma zona de penumbra. Todos os colegas terminam por se afastar, até que Álvaro fica sozinho, e se encaminha para ela.)

ÁLVARO: Você pode me dizer o que aconteceu comigo? Você entendeu?

CLÁUDIA: Você estava muito nervoso; e depois, o assunto. Foi um azar.

ÁLVARO: Não é motivo! Eu posso falar de improviso sobre qualquer assunto!

CLÁUDIA: Isso acontece, Álvaro! Não é a última oportunidade. Você vai se recuperar, vai ser o orador da turma na formatura, você vai ver! Isso acontece!

ÁLVARO: O que eu tinha esperado por isso! Dois anos, eu esperei dois anos! E agora, é só isso que você me diz!

CLÁUDIA: O que que eu posso te dizer, Álvaro. Você sabe o que vale.

ÁLVARO: Sei? Será que eu sei mesmo? (Pega-a pelos ombros.) Na noite de Natal, quando eu quis... Por que é que você... Você recusou?

CLÁUDIA: Álvaro, naquela noite, no

elevador... Que coisa mais ridícula!

ÁLVARO: Era só um beijo!

CLÁUDIA: Está bom, mas eu não queria!

ÁLVARO: Por quê?

CLÁUDIA: Não sei, não sei, eu não queria e pronto!

ÁLVARO: E agora... E agora, quer? (Segura-a com força e procura beijá-la. Ela se esquivava.)

CLÁUDIA: Nem agora, eu quero.

ÁLVARO: É por causa do que aconteceu... Comigo, hoje... Aqui?

CLÁUDIA: Não, eu sei o que você vale. Sei melhor que você mesmo.

ÁLVARO: A minha família... Não está aqui, eu sei... Mas a gente pode se conhecer melhor... Eu não sou qualquer pessoa, Cláudia...

CLÁUDIA: Eu sei.

ÁLVARO: E eu te amo.

CLÁUDIA: Eu sei.

ÁLVARO: Então por quê?

CLÁUDIA (gritando): Não sei! Não quero, e não sei por quê! Não sei me explicar, e não quero! Chega de me explicar! Chega, eu não quero mais!

ÁLVARO (enfurecido): Ah, é assim? Você pensa que é assim simples? Você pensa que é assim que se despede um homem? Um homem que se abriu com você, que se confessou com você? Não é assim Cláudia. Eu não sou qualquer pessoa! Você não vai me esquecer!

(Ficam os dois em cena. Entra o Cortejo, o mesmo que compôs o túmulo de Júlio Frank, na cena 7 do 1º Ato. São apenas homens, naturalmente. Formam novamente o

Coro.)

CORIFEU: Não te é permitido esquecer.

CORO: Não te é permitido não querer.

CORIFEU: Vamos te denunciar!

CORO: Não te é permitido
desencontrar,
não te é permitido desconhecer.

CORIFEU: Denunciada por ser.

CORO: Denunciada!

CORIFEU: Por querer
e por não querer
denunciada!

CORO: Denunciada por denunciar.

CORIFEU: Vamos passar a acusar!

CORO: És acusada de teus crimes
que não se podem perdoar.
És acusada de teus pecados
que não podemos publicar.

CORIFEU: És acusada!

CORO:...De tuas faltas
impossíveis de enunciar!

CORIFEU: És acusada de não saber!

CORO: É proibido ignorar.
És acusada de não crescer
até o ponto em que todos estão.

CORIFEU: És acusada de traição
ao mundo em que todos estão.

CORO: És acusada de fazer sofrer.
A um homem que acabava de
perder.
És acusada de repelir
a um homem que te vinha pedir.

CORIFEU: És acusada sem perdão.

CORO: És acusada de um "não".

CORIFEU: Vamos passar a julgar!

CORO: Os juízes te querem culpada
de haveres feito nada
por quem te buscou em sua
udez.
Os juízes te querem culpada
de haveres feito nada
mais uma vez!

CORIFEU: Culpada, culpada, culpada!
E para sempre condenada

à exceção

à solidão.

CORO: Os juízes te julgam culpada!

CORIFEU: E dão a pena por
publicada.

(Saem todos, menos Cláudia, que está
de pé, estarecida.)

(Tempo, até que se esvazie a cena de
todo o Coro. Cláudia ainda não se
refez. Ela chora, ou não chora. De pé,
com a cabeça entre as mãos, tenta
lembrar-se, para poder prosseguir.)

CLÁUDIA: E aí, o que foi que
aconteceu? O que foi? O que foi
que aconteceu?

(Entra o marquês de Beccaria, sempre
calmo e tranqüilo.)

BECCARIA: Nesse momento, entra o
marquês...

CLÁUDIA: Não, não foi isso... O senhor
sabe que não foi isso... Tudo se
tornou público... A acusação e a
pena... Todos souberam, e tudo
se falou... E não se falava em
outra coisa... E todos queriam
saber por quê... Por quê...

BECCARIA (insistindo): Nesse momento
entra o marquês... E conversa
com você...

CLÁUDIA: Eu quero lembrar de tudo,
compreender tudo!... Vinte anos
se passaram... Agora eu preciso
entender... O que é que todos
queriam... Que se passa na
cabeça das pessoas... Quais são
os interesses... Os sentimentos...
Tudo, tudo...

3ª CENA - "O MARQUÊS" TEMPO - 1970

BECCARIA: Por que você acha que vai
compreender tudo?

CLÁUDIA (insistindo): A gente tem que

rentar, não tem?

BECCARIA (passeando, olhando-se a si próprio): Está certo. É preciso tentar. Então, vamos lá. Olhe para mim! Você compreende que eu esteja aqui?

CLÁUDIA: Como?

BECCARIA: Vamos, tente! Eu estou aqui, um homem do século XVIII, de calções de seda e cabeleira. Eu sou um marquês. Por que você não tenta compreender isso?

CLÁUDIA: O senhor quer me confundir.

BECCARIA: Não, de maneira nenhuma. Eu existo, simplesmente. Estou aqui, não estou?

CLÁUDIA: Não sei se o senhor está aqui, ou dentro dos meus olhos. Acho que o senhor está dentro do que eu penso que vejo.

BECCARIA: Não é só você que me vê.

CLAUDIA: A minha Mestra também o vê.

BECCARIA: E quem é a sua Mestra?

CLAUDIA: É a minha mãe.

BECCARIA: Não, a sua mãe é uma mulher simples.

CLAUDIA: É meu pai.

BECCARIA: O seu pai já morreu.

CLAUDIA: É o meu amor!

BECCARIA: Bobagem, ela nem sabe que você existe!

CLAUDIA: Sabe, sabe, ela fala comigo!

BECCARIA: Ela fala com todos.

CLAUDIA: Mas ela se dirige a mim, ela me vê!

BECCARIA: Ela vê a todos.

CLAUDIA: Ela conversa comigo.

BECCARIA: e diz o que?

CLAUDIA: Ela me aconselhou. Disse que eu devia seguir a minha vocação. Ela me disse: "siga a

sua vocação. Não se importe com o que dizem os outros".

BECCARIA: Mas ela se importa com o que dizem os outros!

CLAUDIA: E o senhor? O senhor também se importa! O senhor sempre foi um lacaio, um servo dos poderosos!

BECCARIA (perdendo a serenidade): Mentira!

CLAUDIA: É verdade! Um marquês, o senhor é um marquês! O grande campeão da Justiça, o lutador pela causa da Liberdade, é um aristocrata! Louvou vergonhosamente a arbitrariedade do governo "sob o qual tinha a honra de viver"! Deu "um testemunho público dos seus princípios religiosos e da sua submissão ao soberano". O senhor foi um covarde, que abandonou a luta para não se comprometer!

BECCARIA (serenamente): Eu abandonei a luta mas escrevi um livro, que hoje você lê e discute, um livro onde eu denunciava a desumanidade das torturas e o arbítrio dos julgamentos! Eu mostrei ao mundo que o homem era mais que um animal, e que não devia ser tratado como estava sendo, como o último dos animais! Que nem tudo o que é consagrado pela tradição deve ser mantido! Que derramar o sangue do homem não é forma de provar nada! Que um criminoso, ainda que seja um criminoso, sofre, e não deve ser supliciado! Que a pena imposta ao criminoso não deve ser uma vingança da sociedade!

(A MESTRA, de beca preta, entra em

cena.)

BECCARIA: Eu provei que a dor não é um bom meio de se descobrir a verdade! E que o homem é feito de carne, de carne e ossos e sangue, e que ele é frágil, e precioso, e que essa criação de Deus, essa construção de Deus, deve ser mantida e respeitada!
EU ME ERGUI CONTRA A PENA DE MORTE!

MESTRA: Nós também somos contra a pena de morte.

BECCARIA: São contra a pena de morte, mas matam! Os seus carrascos matam, os seus policiais matam!

MESTRA: O senhor está falando da guerra?

BECCARIA: De todas as guerras, e da guerra civil, principalmente, e da guerra encoberta principalmente! (Pausa. Cai em si. A Cláudia.) Está bem. Eu abandonei a luta. E vocês? Vocês chegaram a iniciar a luta?

MESTRA (a Cláudia): Eu quero que você me arranje duas fotografias três por quatro de cada um dos alunos de sua classe.

CLÁUDIA (timidamente): Sim, senhora.

MESTRA: E sua amiga, como vai?

CLÁUDIA: Marília está em Tietê.

MESTRA: Vocês são inseparáveis, não? (Pausa. Mestra sai.)

CLÁUDIA (triunfante): Viu? Ela fala comigo!

BECCARIA (amargurado): Ela fala com todo mundo!

4ª CENA - "O ELEFANTE" TEMPO - 1940

‘Entram em cena todos os atores

disponíveis; trazem um pano marrom, dois canudos brancos que imitam dentes e uma tromba comprida de pano marrom. Vão construir um elefante. O elefante, no decorso da cena, deve dançar, pular, levantar ora uma perna, ora outra.

Cláudia e Roberto estão fora da construção do Elefante; também um figurante, que fará o papel do Domador, um moço que faz o papel de Jaime Silva Telles e um outro que atira nele com uma metralhadora de brinquedo.)

CLÁUDIA: Foi algum tempo depois da morte de Silva Telles, que, na festa do XI de Agosto, os veteranos resolveram alugar um elefante.

(O Elefante está sendo construído, como indicado.)

ROBERTO: Quem era mesmo esse Silva Telles?

CLÁUDIA: Era muito moço, nem era estudante da Escola ainda. Chamava Jayme.

(Luzes sobre o homem da metralhadora que atira, e sobre Jayme, que cai.)

CLÁUDIA: Mas essa é uma outra história.

(O Elefante levanta a tromba e se mexe um pouco.)

CLÁUDIA: Era um elefante de circo, simpático e manso. Tinha que ser manso porque nenhum elefante selvagem suportaria a vida numa cidade. O elefante tinha um domador.

(O domador exhibe um chicote e uma vara comprida.)

CLÁUDIA: Levaram o elefante, mais o Domador, para o Largo de São Francisco. O Elefante mexia com

a tromba, dava pulos, era engraçado. Todos achavam muito engraçado. O Domador ficava por detrás dele, e o guiava, com cutucões no lugar certo pra se conduzir elefante. As pessoas que passavam pelo Largo, senhoras, comerciantes, funcionários públicos, olhavam e comentavam. Ninguém se aproximava muito, pois todos sabem que um elefante, mesmo manso, é ainda perigoso.

ROBERTO: Quem era Silva Telles?
(Repete-se a cena do homem da metralhadora e de Jayme que cai.)

CLÁUDIA: Perto das casas de discos, a música alegrava o elefante.
(Toca-se uma valsa, e o elefante dança.)

CLÁUDIA: Ele movia as orelhas e ficava excitado. Acho até que foi alguma coisa assim que assustou o elefante. A certo momento, ele pareceu excitado demais, e confuso. Parou, e olhou com os olhinhos espantados. A tromba subia e descia mas ninguém percebeu. De repente, o elefante se atirou contra a vitrine da Casa dos Presentes, que ficava na esquina dos dois Largos. Foi terrível, mas não deixou de ser engraçado.

ROBERTO: E Silva Telles?
(Repete-se a cena da metralhadora e da morte de Jayme da Silva Telles. O Elefante é tomado de fúria, sacode-se, mexe-se com violência e acaba por se atirar contra um alvo invisível. Partem gritos de dentro do elefante, que, depois, vai se desfazer, deixando ver suas tripas feitas de gente. O enchimento do elefante se desfaz e a

cena é ridícula. Depois todos tomam o pano marrom e demais partes do elefante, e saem de cena com aquilo tudo.)

CLÁUDIA: Os vidros se partiram os presentes de cristais que estavam na vitrina se desfizeram como poeira e, naturalmente, feriram o elefante, que começou a sangrar. As pessoas corriam para todos os lados, e o Domador tentava conter o elefante.

(Encerrou-se a parte mimada da cena, e todos os componentes do elefante, inclusive seu Domador, já saíram de cena.)

CLÁUDIA: Não me lembro se o elefante morreu, nem como. Deve ter morrido. Todos os elefantes morrem, como toda a gente. Isso tudo aconteceu algum tempo depois da morte de Silva Telles, num comício no Largo de São Francisco. Isso foi por volta de 1943, mas desse tempo não é preciso falar. Todo mundo se lembra...

(Repete-se pela última vez a cena da morte de Jayme. *Black-out* - Ouve-se o Hino do Expedicionário Brasileiro.)

5ª CENA - "OS EXPEDICIONÁRIOS" TEMPO - 1940

(Ouve-se, dos bastidores, tocar o Hino do Expedicionário Brasileiro.)

HINO: "Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro, do engenho,
das selvas, dos cafezais,
da boa terra do côco,
da choupana, onde um é pouco,
dois é bom, três é demais..."

(Quando volta a se acender a luz

estão em cena dois pracinhas da Segunda Guerra Mundial.)

PRACINHA 1: Você quer saber de uma coisa? Eu acho esse hino uma bosta.

PRACINHA 2: Também, você é poeta!

PRACINHA 1: Não é isso, a letra até que não é das piores. É a música.

PRACINHA 2: Deixa lá, negro, que a letra, também...

PRACINHA 1: A gente é como é: vai ou não vai?

PRACINHA 2: Primeiro pro Rio, depois...

PRACINHA 1: E as aulas, como é que ficam?

PRACINHA 2: Menino, a gente é herói!

PRACINHA 1: E aqui, como é que fica?

PRACINHA 2: Aqui? O quê?

PRACINHA 1: Aqui, aqui. Ditadura. Lá, a gente vai lutar contra o totalitarismo. Não é? E aqui, como é que fica?

PRACINHA 2: Deixa pra lá; o negócio é diferente!

PRACINHA 1: Diferente de quê?

PRACINHA 2 (um pouco espantado): Sei lá, porque lá tem guerra, compreende? Que diabo, afundaram os nossos navios!

PRACINHA 1: Afundaram mesmo?

PRACINHA 2: Você não viu, não leu no jornal? Larga de ser besta!

PRACINHA 1 (irônico): Ah, você leu no jornal! Sabe o que dizia um jornal de 1934, que eu tenho guardado? Vou ler pra você, dizia assim (Puxa uma folha do bolso.): "SÃO PAULO É O JEQUITIBÁ FRONDOSO QUE ARREMETE SOBERBAMENTE PARA OS CÉUS IMPELIDO PELO VIGOR DE SUA SEIVA, QUE É O PARTIDO REPUBLICANO PAULISTA... Hem?

Você acha que São Paulo é um jequitibá frondoso?

PRACINHA 2: Nego, eu não sei nem o que é jequitibá.

PRACINHA 1 (continuando): Você acha que São Paulo é impelido pela sua seiva?

PRACINHA 2: Não, impelido pela seiva é o Jequitibá que eu não sei o que é.

PRACINHA 1: Você sabe o que é o Partido Republicano Paulista?

PRACINHA 2: Isso eu sei, também não sou uma besta tão grande, e não precisa querer me humilhar...

PRACINHA 1: É tudo uma besteira, negão, uma besteira...

PRACINHA 2: É lá hora de dizer isso, agora que a gente vai pra guerra?

PRACINHA 1: Pois é, a gente vai pra guerra. E a gente vai, e a gente quer vencer, e vai lutar muito e vai dar muito tiro!

PRACINHA 2: A gente é herói pra burro!

PRACINHA 1: ...E a gente ama o Brasil e vai ficar comovido quando se lembrar dele, e vai tremer quando olhar a bandeira, e vai ser patriota, porra, vai ser patriota!

PRACINHA 2: Puxa, nego, eu não sabia...

PRACINHA 1 (chorando): A gente vai ser patriota... E é de verdade, de verdade...

(Sons do Hino do Expedicionário. Ao fim da primeira estrofe, ouve-se a quadra: "Quando se sente bater".)

PRACINHA 2: Vão'bora, nego, tomar umas e outras...

PRACINHA 1: Eu tinha começado um trabalho de civil que estava uma

beleza.

PRACINHA 2: O negócio agora não é civil, é militar...

**6ª CENA - "O ENTERRO DE
JÚLIO FRANK"
TEMPO - 1840**

(Luz sobre Júlio Frank, o mesmo que, no ato anterior, aparece morto e sendo sepultado. Fazem-lhe perguntas, de fora do círculo de luz.)

BISPO: Nome?

JÚLIO: Júlio Frank.

BISPO: É esse o seu nome?

JÚLIO: É o nome que eu tenho.

BISPO: Natural de?

JÚLIO: Gotha, Alemanha.

BISPO: Quando nasceu?

JÚLIO: Mil novecentos e oito.

BISPO (perfeitamente natural):
Quando morreu?

JÚLIO: Dezenove de junho de 1841.

BISPO: É acusado de haver criado na Escola de Direito uma cédula da "Burschenschaft". Pode explicar o que era isso?

JÚLIO: Uma sociedade filantrópica.

BISPO: Só?

JÚLIO: Uma sociedade de auxílio mútuo.

BISPO: Atividade política?

JÚLIO: Tudo é atividade política.

BISPO: Sociedade secreta?

JÚLIO: Toda sociedade em que se reúnem moços acaba por ter um caráter esotérico. Faz parte do mistério de que os moços...

BISPO: Responda só as perguntas. Por que quer ser enterrado aqui?

JÚLIO: Eu quero apenas ser enterrado.

BISPO: Por que não no cemitério dos pobres?

JÚLIO: Em qualquer parte. São os

meus amigos, os rapazes que querem me enterrar aqui.

BISPO: Parece que o Conselheiro Brotero também.

BROTERO (saindo da sombra): Eu prefiro. Confesso que prefiro. Outros cadáveres existem nesta terra, isto já foi convento.

BISPO: Ossos de santos, é o que há por aqui. Ossos de cristãos!

BROTERO: Frank não é judeu.

BISPO: Huguenote!

BROTERO: Tampouco.

BISPO: Pedreiro livre, então! Chame-o como quiser. Cristão não é.

BROTERO: Vossa Eminência dá excessiva importância à "Bucha".

BISPO: Este homem estudou as ciências malditas.

BROTERO: Mas está morto, agora!

BISPO: Não importa. Essas coisas se prolongam além da morte.

BROTERO: Eminência, não me dirá que o seu Deus é insuficiente para tais esconjuros!

BISPO: Conselheiro!

JÚLIO: Por favor senhores, não briguem por mim. Eu vou para qualquer parte. A "Bucha" fica.

BISPO: Quais são os atuais chefes?

JÚLIO: Estou morto, Eminência. Me enterrem.

BROTERO: O senhor irá para o pátio da Escola!

JÚLIO (sorrindo): Chega a ser engraçado.

BISPO: Feijó, Pires da Mota, esses poetinhas... E o senhor mesmo, Conselheiro... O senhor mesmo! Pertencem à Bucha!

BROTERO: Ele fica, senhor Bispo. O Convento é seu... Mas a escola é minha.

BISPO: Conselheiro... Por que toma

tudo a ferro e fogo?

BROTERO: Eu não discuto, Eminência.
Seu domínio é o domínio do céu.
Esse lhe pertence. Nem eu, nem
Júlio Frank discutimos o que
acontecerá à sua alma... Nem à
nossa alma. Tratamos agora do
corpo.

BISPO: Quem o enterra?

BROTERO: Disso trato eu.
(Júlio se levanta e vai se
encaminhando para o lugar em que
anteriormente se localizou o seu
enterro em "A composição do
túmulo".)

BISPO: Quem fará a cova? Deve ser
feita discretamente!

BROTERO: Já temos gente tratando
disso.

(Entra o cortejo já referido na cena 7 -
1º Ato.)

BISPO: Mas então o Conselheiro já
dispôs tudo. Porque que veio me
consultar, se posso saber?

BROTERO (gentil): O assentimento da
Igreja é para nós essencial,
Eminência!

BISPO: Venha, senhor Conselheiro.
Vamos tomar um bom café...
Agora mesmo me chegou da
chácara...

(Saem ambos. O cortejo faz o final da
cena do enterramento de Júlio Frank.
Quando o cortejo está saindo de
cena, num *flash* rápido, os 3 últimos
componentes retiram, de repente,
suas vestes negras. Por baixo destas
surgem as fardas do Soldado de 32, e
dos Soldados Expedicionários. Mistura
dos sons que caracterizaram essas
duas fases do espetáculo. Os 3 atores
permanecem em cena e gritam,
respectivamente.)

SOLDADO DE 32: Voluntário do

Batalhão 9 de Julho 1º

Companhia!

EXPEDICIONÁRIO 1º: Estudante aluno
do CPOR!

EXPEDICIONÁRIO 2º: Estudante Cabo
do 3º REC-MEC!

SOLDADO DE 32: Paulista por mercê de
Deus!

EXPEDICIONÁRIO 1º: Eu estava
fazendo um bom trabalho de
Civil...

EXPEDICIONÁRIO 2º:...Mas tudo ficou
parado...

OS TRÊS:...Mas tudo ficou parado...

Enquanto se vai morrer
enquanto se vai morrer
enquanto se vai morrer
enquanto se vai morrer
enquanto se vai morrer.
(Luz decresce enquanto os três
repetem a mesma fala e o cadáver
de Júlio Frank continua iluminado.)

7ª CENA - "O PRIMEIRO OFÍCIO" TEMPO - 1955

(Roberto e o Advogado, sentado
numa cadeira imensa, ante uma
mesa imensa, fumando um charuto.
Roberto pleiteia um empreguinho.)

ADVOGADO: É você o estudante que
indicaram?

ROBERTO: Sou eu, sim senhor.

ADVOGADO: Você já tem carteira de
solicitador?

ROBERTO: Já, sim senhor.

ADVOGADO: Prática?

ROBERTO: Já trabalhei dois anos num
escritório.

ADVOGADO: Que especialidade?

ROBERTO: A gente fazia de tudo um
pouco... O que vinha...

ADVOGADO: A gente?

ROBERTO: O doutor Amaro...

ADVOGADO: Ah, o Amaro, sei. Crime também?

ROBERTO: Não senhor, o crime não compensa... (Ri, o advogado não acompanha, ele embatuca.)

ADVOGADO: Bem, aqui, você sabe... É como de praxe... Início do seu expediente às 13 horas... Fórum, Cartórios, Registros de Imóvel, Protestos, Distribuições... Aquela lenga lenga.

ROBERTO: Sim senhor...

ADVOGADO: Vinte por cento nos honorários...

ROBERTO: Sim?

ADVOGADO: ...Nos casos que você trazer.

ROBERTO (caindo em si): Ah, sim.

ADVOGADO: Quer começar, já?

ROBERTO (animando-se): Pois não, doutor! (Toma todas as atitudes de um candidato a advogado.)

ADVOGADO: Ótimo! Vai me buscar um alka-seltzer! Toma lá o dinheiro.

(Luz apenas sobre o Roberto. Recebe um comprimido de Alka Seltzer como se fosse uma grande moeda. Pega um copo de água, joga o comprimido dentro e fica vendo ferver.)

ROBERTO: Eu já tinha corrido até ali. Mas ainda tinha a segunda parte. Calça gasta na bunda, sapato engraxado com casca de banana... E Alka Seltzer! Alka Seltzer, quilos de Alka Seltzer, quilômetros de Alka Seltzer! Mas por um lugarzinho naquelas mesas eu engolia qualquer negócio! (Bebe a Alka Seltzer, pausa e depois arrota.) Hoje em dia me dizem que eu tenho mania de grandeza. Pois sim! Se eu tivesse bebido toda Alka

Seltzer que carreguei eu teria levantado vôo! O caminho dos inventários, dos despejos, dos desquites é sempre pontilhado pelos arrotos do advogado mais antigo do escritório. A gente diz "saúde", e estamos aí! A gente diz "amém", e estamos aí! Um dia a casa cai, vem o câncer, o derrame, o raio, e se abre uma vaguinha naquelas mesas, naquelas salas e naquelas secretárias... E é a vez da gente! (Arreganha os dentes.) Da gente! Do tigre mais novo, do cachorro mais forte! Eu tinha que chegar lá! Eu tinha que chegar lá!

(Pega a ponta de charuto deixada pelo Advogado e a põe na boca.)

ROBERTO: E eu cheguei lá! O Rei de todas os Tribunais! (Faz pose de fotografia, enquadra-se a si próprio com os dedos polegares e indicadores das duas mãos.) O Presidente da Ordem...

(Enquadra uma mulher imaginária a seu lado.) ...E a senhora Roberto Stamato, receberam ontem, na mansão da rua Canadá! É a glória!...

(Demora-se no gozo da cena, Entra Jonas, no tempo - Mansão da Rua Canadá, ou seja, 1964.)

JONAS: Roberto, você sabe que o Álvaro está mal?

ROBERTO: Mal? De que, de saúde?

JONAS: Não, mal de vida. Problema político.

ROBERTO (calmo): Problema dele, não é, Jonas?

JONAS: Vocês não podem fazer nada?

ROBERTO: Nós? Não. Nesta situação, nada.

JONAS: Ele vai partir pra Argélia amanhã.

ROBERTO: Se ele está bem, já é muito.

JONAS: Mas a família... Todos os bens... Ele vai sem ninguém, sem nada, Roberto!

ROBERTO: Eu sinto muito, mas a gente não pode nem mexer com isso, compreende, Jonas? Nem mexer com isso, se não quiser complicações maiores. É perigoso. E aliás, eu entendo que, nesta situação, o melhor procedimento, no caso, seria o de eventualmente...

JONAS: Eu pensei que a gente podia ajudar o colega... Sem nada de política... Afinal a gente foi amigo, colega de turma... Colega de banco de escola... Pô, a gente foi amigo, Roberto!

ROBERTO: Amigo? Foi... Foi sim, Jonas. Mas isso faz muito tempo, viu? Muito tempo... E eu entendo que, nas presentes circunstâncias, e na eventualidade de pressões maiores, não seria conveniente...

8ª CENA - "PARAGUAY" TEMPO - 1970

(Harpa paraguaia. Guarânia. Calor. País interior. Mesa de bar, situada numa varanda, ao ar livre. Tudo terra em volta. Fronteira. Caminho de um cassino de jogo, passam carros para o cassino. Faróis que iluminam e se apagam, passando. Um farol ilumina e pára em cima de Cláudia, sentada numa das mesas do bar. Ela põe a mão sobre os olhos, protegendo-os. Álvaro surge por detrás do farol. Vem vindo, encaminha-se para a mesa. Veste

um terno bem branco, bem sul. Coloca o farolete que trazia sobre a mesa, com a luz para cima, luz difusa iluminando tudo frouxamente. Os faróis de carros continuam a passar.)

CLÁUDIA: Levei um susto. Como se chama isto aqui?

ÁLVARO: Desculpa o susto. "Media Luna".

CLÁUDIA: E os faróis?

ÁLVARO: É o cassino. Por aqui é sempre esse movimento.

CLÁUDIA: O cassino?

ÁLVARO: É. A fronteira. Passagem de meio mundo.

CLÁUDIA: Nossa, por exemplo.

ÁLVARO: É nossa. Parece mentira.

CLÁUDIA: Quantos anos você está... Fora?

ÁLVARO: Vai pra sete anos.

CLÁUDIA: Parece mentira.

ÁLVARO: Deixa. Não foi pra isso que a gente se encontrou. Você, como vai? O que faz agora, na profissão? Quando eu... Saí, você era advogada do Instituto, não?

CLÁUDIA: Era, mas deixei. Agora sou professora.

ÁLVARO: Meu Deus, vai para sete anos!

CLÁUDIA: Não se diz "meu Deus"! Se diz "meu Mao"!

ÁLVARO (rindo): Não é isso, não é nada disso! Puxa, como é bom ouvir uma piada bem... Uma brincadeira bem... (Sério.) Ah, como é que vocês me chamavam?

CLÁUDIA: "Caudaloso". A gente dizia que você era caudaloso.

ÁLVARO: Caudaloso, é boa.

CLÁUDIA: Como o Amazonas. (Pausa.)
Teu cabelo.

ÁLVARO: Que tem? Caindo, não?

CLÁUDIA: Eu me lembro do teu chapéu impermeável.

ÁLVARO: Impermeável?

CLÁUDIA: Do teu chapéu de chuva. Aquele que você comprou quando...

ÁLVARO: ...Quando cheguei e entrei pra Escola. Eu cortei o cabelo, e depois...

CLÁUDIA: Ele ficou pequeno quando o cabelo cresceu... (Pausa.) Como você disse que se chamava aqui?

ÁLVARO: "Media Luna".

CLÁUDIA: Como é que a gente chegou aqui?

ÁLVARO: Você é repórter?

CLÁUDIA: Quero saber como é.

ÁLVARO: Cruzando a fronteira. Vocês cruzam esta fronteira, eu atravesso a outra.

CLÁUDIA: Outra. É engraçado. Eu me sinto como se tivesse cruzado "outra" fronteira.

ÁLVARO: Isto aqui é outro mundo, embora seja tão perto. Outra língua, outro jeito. Outra cana. Você olha a terra e é igual, as plantas e são iguais. Experimenta chamar um cachorro e dizer: "vem cá lulu"? Ele não te entende. As pessoas falam diferente e dizem outras coisas. Quando lembram, dos avós, não são os nossos, são avós índios ou espanhóis, tiveram outras guerras e outras mortes. Você passa pela estrada e vai vendo os nomes dos lugares. Riachuelo, Lomas Valentinas, Cerro Corá...

CLÁUDIA: Parece que a gente está sempre ganhando a guerra do novo...

ÁLVARO: Eles nos odeiam, mas não têm força pra confessar.

CLÁUDIA: Mas é boa gente, não é?

ÁLVARO: É gente batida. Tem que ser boa.

CLÁUDIA: Você está aqui?

ÁLVARO: Não, aqui não. Sabe que eu recebi a tua carta?

CLÁUDIA: A que eu te mandei o ano passado?

ÁLVARO: Não, a que você me mandou há sete anos.

CLÁUDIA: Ah, aquilo. Era bobagem.

ÁLVARO: Bobagem não. Você estava preocupada com a justiça. Eu li, levei em consideração. Ia responder, quando... Aconteceu aquilo.

CLÁUDIA: Eu compreendi que você devia ter muito trabalho, no ministério.

ÁLVARO: Mas eu não ia deixar de responder. Olha...

CLÁUDIA (ao mesmo tempo): Você...

ÁLVARO: Fale.

CLÁUDIA: Não, você. Diga você.

ÁLVARO: Que é isso? Fale!

CLÁUDIA: Eu só queria saber...

ÁLVARO: Eu também!

(Daqui em diante, passarão a falar de coisas diferentes.)

CLÁUDIA: Por quê... Não deu certo?

ÁLVARO: É isso... Por quê?

CLÁUDIA: Parecia... Que ia ser bom, que ia ser a solução!

ÁLVARO: Mas você não me disse...

CLÁUDIA: Eu tentei.

ÁLVARO: Podia ter sido bom.

CLÁUDIA: O que faltou? Tudo prometia. Qual foi a razão?

ÁLVARO: Naquele dia eu estava nervoso...

CLÁUDIA: Naquele tempo... A gente estava com tanta confiança!

ÁLVARO: Eu acreditava tanto!

CLÁUDIA: Nós tínhamos esperado...

Desejado...

ÁLVARO (explodindo): Por quê? Por que você não quis? O beijo? Por que você não quis? Tinha outra pessoa? Quem era? Quem era a outra pessoa? Tinha outro? Quem era? Por que você não me disse? Por quê?

CLÁUDIA (espantada, confusa): Vocês eram os homens que a gente tinha escolhido... O governo que a gente tinha sonhado...

ÁLVARO: Por que você não me quis?

CLÁUDIA: ...Tudo estava caminhando...

Era o que a gente tinha sonhado...

ÁLVARO: Você gostava de mim, ou não?

CLÁUDIA: Você era popular, o povo estava com você, a gente estava com você!

ÁLVARO: Por quê? Por quê?

CLÁUDIA: Vocês se precipitaram. E agora, nunca mais.

(Pausa. Álvaro pega o farolete e ilumina o próprio rosto.)

ÁLVARO: Senhores, eu vou ser Presidente da República!

(Álvaro sai. No escuro, iluminada pela luz intermitente dos faróis de automóveis que passam, Cláudia segue falando.)

CLÁUDIA: A única maneira de falar com ele era atravessando a ponte, passando a fronteira... Talvez eu pudesse me explicar... Talvez ele pudesse me explicar... Se eu fosse... Será que eu podia ir? Como se chamava mesmo aquele lugar? Como se chamava? Como...

(Sobe o som da Guarânia, tocada na

harpa. Sobe a voz masculina.)

VOZ MASCULINA: Media luna

noche plena

lua, lua, lua, lua

três amores,

dois caminhos,

vida una, una, una,

siete años

noche oscura

rios fundos, fundos, fundos

luta armada,

chê, amada,

media luna, luna, luna...

9ª CENA - "O ENFARTE"

TEMPO - 1970

(Luz sobre Jonas, sozinho, mais velho, sentado à mesa no meio de mil papéis e livros, escrevendo, voltando a ler, escrevendo, consultando um código, escrevendo... Um rádio ligado funde música de velhos boleros com a última música da cena 8. Jonas usa óculos, tira os óculos, limpa os olhos, volta a escrever, bebe de um copo de uísque, atordoado de cansaço: de repente, ouve-se um bolero de vinte anos atrás: "Vanidad". Jonas sorri, se levanta, e começa a dançar e a cantarolar o bolero, sozinho.)

JONAS (cantando e dançando):

"Vanidad,

por tu culpa he perdido

un amor, vanidad,

que no puedo olvidar...

Tararará, rará, rará..."

Ah,... "Vanidad"... Meus tempos...

Se ao menos eu ainda tivesse

tempo de ir a um cabaré, boate,

sei lá como se chama agora, a

um inferninho daqueles...

"Vanidad"... Ah...

(A música se acelera, de forma irreal,

a dança também se acelera, os passos se tornam espasmódicos, os olhos caem, Jonas tonteia, passa a mão pela testa... De repente, a dor no peito, fulminante... Ele pára, olha em frente, com os olhos cheios de dor... Tenta avançar, mas as pernas recusam... No rádio, onde cessou a música, ouve-se a voz de uma criança, repetindo mecanicamente: "Papai, não corra... papai, não corra... papai, não corra..." Jonas cai fulminado, enquanto o rádio continua com sua música de bolero.)

10º CENA - "AS CARTAS" TEMPO - 1970

ÁLVARO (lendo uma carta): "No fundo, nada acontece por acaso. As considerações que te fiz na última carta revelam um estado de espírito: é o exilado, buscando descobrir, com olhos de lupa, o despertar do povo; tentando ouvir, no mais mínimo rumor, a clarinada do amanhã. As grandes linhas políticas estão mais do que presentes na minha inquietação. Mas, simplesmente, também há em mim a ânsia de regressar... Que estes sete anos já me vão pesando... Para o exilado, a distância é uma realidade viva e crua, e que tem o dom de alongar-se à medida que os anos vão passando..."

(Apaga-se a figura de Álvaro, acende-se a de Marília.)

MARÍLIA (lendo uma carta): "Todos estávamos certos. Procurando, procurando... Eu sempre quis ter

filhos, Cláudia, você sabe. E não podia tê-los aqui em Tietê, sem me casar. Cansei de escandalizar a vizinhança, a família, com aqueles passeios de noite, procurando sobradões coloniais, você se lembra? Os sobrados estão caindo, os tempos mudando... Nossa fazenda, aqui no Vale Feliz, é linda; apareça. ainda não tenho filhos, mas espero ter... Por enquanto, estou plantando hortências e criando galinhas..."

(Apaga-se a luz sobre Marília e se acende sobre Cláudia. Ela tem duas folhas de papel nas mãos, que são as duas cartas lidas anteriormente. Deixa cair docemente as duas folhas. Depois, com um gesto criador, inventa uma árvore. Fantasia total.)

11º CENA - "SOB AS ÁRVORES" TEMPO - 1970

CLÁUDIA (prossequindo o jogo): Aqui, tem uma árvore... (Contempla-a, e inventa outras.) Mais **árvores**, um céu de árvores! (Olha para sua criação.) Estamos andando entre as árvores, eu e a minha Mestra. Aqui está ela! (Entra a Mestra.) Estamos passeando sob ramos das árvores. Não se passaram vinte anos, eu não sou a pequena órfã, a Escola não se acabou. Ainda tenho a vida pela frente, sempre terei a vida pela frente.

MESTRA (sorrindo): É claro, por que não?

CLÁUDIA: Hoje eu sei como é fácil sorrir. Mas será que vale a pena?

MESTRA (corrigindo): Não, não. Este

não é o tom. Este tom é muito amargo. E não se passaram vinte anos.

CLÁUDIA: Estamos em 1950...

MESTRA: Eu pus a mão sobre o seu ombro, durante o vestibular de latim. Minha observação casual, depois, evitou que você cometesse um erro inútil.

CLÁUDIA: E isso foi bom.

MESTRA: Eu pretendia muito. Queria muito. Mas...

CLÁUDIA: Mas?

MESTRA: ...As estruturas...

CLÁUDIA: Sempre existem as estruturas... Nós fazíamos semanas de combate à prostituição. Dizíamos: "as prostitutas devem ser salvas! Deve-se favorecer a sua reintegração na sociedade".

MESTRA: E isso não era bom?

CLÁUDIA: Era. Só que não era o mais importante. Nós não dizíamos que, na sociedade feita pelos homens, as prostitutas eram indispensáveis. Não falávamos das causas!

MESTRA: Mas a sociedade estava organizada!

CLÁUDIA: É. Ela sempre está organizada. Ou pensa que está. (Tempo.) Veja as árvores!

MESTRA: São bonitas.

CLÁUDIA: Eu caprichei. São a minha oferta.

MESTRA: Seu exame de inglês foi realmente bom. Eu disse isso.

CLÁUDIA: "Siga a sua vocação; não se importe com o que dizem os outros."

MESTRA: Eu também disse isso!

CLÁUDIA: E foi bom.

MESTRA: Então, de que me acusa?

CLÁUDIA: De... De... Não. Eu não acuso. Eu tinha vinte anos e fui feliz. Eu amava e tinha vinte anos e era feliz. E isso encheu a minha vida e eu brotei a partir disso tudo. Eu cresci, tive folhas. Veja as árvores!

MESTRA: Você não existia!

CLÁUDIA: Isso não é verdade.

MESTRA: Não existia! E não existe agora! Só existe porque inventou umas árvores, porque pôs folhas nas árvores e me pôs aqui... A mim, que tenho tanto o que fazer lá fora!

CLÁUDIA: Desculpe. Pensei que o tempo fosse 1950.

MESTRA: É mesmo. (Muda.) Gostaria que você me arranjasse duas fotos 3 por 4 de todos os alunos de sua classe.

CLÁUDIA: Para o fichário de 1950, ou para os arquivos de 1970?

MESTRA: É inútil. Nós nunca nos entenderemos...

(Entra Beccaria.)

MESTRA: Você convidou outra pessoa?

CLÁUDIA: Não. Ele veio porque quis.

BECCARIA: Bom dia, senhoras. Ah, você pequena órfã. Sempre se lamentando? Seu avô materno está muito interessado em você.

CLÁUDIA: Uma anarquista que morre aos trinta anos com um tiro nas costas devo ter bem pouco a se lembrar do mundo.

BECCARIA: Ao contrário, ele é um dos anjos do meu céu romano.

CLÁUDIA: O senhor era milanês.

BECCARIA: Quantos detalhes! (A mestra.) A senhora ainda se interessa pelas minhas doutrinas?

MESTRA (com grande dignidade): Menos, agora. Mas não deixei de

ler os filósofos. De manhã, sob as árvores, ainda são uma leitura... (Saem os dois, conversando. Cláudia permanece em cena. A guarânia que marca o tempo paraguaio se ouve. Entram Álvaro e Marília, conversando. Falam, enquanto vestem suas becas, e Cláudia em silêncio, faz o mesmo.)

MARÍLIA: Eu ainda não entendi tudo. Por que você não estava na cena do trote?

ÁLVARO: Eu vim transferido, do norte. Entrei para a Escola no segundo ano. Por isso é que a turma implicava comigo, me perseguia, me armou aquela brincadeira em casa da Cláudia, se lembra? Aquela da tinta vermelha...

MARÍLIA: Mas depois eles tiveram que te engolir...

ÁLVARO: Com chapéu e tudo...

MARÍLIA: Você ficou sabendo que o Roberto é presidente da Ordem?

ÁLVARO: Afinal, fiquei.

MARÍLIA: E que o Jonas morreu?

ÁLVARO: Também.

MARÍLIA: Coitado, tão moço.

ÁLVARO: Pelo menos, morreu na terra dele. E eu, que vai pra oito anos...

MARÍLIA: Não pensa nisso agora. Agora, você está aqui...

ÁLVARO: Só mais um pouco...

MARÍLIA: Todo mundo tem que morrer...

ÁLVARO: E não é mesmo?

(Terminam de vestir as becas, e se encaminham para a:)

12ª CENA - "RETRATO DE FORMATURA" TEMPO - 1955

(Todos se encaminham para o lugar diante do Monumento ao Soldado de

32. Todos estão de beca. Formam o grupo tradicional para a fotografia, em três fileiras de altura crescente. Em destaque estão os personagens principais, os demais são o coro e figurantes. Fazem pose todos, estão sorridentes; espouca um *flash*, e o retrato foi tirado. Agora, tornam a arrumar-se, sorrindo, para cantar o Hino Acadêmico - começam a cantar)

TODOS (cantando): "Sois da pátria a esperança fagueira,
branca nuvem de um róseo porvir
do futuro levais a bandeira
hasteada na frente a sorrir..."

(Uma voz, de fora, diz: "Não, não, assim está muito formal". E surge uma bola de futebol, atirada dos bastidores. Imediatamente, o grupo se organiza de outra forma, ficando apenas onze, como um time de futebol, formado de Cláudia, Marília, Roberto, a Mestra e Jonas, de pé - e Álvaro, Zé Minueto, Beccaria, Júlio Frank, o Poeta Romântico e o corifeu, agachados, estando a bola aos pés de Álvaro. Estoura outro *flash* e eles cantam o Hino do Campeonato Mundial de Futebol de 1970.)

TODOS (cantando): "Noventa milhões em ação
pra frente Brasil
do meu coração
todos juntos, vamos,
pra frente Brasil,
salve a seleção...
De repente é aquela corrente
pra frente,
parece que todo o Brasil deu a
mão..."

(Seguem cantando o hino quantas vezes for necessário, enquanto os

componentes do time vão saindo; primeiro, sai a Mestre, depois Marília, Jonas, que cobre o rosto com as mãos, Roberto, o Poeta Romântico, Júlio Frank, Beccaria, o Corifeu, depois Zé Minueto, depois Álvaro, que leva a bola. Fica Cláudia. Quando todos saem, cessa a música do hino, e

Cláudia, sozinha canta.)

CLÁUDIA (cantando): "Quando se sente bater no peito heróica pancada BIS Deixa-se a folha dobrada enquanto se vai morrer... BIS (Luz decrescendo sobre ela, que continua cantando.)

FIM

ADULTO

Mumu, a vaca metafísica
Marcílio Moraes

MUMU, A VACA METAFÍSICA

Marcílio Moraes

(Concurso de Dramaturgia Prêmio Serviço Nacional de Teatro 3º lugar - 1974)
(Departamento de Documentação e Divulgação Brasília, DF - 1977)

PERSONAGENS

Jeremias
Clotilde
Berenice
Pedro
Ataíde

CENÁRIO

Sala de família classe média, de época indeterminada. Há uma mesa de quatro lugares, poltronas, sofá, máquina de costura e objetos diversos. Ao fundo uma grande porta. À direita, porta para o exterior. À esquerda, corredor para o interior.

NOTA: Jeremias e Ataíde serão representados pelo mesmo ator.

1º ATO

QUADRO I

Clotilde, Jeremias: A cena está vazia e escura. Entra Clotilde pela esquerda e acende a luz. Tem o andar lento e a expressão cansada, mas está visivelmente alegre. Traz uma toalha e a estende sobre a mesa. Volta ao interior e traz dois pratos de sopa e talheres, que arruma cuidadosamente sobre a mesa. Vai ao interior

novamente e traz dois copos e uma moringa. Arruma-os e senta-se numa das cadeiras. Apoia o cotovelo na mesa e descansa a cabeça na palma da mão. Fica com o olhar perdido e um leve sorriso nos lábios. Após alguns momentos ouve-se o ruído de chave rodando na fechadura. Jeremias abre a porta da direita e entra. Veste um terno simples e traz um guarda-chuva que coloca cuidadosamente num móvel próprio.

JEREMIAS (notando a presença de

Clotilde): Você está aí?

CLOTILDE (levantando-se): Já chegou? Vai ter vida longa. Estava pensando em você agorinha mesmo. Como foram as coisas hoje?

JEREMIAS: Que calvário, mulher! Que calvário! (Ela o ajuda a tirar o paletó, que pendura no encosto de uma cadeira.)

CLOTILDE: Algum problema?

JEREMIAS: Os mesmos de sempre. Era até melhor que aparecesse um novo, que Deus me perdoe. Pelo menos a gente se preocupava com uma coisa diferente. (Senta-se à mesa. Sacudindo a cabeça.) Eu não estou entendendo. Por trás de tudo isso tem que haver uma coisa dirigindo. Um desígnio. É tanta safadeza, tanta desonestidade, tanta impunidade. Só os sem-vergonha que se dão bem, que sobem na vida. Tem que haver um castigo. Tem que haver.

CLOTILDE: Esqueça isso agora. Deus é grande.

JEREMIAS: Ponha o jantar. (Ela sai pela esquerda. Ele fica resmungando.) Hum! (Clotilde traz uma terrina que coloca sobre a mesa.) Traga o pão. (Ela sai pela esquerda e volta com dois pedaços de pão num prato. Coloca sobre a mesa. Ele estende o prato e ela serve a sopa.) É o que eu lhe digo, mulher. Quem é trabalhador, quem cumpre com os seus deveres, quem não se mete em patifaria... Chega. (Ela serve a si própria e senta-se. Jeremias corta um pedaço de pão com a mão. Comem.) Esse está sempre por

baixo. Ninguém reconhece. (Pausa.) Hoje o doutor Jaime me chamou à sala dele e perguntou: (Arremedando.) Seu Jeremias, onde é que o senhor mora? Já fiquei desconfiado. Quando o chefe começa com essas intimidades boa coisa não é. Eu moro no bairro da Saúva, doutor, respondi. Sabe o que ele disse? É um safado mesmo. (Arremedando.) Mas ali é um lugar tão ruim, tão longe, seu Jeremias. Como é que o senhor aguenta?

CLOTILDE: Falou assim é?

JEREMIAS: Assim como eu estou dizendo.

CLOTILDE: Que coisa, meu Deus.

JEREMIAS: Aguento porque não sou safado, porque não me meto em patifaria, vivo com o meu ordenado. Por isso que aguento. É longe, feio, mas só mora gente decente. Não é como o bairro do senhor, não. Bonito por fora mas cheio de gente indecente, de safados, de mulheres desquitadas e outras coisas que nem é bom falar. (Pausa.) Não disse isso porque afinal de contas ele é meu chefe e a gente tem que respeitar. Mas que tive vontade, tive. (Categórico.) Não é bairro de rico mas só mora gente decente.

CLOTILDE: Antes fosse, meu velho. Antes fosse. Você nem sabe o que aconteceu hoje.

JEREMIAS: Que foi?

CLOTILDE (indicando com o polegar e abaixando um pouco a voz): Imagine que essa sujeitinha aí do lado teve a petulância de vir

bater hoje aqui.

JEREMIAS (incrédulo): Aqui?

CLOTILDE (indicando a porta da direita): Nessa porta que aí está. (Arremedando.) Ah, Dona Clotilde, queria dar uma palavrinha com a senhora.

JEREMIAS: Bateu aqui?

CLOTILDE: É o que eu sou dizendo.

JEREMIAS: Teve esse descaramento? Depois do que ela fez? Depois que todo mundo a viu recebendo um homem em casa? Mas onde é que nós estamos? Este mundo está pelo lado do avesso mesmo.

CLOTILDE: Contando não se acredita.

JEREMIAS: E o que ela queria?

CLOTILDE: Aí é que vem o melhor. Você vai cair pra trás.

JEREMIAS: Conta logo.

CLOTILDE: Queria que eu ficasse tomando conta da casa dela, (Arremedando.) porque vem umas pessoas me visitar e eu não posso esperar. Pediu para eu avisar que ela tinha um compromisso e teve que sair. Você já viu uma coisa dessas?

JEREMIAS: Não sou porteira de casa de tolerância, você devia ter respondido.

CLOTILDE: Graças a Deus eu tenho o que fazer, minha folha. Não sou desocupada, não. Não tenho tempo pra tomar conta da vida de ninguém. Isso é que eu devia ter respondido.

JEREMIAS: Meu marido é um homem honesto e não trabalha pra eu ficar em casa de mexerico, não. Isso ela precisava ouvir.

CLOTILDE: Mas ela não ficou sem resposta, não. Só não disse nada pesado porque acho que é

melhor a gente ignorar. O que essa gente quer é escândalo, é fofoca. O melhor é a gente não dar confiança. Isso é que as deixa mais danadas.

JEREMIAS: Fez bem. Não se pode dar confiança. Mas que que você respondeu?

CLOTILDE: Disse que estava muito ocupada, que ia ficar o dia todo aqui dentro mas que, se eu visse as pessoas chegando, eu avisava. Mas falei dum jeito que ela percebeu muito bem o que eu estava pensando. Ela não é boba, não. (Pausa.) Você precisava ver como é que ela estava. (Jeremias estende o prato e ela serve mais sopa.) Na certa ia ter um encontro. Com um vestido apertadinho, muito pintada. E fazendo aqueles olhares de vagabunda. Tive que fazer força pra não botá-la porta afora.

JEREMIAS: Ela entrou aqui?

CLOTILDE (zangada): Que entrou... Você acha que eu deixo gente dessa laia por os pés na minha casa? Parece maluco.

JEREMIAS: Você disse que ia botá-la pela porta afora. Qualquer pessoa ouvindo isso entende que ela estava aqui dentro e você ia botá-la pra fora. Não que ela estava lá fora e você ia botá-la mais pra fora ainda. Você fala as coisas erradas e acha que os outros tem que entender certo.

CLOTILDE: Não estou falando com qualquer pessoa. Estou falando com você.

JEREMIAS: Mesmo assim você tem que falar as coisas certas. Não sou

burro, não. Mas também não sou obrigado a adivinhar.

CLOTILDE: Já começa ele. Quando é que eu disse que você é burro?

JEREMIAS: Não disse claramente. Mas falou dum jeito que quem ouve pensa que eu sou burro.

CLOTILDE: O caso é que ela não entrou aqui. Pronto. Fiz questão que ela ficasse bem lá fora. Pra todo mundo ver que aqui ela não entra. Senão vão dizer que nós ficamos amiguinhas. Você sabe como essa gente é maldosa, né?

JEREMIAS: Sei. Sei melhor que você. Imagina que andaram dizendo lá na repartição que eu era assim esquisito porque minha mulher é preta.

CLOTILDE: Quem é preta?

JEREMIAS: Você. Disseram que você era preta e eu tinha vergonha. Por isso que não me dava com ninguém.

CLOTILDE: Foram inventar uma coisa dessas?

JEREMIAS: Pra você ver. Onde é que eles foram tirar isso, meu Deus?

CLOTILDE: Vai ver que foi alguma coisa que você disse, Jeremias.

JEREMIAS: O quê? Você é branca. Que eu podia dizer? Isso é pura maldade. Não percebe? Aquela gente não vale nada. São capazes de fazer qualquer coisa pra denegrir a reputação de um homem. Principalmente se é alguém honesto, que cumpre seus deveres, como eu. Aí é que eles ficam com mais ódio, com mais rancor. Porque a minha integridade os ofende. Mostra o quanto são sórdidos. Imagina inventarem uma coisa dessas. Já

devem ter ido dizer até pro chefe. Que ele não deve estar pensando de mim? Acho até que foi por isso que ele me chamou lá e veio com aquelas perguntas. Foi para me sondar.

CLOTILDE: Afinal, o que ele queria?

JEREMIAS: Quando eu falei onde morava, ele desconversou. Disse que eu podia deixar. Que ele estava procurando apartamento pro cunhado dele mas que por aqui não servia não. Mas pra mim aquilo era uma manobra. Agora é que estou percebendo.

CLOTILDE: Você precisa tomar cuidado com essa gente, Jeremias. Você acaba sendo prejudicado.

JEREMIAS: Mais do que eu tomo? Você acha que dou confiança a eles? Não senhora. Ponho cada um no seu lugar.

CLOTILDE: Mas você não desfez essa intriga?

JEREMIAS: Na mesma hora. Tirei sua fotografia do bolso e mostrei pro Cunha. Está aqui, ó. Olhe você mesmo e veja se ela tem alguma coisa de preto. Mas não sei. Desconfio muito do Cunha. Ele é meio debochado. Vai ver que foi ele mesmo que inventou isso e veio me contar pra debochar ainda mais.

CLOTILDE: Você tem que esclarecer isso direitinho, Jeremias. Na minha família nunca fica preto. Até cachorro mamãe fazia questão que fosse branco. Cachorro preto tem parte com o diabo, ela dizia. Dizerem que eu sou preta. Corja de vagabundos.

JEREMIAS: Isso não fica assim, não. Pode deixar. Hoje não falei nada

porque não tive ocasião. Mas amanhã vou procurar o chefe e vou dizer: doutor Jaime, o senhor não acredita nessa intriga, não. Minha mulher é branca. Sou um homem de bem. Está aqui a fotografia dela.

CLOTILDE: Se ele duvidar eu vou lá pra tirar a prova. Na minha família nunca fica preto. Nem preto nem afeminado. Graças a Deus.

JEREMIAS: Ele vai duvidar de mim. Ele que se atreva. Sou homem de respeito, de princípios. Isso ele já teve ocasião de perceber. Tanto que comigo não vem com certas histórias.

CLOTILDE: Vai ser até que dizem outras coisas, Jeremias. Você tem que tomar cuidado.

JEREMIAS: Eu tomo. Os patifes são perversos. São capazes de tudo pra prejudicar quem não se mete em patifaria. (Pausa. Levanta-se.) Que calvário, meu Deus! Que calvário! Mas eu sei que estou certo. Não sou rico mas sou honesto. Tenho uma vida decente. Isso é que é importante. (Sorri e olha para a porta central.) Além disso fica uma coisa que eles não sabem. Somos muito superiores a eles. Não chegam a nossos pés. Não há riqueza nem prazer no mundo que substitua isso. Porque dá um verdadeiro sentido a nossas vidas, Clotilde. São uns pobres de espírito. (Ouve-se um mugido de vaca por trás da porta central. Jeremias sorri satisfeito.) Como é repousante ouvir esse som! Ela é o único conforto que temos, Clotilde. (Senta-se à mesa e segura as

mãos de Clotilde.)

CLOTILDE: São uns infelizes. A gente fala mas não precisa se preocupar. Eles não são nada.

JEREMIAS: Não sei como eu poderia suportar esse calvário se não fosse ela.

CLOTILDE: Deus sabe equilibrar as coisas, Jeremias.

JEREMIAS: É verdade. (Silêncio.)

CLOTILDE: Vou buscar o doce. (Recolhe os pratos e a terrina e sai pela esquerda. Jeremias fica pensativo. Clotilde volta com dois pratinhos de doce, põe na mesa e senta-se. Comem.) agora que você se acalmou vou contar uma coisa. Desde que você chegou estou pra contar.

JEREMIAS: Coisa boa ou ruim?

CLOTILDE: Acho que é boa. (Dando uma risadinha.) Você nem faz idéia.

JEREMIAS: Que que pode ser? fale logo, está me deixando nervoso.

CLOTILDE: Nem sei como contar.

JEREMIAS (impaciente): Conte.

CLOTILDE: Recebi uma carta.

JEREMIAS (espantado): Carta? De quem?

CLOTILDE: Nossa filha vem morar com a gente.

JEREMIAS (largando os talheres, boquiaberto): Nossa filha?

CLOTILDE: Já terminou a escola. Agora tem que vir.

JEREMIAS (assustado): Mas como é que vai ser, Clotilde?

CLOTILDE: Tudo se ajeita. (Apreensiva.) Você não acha bom?

JEREMIAS (atordoadado): Não sei. Parece mentira mas eu nunca tinha pensado nisso. Acho que não queria pensar.

CLOTILDE: No fundo a gente sabia que um dia ia acontecer.

JEREMIAS: A gente sabia. Mas nunca falou nisso.

CLOTILDE: É. E agora?

JEREMIAS: Não sei, mulher. Tenho medo, muito medo.

CLOTILDE: Não se sente alegria também? Vai ser tão bom tê-la aqui. Vai ficar comigo, me fazer companhia. Ensino-lhe costurar fazer empada.

JEREMIAS (sorrindo): Quando eu chegar ela me dá um beijo. Traz o chinelo. Pergunta-me como é que foi o dia. Vou trazer sempre um chocolate para ela. Criança gosta de chocolate.

CLOTILDE: Vou fazer um vestido para ela. Tenho um tecido que ganhei quando a gente casou. É tão bonito que nunca tive coragem de usar.

JEREMIAS: Tem que ver se ela gosta.

CLOTILDE: Vai adorar, Jeremias. É lindo.

JEREMIAS: Hoje em dia o gosto é diferente.

CLOTILDE: Nada. Há coisas que nunca saem de moda.

JEREMIAS (preocupado): Será que ela vai se adaptar a nossa vida? Hoje é tudo tão diferente. Os jovens já não respeitam os mais velhos.

CLOTILDE: Ela não é assim, Jeremias. Nossa própria filha não vai se revoltar contra a gente.

JEREMIAS: Não sei, Clotilde. Não sei. Nós não somos iguais aos outros.

CLOTILDE: Mas ela também não é igual. Vai gostar dessa casa. Você vai ver.

JEREMIAS: E se ela não aceitar a Mumu? Rir da gente?

CLOTILDE: Que é isso Jeremias. É uma

menina obediente.

JEREMIAS: Quando a gente é jovem vê as coisas diferentes. Também já tive minhas ilusões. Depois é que aprende que essa vida é um calvário. Enquanto não aprende acha que pode rir das coisas mais sagradas. (Ameaçador.) A gente vai ter que ser duro com ela, Clotilde. Não pode ter complacência, não. Nós sabemos o que é o futuro. Mas ela, os jovens, acham que tudo é sempre cor-de-rosa.

CLOTILDE: Você está se preocupando demais. Tenho certeza que ela é uma moça conscienciosa. Só vai dar alegria.

JEREMIAS: A gente tem que ensinar a ela o bom caminho.

CLOTILDE: Claro, Jeremias. Você fala como se ela fosse uma leviana.

JEREMIAS: Conheço a vida, Clotilde. (De dedo em riste.) Temos que ter muito cuidado. Os jovens hoje em dia são cheios de idéias. É um perigo.

CLOTILDE (preocupada): Será que ela vai se dar com a Mumu?

JEREMIAS: Vai custar a compreender. Por isso a gente tem que ser duro, ensinar com rigor. Com o tempo ela compreende e acaba reconhecendo.

CLOTILDE: Deus é grande. (Silêncio.)

JEREMIAS: A vida é um verdadeiro calvário, Clotilde. Você vê. Sem a Mumu não seríamos nada. Dedicamos nossa vida toda a ela. Sofremos os maiores sacrifícios (Apontando para a porta central.) Mas, graças a Deus, temos algo de que nos orgulhar. (consternado.) Apesar de

todo o sacrifício, hoje corremos o risco de nossa própria filha (Enfático, apontando para a direita.) entrar pela porta e dizer que a Mumu não vale nada.

CLOTILDE (benzendo-se): Eu o esconjuro, Jeremias. Cruz.

JEREMIAS: Que calvário! Que Calvário!

CLOTILDE: Isso não vai acontecer. Ela é sangue do nosso sangue, carne da nossa carne. Vai ser boazinha. Você vai ver.

JEREMIAS: Deus queira. Caso contrário...

CLOTILDE (levantando-se e recolhendo os pratos e talheres): Venha dormir. Não adianta ficar se preocupando. Tudo vai dar certo. (Ele ajuda-a levar a louça. Os dois saem vagarosamente pela esquerda.)

QUADRO II

(Clotilde, Jeremias, Berenice. A cena está vazia, mas iluminada. Ouve-se a campainha.)

CLOTILDE (aflita, fora): É ela, Jeremias. (Entra pela esquerda, pára no meio da sala, olha assustada para a porta da direita, torce as mãos e vai abrir. Abre. Fica olhando para fora, sem saber o que dizer.)

BERENICE (fora): Mãe?

CLOTILDE: É você, Berenice? (Jeremias surge na esquerda e fica olhando, tenso.) Entra. Estamos esperando por você.

BERENICE (entra com um mala): Com licença. (Examina a eles e ao ambiente.)

JEREMIAS (aproximando-se dela): É você, Berenice?

BERENICE: Pai?

JEREMIAS: Sou eu.

CLOTILDE: Jeremias já estava preocupado. Toda hora falava: ela está demorando tanto. (Sorrindo.) Mas agora você chegou.

BERENICE: É.

JEREMIAS: Estamos muito felizes.

BERENICE: Eu também.

JEREMIAS (aflito): Mas dê-me aqui sua mala. (Tira a mala das mãos dela e a coloca num canto.) Você deve estar cansada.

CLOTILDE: Sente-se. (Ela senta-se à mesa.) Como foi a viagem?

JEREMIAS (para Clotilde): Feche a porta.

CLOTILDE: Já ia esquecendo. (Fecha a porta.)

BERENICE: Foi boa. Um pouco cansativa.

JEREMIAS: Esses ônibus são muito desconfortáveis.

CLOTILDE: Você deve estar com fome, né?

BERENICE: Não. Comi umas coisas na viagem.

CLOTILDE: Essas coisas de estrada não alimentam nada. Só fazem mal. Vivo dizendo pro Jeremias não comer nada na rua. A gente nunca sabe como aquilo foi feito, né?

BERENICE (sem graça): É.

CLOTILDE: Vou preparar uma coisinha pra você comer.

BERENICE: Não precisa se incomodar. Não estou com fome mesmo.

CLOTILDE: Nada disso. Não dá trabalho nenhum. Fiz um bolinho especialmente pra você. Está uma delícia. Vou trazer um pouquinho de chá também. Essas

viagens enjoam muito.

BERENICE: Não precisa. Eu...

JEREMIAS (para Clotilde): Vá buscar logo, mulher. Fica só falando.

CLOTILDE: Já vou. (Encaminha-se para a esquerda.)

JEREMIAS: Traga pra mim também. (Clotilde sai. Ele senta à mesa.)

BERENICE: Está vendo? Já estou dando amolação a vocês.

CLOTILDE: Amolação nenhuma. Você só nos dá prazer.

BERENICE: Obrigada. (Silêncio. Jeremias olha para ela, maravilhado. Ela evita o olhar e examina a sala.)

JEREMIAS: Não repare, A casa é simples, mas aqui nunca faltou nada. Graças a Deus.

BERENICE: É simpática. (Clotilde entra pela esquerda. Traz uma bandeja com bolo e três xicaras. Põe a mesa.)

JEREMIAS (para Clotilde, satisfeito): Está vendo? Ela disse que a casa é simpática.

CLOTILDE: Não falei? Tinha certeza que ela ia gostar.

BERENICE: Gosto muito.

CLOTILDE (troca um olhar com Jeremias): Jeremias ficava dizendo que você ia achar isso muito antiquado, que não ia se adaptar.

JEREMIAS (contrafeito): Eu não disse nada disso, Clotilde não gosto que distorçam minhas palavras. Eu disse que às vezes os jovens, não se adaptam aos hábitos dos mais velhos. Mas não estava me referindo a Berenice. é claro. Você fica falando essas coisas, ela vai pensar que a gente não queria que ela viesse.

BERENICE: Não...

CLOTILDE: Então ela ia pensar uma coisa dessas, Jeremias? Que absurdo!

BERENICE: Não, papai.

JEREMIAS: Ela não diz porque é uma moça educada. Mas no fundo vai pensar assim. Pois você fica falando essas coisas. Vá buscar logo o chá, em vez de ficar dizendo bobagem. A pobrezinha já está até pálida.

CLOTILDE: Está sentindo alguma coisa, meu bem? (Assustada.)

BERENICE: Não, absolutamente. Não estou sentindo nada.

CLOTILDE: Quer um pouquinho de bicarbonato?

BERENICE: Não. Eu não tenho nada, mamãe. Não precisa se preocupar.

CLOTILDE: Então vou trazer logo o chá. Vai melhorar, você vai ver. (Sai apressada pela esquerda.)

JEREMIAS: Traga um pedaço de queijo também. (Para Berenice.) Não repare, não. Ela é avoadada assim mesmo. Se a gente não falar, não traz nem pão pra mesa.

BERENICE: Mas não precisava se incomodar.

CLOTILDE: Deixa de bobagem. Aqui é sua casa. (Pausa.) Que que você comia lá no colégio?

BERENICE: De tudo. Era muito variado.

CLOTILDE: Eles serviam lanche?

BERENICE: Só nos domingos, que não tinha jantar. Ou então quando alguém fazia aniversário.

CLOTILDE (escandalizada): Não tinha lanche? Vocês ficavam com fome?

BERENICE: Não. O almoço e o jantar eram bem reforçados.

JEREMIAS: Mesmo assim é um absurdo.

Deixar as pessoas sem lanche. (Sacudindo a cabeça.) Hum! Pois aqui você vai poder tomar lanche todo dia. A casa não é rica mas graças a Deus a mesa é farta. Ninguém pode dizer que come melhor que a gente. No Natal temos de tudo: nozes, avelãs, castanhas, galinha, doces, figos, vinho. Eu não deixo faltar nada. Tem muita gente aí que mora em palacete e no Natal come a comida de todo dia. Aqui, não. (Pausa.) Você gosta de galinha ao molho pardo?

BERENICE: Gosto.

JEREMIAS (satisfeito): Todo domingo Clotilde faz. Na minha casa o domingo é sagrado. Nunca faltou galinha.

CLOTILDE (entrando pela esquerda com um bule de chá e queijo): Estão falando de galinha? Hum! Que assunto gostoso. (Para Berenice.) Você gosta de galinha?

BERENICE: Gosto.

CLOTILDE: Então domingo vou fazer galinha ao molho pardo pra você. (Serve o chá e oferece bolo e queijo.)

JEREMIAS (para Clotilde): Eu já disse a ela.

CLOTILDE (para Berenice): Coma à vontade. Não vá fazer cerimônia. (Para Jeremias.) Já disse o quê? (Senta-se.)

JEREMIAS: Que você vai fazer galinha no domingo.

CLOTILDE: Ah, já disse. Você também tem que ir logo falando tudo, né?

JEREMIAS: Que tem isso, Clotilde?

CLOTILDE: Essa sua mania de falar

tudo. Não gosto disso. (Jeremias faz uma cara de enfado; para Berenice.) Você gosta de doce de coco?

BERENICE: Gosto.

CLOTILDE: Então, domingo vou fazer pra você. Tenho uma receita que é do tempo de minha avó. Fica delicioso.

BERENICE (sem graça): Que bom. (Jeremias e Clotilde trocam um olhar satisfeito.)

JEREMIAS: Mas coma menina. Você fica dando ouvidos a Clotilde e não come nada. (Para Clotilde.) Pare de falar um pouco. Deixe a menina comer, mulher.

CLOTILDE: Coma, minha filha. Não se preocupe comigo, não. (Ela sorri e começa a comer. Os dois comem também mas não tiram os olhos dela. Maravilhados. Berenice abaixa os olhos. Silêncio.)

CLOTILDE: Está bom?

BERENICE: Está.

CLOTILDE: Coma mais um pedaço. (Corta uma fatia de bolo e dá para ela.)

BERENICE: Não precisa se incomodar. Estou satisfeita.

CLOTILDE: Que nada. Você não vai fazer cerimônia na sua casa, né? (Ela sorri e pega a fatia. Os dois trocam olhares satisfeitos vendo-a comer. Silêncio.)

CLOTILDE: Mais um pedacinho de queijo?

BERENICE: Não precisa se incomodar.

CLOTILDE (corta a fatia e põe no prato dela): Coma, sim. Esse queijo está uma delícia.

JEREMIAS: Aproveite, minha filha. (Para Clotilde.) Imagine que ela estava me dizendo que no colégio não

serviam lanche.

CLOTILDE (horrorizada): Nossa senhora!
Que gente mesquinha. Então,
coma mais uma fatia de bolo.
(Corta e põe no prato dela.)

BERENICE: Não precisa. já estou
satisfeita.

CLOTILDE: É por isso que ela está
fazendo cerimônia. Lá devia ser
tudo controlado. Não é? Mas
aqui você pode comer tudo que
você quiser. Graças a Deus, na
nossa mesa não falta nada. Tome
mais um pouco de chá. (Põe na
xicara dela.)

BERENICE: Pode deixar. Já comi muito.

CLOTILDE: Você precisa se alimentar
bem.

JEREMIAS: Quando a gente é jovem,
tem muita fome.

CLOTILDE: Quer uns biscoitinhos?
(Levanta-se.) Vou pegar.

BERENICE (categórica): Não. Chega.
(Sorrindo.) Por favor. Já estou
satisfeita.

CLOTILDE (sentando-se): Então você
come antes de dormir.

BERENICE: Falem um pouco de vocês.
Vocês costumam passear muito?

JEREMIAS: Não. É muito raro a gente
sair de casa.

CLOTILDE: Temos a nossa casa. Pra que
sair?

JEREMIAS: A rua não ensina nada de
bom, minha filha. Em casa a
gente está sempre melhor. Não
falta nada aqui. Graças a Deus,
nossa mesa é farta. Temos todo
conforto. Pra que sair? Na rua só
se vê patifaria, indecência. Aqui,
pelo menos, estamos livres de
certo tipo de gente.

CLOTILDE: Tem muita gente ruim nesse
mundo, minha filha. Você que é

jovem precisa tomar cuidado.

JEREMIAS: Nós conhecemos a vida, um
calvário.

BERENICE: Mas assim vocês ficam
muito sozinhos. É tão triste ficar
sozinho.

CLOTILDE: Antes só do que mal
acompanhado.

JEREMIAS: Agora a gente tem você.
Mas, mesmo antes, a gente não
vivia sozinho, não. Temos alguém
que nos dá muito conforto.

BERENICE: É. Então vocês tem um
amigo?

JEREMIAS: Mais ou menos. (Clotilde
olha-o apreensiva.) Um dia você
vai saber.

BERENICE: Conte quero saber tudo
sobre vocês. Agora também moro
aqui e tenho que saber. Eu
queria...

CLOTILDE (cortando): Ainda tem tanta
coisa pra gente conversar. Você
sabe costurar?

BERENICE: No colégio elas ensinavam.
Mas nunca consegui aprender.
Não gosto. O que eu sei bem é
taquigrafia. Sou excelente
taquigrafa. A professora sempre
dizia.

JEREMIAS: Mas isso pra você não tem
serventia nenhuma, minha filha.

CLOTILDE: Costurar é que é
importante.

BERENICE: Vai ter muita serventia, sim.
Quero trabalhar fora, de
secretária.

JEREMIAS (surpreso): Trabalhar fora?
Mas pra que, meu anjo? Você
não precisa. Aqui tem tudo. Bolo,
queijo. Não falta nada na nossa
mesa. (Aflito.) Você queria
biscoito? Vai lá pegar, Clotilde.

BERENICE: Não é isso...

JEREMIAS: Ela está pensando que a gente nem tem biscoito em casa.

CLOTILDE (levantando-se, aflita e indo em direção à esquerda): Tem sim, minha filha. (Sai.)

JEREMIAS: Tem de tudo aqui.

BERENICE: Não é isso que estou falando, papai.

JEREMIAS: Você não precisa trabalhar. Posso comprar de tudo. Geléia, doce em calda. Hoje é que não tem. Mas amanhã vou comprar.

CLOTILDE (entrando apressada pela esquerda com uma lata na mão): Está aqui. Prove só. É uma delícia.

BERENICE: Eu não quis dizer isso, mamãe.

CLOTILDE (oferecendo): Prove. Não é bolacha de água e sal, não. É biscoito amanteigado.

JEREMIAS: Coma, minha filha. (Para Clotilde.) Está vendo? Você oferece mas não traz. Ela pensa que a gente passa necessidade.

BERENICE (enérgica): Não, papai. Não é isso. Deixa-me explicar. (Pega um biscoito e come.) Está delicioso. O lanche estava muito gostoso. Eu sei que vocês não passam necessidade, que aqui tem muita fortuna. Não é por isso que eu quero trabalhar. Quero trabalhar pra poder comprar as minhas coisas.

CLOTILDE: Mas aqui tem tudo que você precisa.

JEREMIAS: Um quarto só para você. Com armário, mesa de cabeceira. Colchão macio. Não é colchão ordinário, não. (Levantando-se.) Venha cá ver. Seu pai não mente prá você, não.

BERENICE (impaciente): Não, papai.

Vocês não entendem o que eu estou falando, meu Deus. Passei a vida inteira num colégio, vestindo uniforme, sem poder fazer nada. Agora eu quero me vestir bem andar na moda. Entende? Quero me pintar. Quero conhecer gente rica, gente famosa. Quero me divertir. Entende, papai? Entende, mamãe? Não vou ficar nessa vidinha pra sempre, não.

JEREMIAS (ofendido): O que você tem contra a vida de seus pais?

BERENICE: Não tenho nada. Eu...

JEREMIAS (furioso): Você é minha filha. Me deve respeito. Me deve tudo que você é.

BERENICE: Eu não quero desrespeitar o senhor, papai. Só quero trabalhar fora.

CLOTILDE: Mulher leviana é que trabalha fora, minha filha.

JEREMIAS: Você quer me envergonhar? Que que vão dizer? Que não posso sustentar minha filha, que sou um pé-rapado. Eu trabalho. Não me meto em patifaria mas o que eu ganho é suficiente pra ter uma casa farta, pra sustentar toda minha família.

BERENICE: Não vou envergonhar ninguém, papai. Não tenho nada contra a vida de vocês. Mas o que eu quero da vida vocês não podem me dar. Mas isso é problema meu. Por isso vou trabalhar. Está decidido. Já escrevi pra uma companhia e amanhã vou lá fazer o teste. (Jeremias toca um olhar com Clotilde e os dois abaixam a cabeça. Silêncio.) Mamãe, papai. Compreendam, por favor, não quero magoar vocês. (Silêncio.)

JEREMIAS (para Clotilde, desolado):

Que calvário, meu Deus! que calvário! É o que eu lhe dizia. Os jovens, hoje em dia, são cheios de idéias.

CLOTILDE: Nossas cruz é mais pesada do que a gente pensava.

BERENICE: Por favor, não fiquem assim. Gosto muito de vocês. (Dá um beijo em cada um.) Não fiquem tristes comigo, não.

JEREMIAS: Você está se saindo melhor do que a encomenda, minha filha.

BERENICE (suplicante): Eu não sou o que vocês estão pensando. (Para Clotilde.) Por favor, mamãe. Explique pra ele.

CLOTILDE: Explicar o quê. Ele ouviu muito bem. Você quer ter vida de leviana.

JEREMIAS: Se meter com gente que vive em patifarias.

CLOTILDE: Essa gente não presta, minha filha. Vão arrastá-la pro lodo. Ouça o que seus pais estão dizendo.

JEREMIAS: Nós temos experiência. O que você quer é ilusão. Só tem gente ruim nesse mundo.

CLOTILDE: Quem segue o caminho da perdição mais tarde se arrepende.

JEREMIAS: Nós sabemos o que é o futuro. (Ouve-se um mugido atrás da porta central.)

BERENICE (espantada, olhando para os lados): Que foi isso? (Os dois abaixam a cabeça e não respondem.) Que foi isso? Vocês não ouviram?

CLOTILDE: Não se assuste, é a Mumu.

BERENICE: Mumu? (Ouve-se outro mugido, Berenice olha assustada

para a porta.) Não estou entendendo.

JEREMIAS: No começo é um pouco difícil entender. Depois passa a fazer parte da vida.

BERENICE: Quem é Mumu?

JEREMIAS: Mumu é uma vaca.

BERENICE (estupefata): Uma vaca?

CLOTILDE (séria): Uma vaca.

BERENICE (rindo): Espere aí. Como é que é o negócio? Será que ouvi direito?

JEREMIAS (com fúria contida): Você ouviu perfeitamente. Mumu é uma vaca que mora ali naquele quarto.

BERENICE: O senhor está brincando comigo.

JEREMIAS (levantando-se furioso): Eu não sou homem de brincadeiras. Você respeite o que eu digo. Não admito que você ria duma coisa dessas. É um escárnio intolerável.

CLOTILDE: Mumu é a coisa mais séria que tem nesta casa.

JEREMIAS: O único conforto neste calvário.

BERENICE: Devo estar sonhando. Não sei se acho graça ou choro. Isso é... é terrível. Ninguém pode viver assim. Mamãe, papai, isso é um absurdo.

JEREMIAS (tremendo de ódio): Cale essa boca. Cale essa boca. Você é uma criança ainda. Você não conhece nada da vida. Não sabe o que é o futuro. Um dia vai se arrepender amargamente de ter dito isso.

CLOTILDE: Seu pai sabe o que é bom pra você, minha filha. Não se revolte contra ele.

BERENICE: Eu não quero me revoltar, mamãe. Quero entender as

coisas. Mas isso é tão fora de propósito... tão... horrível, que eu não posso aceitar.

JEREMIAS: Você tem que aceitar. Quem é você pra não aceitar o que seu pai diz? quem você pensa que é?

BERENICE: Eu não penso nada, papai.

JEREMIAS: Se não pensa nada então obedeça a quem já pensou em tudo.

CLOTILDE: Obedeça, minha filha.

BERENICE: Eu não quero desobedecer, mamãe. Só acho que tenho o direito...

JEREMIAS: Você não tem direito nenhum. Só tem deveres. Tudo que você é deve a mim.

BERENICE: Calma, papai. Sente-se aqui e vamos trocar idéias.

JEREMIAS: Não tenho idéia nenhuma pra trocar. Minhas idéias não são figurinhas de jornaleiro.

BERENICE: Sou sua filha, papai.

JEREMIAS: Não interessa. (Pausa.) Eles estão cheios de idéias.

BERENICE (irritada): Escute aqui, papai. Eu não estou disposta a aturar isso não. Se vocês moram com uma vaca, o problema é de vocês. Eu não tenho nada com isso. Mas tem uma coisa. Eu vou levar a vida que eu quero e ninguém vai se meter. (Pausa.) É o único jeito de a gente viver junto. Cada um com a sua vida. (Silêncio.)

JEREMIAS: Que calvário, meu Deus! Que calvário! Eu sabia que isso ia acontecer. Eles não têm mais o menor respeito.

CLOTILDE: Você está sendo ingrata, minha filha. Um dia vai se arrepender amargamente de ter tratado seus pais assim.

JEREMIAS: E aí não haverá jeito, não.

BERENICE: Isso é problema. (Levanta-se.) Onde é meu quarto?

CLOTILDE (levantando-se e escaminhando-se para a esquerda): Vou mostrar. (Berenice pega a mala e a acompanha. As duas saem. Jeremias senta-se á mesa e esconde a cabeça entre as mãos.)

QUADRO II

(Berenice, Clotilde, Jeremias. Berenice enxuga os pratos e talheres e arruma-os cuidadosamente sobre a mesa, que está revestida com uma vistosa toalha branca de renda. De vez em quando se distrai, fica com o olhar perdido. Depois sorri e volta ao trabalho.)

CLOTILDE (entrando pela esquerda com um vaso de flores, de preferência copos-de-leite): Olha como ficou bonito.

BERENICE: É mesmo.

CLOTILDE (colocando no centro da mesa): Todo domingo eu colho. Aqui dá tanto copo-de-leite. (Juntado as mãos e olhando, extasiada.) E combina tão bem com essa toalha.

BERENICE: A toalha é linda. Onde a senhora comprou?

CLOTILDE: Foi presente de casamento. Até hoje só usei duas vezes. Dá-me pena usar, sabe? Estraga muito. Essa vida já tem tão pouca coisa bonita que, se a gente não guardar, fica sem nada.

BERENICE: Se não usar também é a mesma coisa que não ter nada, mamãe. Use. Quando acabar, compre outra.

CLOTILDE: Pra você tudo é fácil, né.

Dinheiro não nasce em árvore,
não minha filha.

BERENICE: Depende de quem planta a
árvore.

CLOTILDE (com olhar repreensivo):
Ram! (Silêncio. Clotilde retoca a
arrumação da mesa.)

CLOTILDE (farejando.) Hum! Está
sentindo?

BERENICE (farejando.) O cheiro da
galinha?

CLOTILDE: Ram, ram. Não é uma
delícia?

BERENICE: Estou morta de fome.

CLOTILDE: Seu pai está demorando
tanto hoje. Ele sempre teve essa
mania de dar uma voltinha no
domingo antes do almoço. Vai
aqui por cima até o cemitério.
Fica horas esquecidas. Visita o
túmulo de todas as pessoas que
ele conheceu. Às vezes chega
aqui já passa de uma hora. E eu
esperando. (Sacode os ombros.)
Ah, que que tem, né? Coitado.
Ele já tem tão pouco prazer na
vida. Deixe que se divirta um
pouquinho.

BERENICE: A senhora acha que ele
ainda está zangado? Já estou
aqui há um tempão e ele mal
fala comigo.

CLOTILDE: Não ligue, não. No fundo ele
gosta muito de você. Está um
pouco aborrecido com esse
negócio de você trabalhar fora.
Com isso ele não se conforma.
Mas acaba se acostumando.
Você vai ver. Eu nem ligo mais. Sei
que não adianta. É o que você
quer e pronto. Que se há de
fazer?

BERENICE: Que bom que a senhora
concordou comigo.

CLOTILDE: Não concordei, não,
senhora. Pra mim lugar de mulher
é em casa. Mas também não
quero mais me amofinar com isso,
não.

BERENICE: Tem sido tão bom pra mim,
sabe? Acho que nunca fui tão
feliz na minha vida. É tão
diferente do colégio. Todo dia eu
saio. Conheço uma porção de
gente. É outro mundo. Quando
recebo o ordenado, a senhora
acredita que fico toda tremendo.
Me dá vontade de sair pela rua
cantando, dançando,
abraçando todo mundo. Pareço
uma maluca.

CLOTILDE: Você precisa tomar cuidado.
O mundo é muito ruim. Fico tão
preocupada. A gente não sabe
quem são essas pessoas que você
está conhecendo.

BERENICE: São todas maravilhosas,
mamãe.

CLOTILDE: Não se fie nas pessoas, não,
minha filha. Ninguém presta neste
mundo.

As únicas pessoas em que você
pode confiar é em seus pais.

BERENICE: Tem muita gente boa
também, mamãe.

CLOTILDE: Boa pro fogo. (Ouve-se o
ruído da chave rodando na
fechadura.) Ei-lo aí.

JEREMIAS: Vocês estão aí? (Entrando
pela direita.)

CLOTILDE: Já chegou?

BERENICE: Foi bom o passeio?

JEREMIAS (tirando o paletó): Não sei se
diz que é bonito. Sei que me sinto
bem lá. Gosto daquela paz,
daquele silêncio. Ali pelo menos
não se vê nenhuma patifaria.

CLOTILDE: Você demorou tanto,

Jeremias. Berenice já estava morta de fome.

JEREMIAS: Ora. Pode por. Já estou aqui.

BERENICE: Não é tanto assim, mamãe. Deixe-o descansar um pouco.

JEREMIAS: Não. Ponha de uma vez. Também já estou com fome. (Esfregando as mãos, animado.) Com esse cheirinho de galinha não dá pra esperar muito, não.

CLOTILDE: Então vou servir. (Encaminha-se para esquerda.)

BERENICE: Vou ajudá-la.

CLOTILDE: Não precisa. Fique aí com seu pai que eu trago. (Sai.)

JEREMIAS (sentando-se á mesa): Sente-se aí, menina. Deixe que sua mãe traz. (Ela senta-se.) É bom chegar em casa no domingo sabendo que tem galinha na panela. Muita gente que se diz boa não tem isso. Contam muita vantagem mas em casa os filhos passam necessidade. É triste. Eu conheço o mundo, minha filha. Um calvário.

BERENICE: O senhor é muito amargo, papai. Também tem muita coisa boa.

JEREMIAS: Que Deus me tenha longe dessas "coisas boas". Você ainda vive na ilusão da juventude, minha filha. Mais tarde vai dar razão a seu pai.

CLOTILDE (entrando com uma terrina e colocando sobre a mesa): Não sei se está bom de sal. Jeremias sempre fala que ponho sal demais. Hoje pus só um pouquinho. Vamos ver se ele vai falar.

JEREMIAS: Só falo quando tenho razão. Não sou de criar caso á toa, não.

(Estende o prato e ela serve.)

CLOTILDE: Você gosta muito de ter um motivo de reclamar. Pensa que não o conheço? (Para Berenice.) Quer coxa ou peito?

BERENICE: Peito. (Ela serve. Depois serve a si própria. Os três comem. Silêncio.)

CLOTILDE (para Jeremias): Está bom?

JEREMIAS (mastigando): Mais ou menos.

BERENICE: Está muito gostoso.

CLOTILDE (mastigando): Está bom de sal?

BERENICE: Para mim está. (Silêncio.)

JEREMIAS: Hoje vi a sepultura do Senador Eusébio. Lembra-se dele, Clotilde?

CLOTILDE: Lembro-me.

JEREMIAS: Pra se ver o que é a vida. Não tinha uma flor lá. E na época era o homem mais conhecido da cidade. A gente passava em frente a casa dele e aquilo estava sempre cheio.

CLOTILDE: Toda semana davam festa.

JEREMIAS: Diziam que ele vivia em farras e pifões. Falavam até que ele era dado a patifarias. E agora. Nem uma flor. Você imagina que até limo nos cantos tinha, Clotilde?

CLOTILDE: Que coisa, meu Deus.

JEREMIAS: Não tive dúvidas. Pedi uma escova ao coveiro e limpei. Depois comprei uma flor e pus lá. E olha que eu nunca nem cheguei perto desse homem. Se eu estivesse na calçada e ele passasse com o carro nem se incomodaria em me jogar lama. Mas eu tenho respeito. Afinal de contas era um senador. Respeitar pra ser respeitado. Da mesma

forma que eu respeito os que estão acima de mim. (Olhando para Berenice.) Quero que os que estão abaixo me respeitem. (Silêncio. Comem.)

JEREMIAS (para Berenice): Como vão as coisas. (Em tom de censura.) No seu mundo?

BERENICE: Cada dia melhores. Conheci um rapaz fabuloso.

JEREMIAS (trocando um olhar com Clotilde): Um rapaz?

CLOTILDE: Conheceu como?

BERENICE: Ele trabalha na Companhia.

JEREMIAS: Na mesma sala que você?

BERENICE: Não. É de outra seção.

CLOTILDE: Então como é que você o conheceu?

BERENICE: Na saída. Um dia eu estava esperando o ônibus e ele me perguntou as horas. Aí a gente começou a conversar e ficamos amigos.

JEREMIAS: Que vocês fazem?

BERENICE: Ele sempre me espera na saída e me traz até aqui perto.

CLOTILDE: Que vocês conversam?

BERENICE: Uma porção de coisas, mamãe. Sobre a gente, o trabalho, o futuro.

JEREMIAS: Que futuro? Que vocês sabem do futuro?

BERENICE: Ah! Dos planos da gente, nossos sonhos.

CLOTILDE: Vocês tem planos?

JEREMIAS: Que planos? Quem é ele?

CLOTILDE: Vocês já foram em algum lugar juntos?

JEREMIAS: Que fizeram?

BERENICE (impaciente): Calma. É algum interrogatório? Não é nada de demais, não. Por enquanto somos só amigos.

JEREMIAS: Por enquanto?

CLOTILDE: Conte isso direito, menina. Não vê que está deixando seu pai nervoso?

BERENICE: Mas não tem nada pra contar, mamãe. É só isso. Quer dizer, ele me convidou pra ir a uma boate hoje.

JEREMIAS: Ah, eu sabia. A safadeza não ia demorar a aparecer.

CLOTILDE: Boate é lugar de vagabunda, minha filha.

BERENICE: Que safadeza, papai. É um lugar como outro qualquer. Todo mundo vai.

JEREMIAS: Todo mundo que não presta.

CLOTILDE: Aquilo é um lugar de perdição.

BERENICE: Iiii! Como vocês são antiquados, meu Deus. Boate é um lugar chic. Só isso.

JEREMIAS: E você pensa que gente chic é o que?

CLOTILDE: São depravados, minha filha. Fique longe desses antros.

BERENICE (rindo): Vocês tem graça.

JEREMIAS: Se é um lugar chic, como é que esse rapaz a convidou pra ir lá? Ele, por acaso, é rico?

BERENICE: Não. Mas vai ficar. Ele tem muitos planos, papai.

JEREMIAS: E ele vai pagar a conta com os planos. Sei.

BERENICE: Não é isso, pai. A gente divide as despesas. Economizamos em outras coisas para podermos ir lá.

CLOTILDE: Que necessidade você tem de ir a esses lugares?

BERENICE: Porque lá é que estão as pessoas que a gente quer conhecer.

JEREMIAS: Os devassos.

BERENICE: Que devassos, papai. Gente

que tem dinheiro, que sabe aproveitar a vida. Se a gente quer chegar até lá tem de ir se aproximando. Ver o que eles comem. como se vestem. Fazer amizade com eles. Dize-me com quem andas que te direi quem és.

JEREMIAS (para Clotilde): Está vendo? Eles estão cheios de idéias.

CLOTILDE: Essa gente é esquecida de Deus, minha filha.

JEREMIAS: Pra mim é esse rapaz que meteu essas idéias na cabeça dela. Quem podia ser? Não foram as freiras do colégio.

CLOTILDE: Você já conhecia esse rapaz, Berenice?

BERENICE: Não, mamãe. Conheci agora.

JEREMIAS: E de onde saiu esse peralta? Quem me diz que não é um marginal, um depravado?

BERENICE: Eu digo. Ele tem ótimo conceito na companhia. Todo mundo gosta dele. É uma pessoa cheia de vida, cheia de esperança. Tem planos, tem visão, entende? Nasceu pra subir na vida.

JEREMIAS: Planos, esperança, visão. Isso tudo me cheira patifaria.

CLOTILDE: Quais são as intenções dele com você?

BERENICE: Casar comigo. Só está esperando resolver um negócio.

JEREMIAS: Isso é que eu duvido.

CLOTILDE: Não vá atrás disso, não, minha filha. Ele só está querendo se aproveitar de você.

BERENICE: Como é que vocês afirmam uma coisa dessas? Vocês nem o conhecem.

JEREMIAS: Então traga-o aqui pra gente conhecer. Se for um

homem de bem não vai se recusar. (Berenice fica confusa e volta a comer.) Ah! Agora ela não responde. Eu sabia que tinha alguma coisa. Já há alguns dias que estou com esse pressentimento.

BERENICE (irritada): O senhor não sabe de nada, papai.

JEREMIAS: Não. Não sei. Nisso você tem razão. Sou apenas o último a saber.

CLOTILDE: Conta tudo direitinho, menina. Não esconde as coisas de seu pai.

BERENICE: Não estou escondendo nada. Só acho que não faz nenhum sentido trazê-lo aqui.

JEREMIAS: Por quê? Por acaso você tem vergonha de seus pais? (Furioso.) Você tenha respeito. Tudo que é deve á nós.

BERENICE: Não é isso. Iiii! Vocês não entendem nada.

CLOTILDE: É por causa da Mumu, não é?

JEREMIAS: É. Certamente ele é bom demais pra ela. Ou seja. É bom demais pra gente. Clotilde. É uma pessoa especial, cheia de planos, cheia de idéias... Enquanto nós não passamos de uns infelizes, uns pobres coitados a quem não se dá importância.

BERENICE (exasperada): Não é nada disso. Pelo amor de Deus...

JEREMIAS: Então, o que é? Por que você não pode trazê-lo aqui? Se é um bom rapaz, trabalhador, como você diz...

CLOTILDE: Assim a gente pode formar uma opinião verdadeira, minha filha.

BERENICE (gritando): Chega! Será que

nem se pode mais comer em paz? (Silêncio.)

JEREMIAS (para Clotilde): É assim que eles são. Está vendo? São cheios de idéias. (Repentinamente para Berenice.) Não grite com seu pai, não. Que você pensa que é?

CLOTILDE: Você não é diferente da gente, não, minha filha.

JEREMIAS: Mumu também faz parte da sua vida. Quanto mais você se revoltar, quanto mais se envergonhar, mais vai sofrer. Ouça o que seu pai está dizendo. Eu sei o que é o futuro.

BERENICE (desesperada): Será que vocês não podem calar a boca nem um instante? Será que em tudo tem que se meter na minha vida? (Levanta-se e sai furiosa pela esquerda.)

CLOTILDE: Onde é que você vai? Acabe de comer, menina.

JEREMIAS: Deixe. Um dia ela vai se arrepender amargamente.

CLOTILDE: Mas não comeu nada. Aí. (Aponta o prato de Berenice.) Deixou tudinho. (Pega o pedaço de galinha que estava no prato de Berenice e põe no seu. Silêncio. Comem.)

QUADRO VI

(Jeremias, Clotilde, Berenice, Pedro.)

CLOTILDE (Está costurando na máquina. Jeremias lê o jornal.)

JEREMIAS (virando a página com raiva): Patifarias! Patifarias! (Lê durante algum tempo.) Que calvário! Que calvário que é a vida nesse mundo! (Vira a página com raiva. Lê. Soa a campainha. Os dois tem um sobressalto e

entreolham-se assustados. Jeremias consulta o relógio.)

CLOTILDE: Quem será?

JEREMIAS: São quase dez horas.

CLOTILDE: É melhor não abrir. (A campainha soa novamente.)

CLOTILDE: Mas a luz está acesa. A pessoa deve ter percebido. Que que vai pensar da gente? É melhor abrir. (Encaminha-se para a porta da direita.)

CLOTILDE: Tome cuidado. (Berenice aparece na esquerda e fica olhando. Jeremias entreabre a porta e olha para fora.)

JEREMIAS: Quem é?

PEDRO (fora): Seu Jeremias?

JEREMIAS (desconfiado): Sou eu mesmo. Quem é o senhor?

PEDRO: Sou o Pedro. (Berenice tem um sobressalto. Clotilde se levanta.) A Berenice está?

BERENICE (instintiva): Pedro!

PEDRO (metendo a cara na porta): Berenice. (Força a porta e entra.) Preciso falar com você.

JEREMIAS: Um momento.

PEDRO (para Berenice): Não dava pra esperar até amanhã.

BERENICE: Mas já é...

JEREMIAS (furioso): Um momento, rapazinho...

PEDRO (sem dar atenção a Jeremias): Tenho tanta coisa pra lhe contar.

JEREMIAS (gritando): Rapazinho! Tenha respeito a um pai de família. Acho que o dono da casa ainda sou eu.

PEDRO (voltando-se para ele): Desculpe, seu Jeremias. Não me leve a mal. É que estou meio aturdido mesmo. (Pega a mão dele.) Muito prazer em conhecê-lo. (Volta-se para Clotilde e pega-

lhe na mão.) Dona Clotilde, meus respeitos. (Jeremias e Clotilde estão sem ação.) Desculpem invadir a casa a essa hora. Mas eu não posso esperar até amanhã. Tinha que falar com Berenice hoje.

BERENICE (aflita): Esse é o Pedro, papai.

JEREMIAS: Já percebi.

PEDRO (para Jeremias): Sei que o senhor deve estar desconfiado de mim. Mas vou me explicar.

JEREMIAS: Não quero nenhuma explicação sua. Não admito que ninguém invada minha casa a essa hora da noite.

BERENICE: Papai.

JEREMIAS: É isso mesmo. Você fique calada. Sua teimosia já nos trouxe bastante aborrecimentos.

CLOTILDE: Calma, Jeremias. Deixe o rapaz se explicar. Depois ele vai embora. (Silêncio.)

JEREMIAS: Então, explique-se logo.

CLOTILDE (para Pedro): Sente-se um pouco.

PEDRO: Obrigado. (Senta-se.)

BERENICE (para Pedro): Deixe pra amanhã. Não estou passando bem.

PEDRO: Quando você souber do que se trata vai melhorar logo.

CLOTILDE: O senhor aceita um cafézinho com bolo?

PEDRO: Aceito sim, senhora. Hoje não tive tempo nem de comer.

CLOTILDE (faz sinal para que Jeremias se sente. Ele senta): Então vou buscar. (Sai pela esquerda.)

JEREMIAS: Antes de tudo quero que o senhor saiba que não aprovo de forma nenhuma essa sua amizade com minha filha.

PEDRO: O senhor está sendo injusto

comigo, seu Jeremias. Mas não fico zangado, não. Vou desfazer essa má impressão.

JEREMIAS: Sou um homem de bem. Um homem de respeito. E minha filha é uma moça decente.

PEDRO: Também sou um homem de bem, seu Jeremias. Minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.

JEREMIAS: Um homem de bem não invade uma casa de família sem ser convidado.

PEDRO: Aconteceu uma coisa muito importante, seu Jeremias. É isso que quero explicar.

JEREMIAS: Ademais, já proibi minha filha de encontrar com o senhor.

BERENICE (irritada): Espere aí, papai. (Para Pedro.) Amanhã a gente conversa.

PEDRO: Calma. Eu me explico com seu Jeremias.

BERENICE: Não é isso.

JEREMIAS: Ela ainda é uma moça inexperiente. Ainda não sabe o que quer na vida. (Entra Clotilde pela esquerda. Traz uma bandeja com bule, quatro xícaras e bolo. Coloca sobre a mesa, enche uma xícara e oferece a Pedro. Berenice está aflita. De vez em quando, olha para a porta central. Jeremias está carrancudo.)

CLOTILDE: Já tem açúcar, viu.

PEDRO (pegando a xícara): Obrigado.

CLOTILDE (corta uma fatia de bolo e oferece a ele): Uma fatia de bolo. Fiz hoje de tarde. (Ele pega e come. Ela enche as outras xícaras e vai servindo.)

PEDRO: Está delicioso. Só conheci uma pessoa que fazia bolo tão bem.

Minha mãe.

CLOTILDE (lisonjeada): Essa receita é muito boa.

JEREMIAS: Seus pais ainda vivem?

PEDRO: Não. Morreram há muito tempo. Desde os vinte anos que sou orfão.

JEREMIAS (para Clotilde): Dê-me um pedaço de bolo. (Ela dá.) Seu pai o que fazia?

PEDRO: Era bancário. Coitado. Uma vida inteira de trabalho e no fim morreu sem nada.

JEREMIAS: Já se vê que era um homem íntegro.

PEDRO: Mas pobre. Nunca teve visão na vida. Nunca ousou nada. Só podia ter aquele fim mesmo. Coitado.

JEREMIAS: Você devia ter mais respeito pela vida de seu pai. Tudo que você é deve a ele. Se ele morreu pobre, é porque era um homem íntegro. Você devia se orgulhar disso.

PEDRO: Respeito muito a memória dele. Agora, me orgulhar do seu fracasso, isso não.

JEREMIAS (para Clotilde): Está vendo só? A integridade prá ele quer dizer fracasso. (Para Pedro.) Quem é você pra acusar seu pai de fracassado? Que que você conhece da vida? Fracasso! É o que eu lhe digo, Clotilde. Eles são cheios de idéias.

PEDRO: De idéias, sim, seu Jeremias. São essas idéias que nutrem minha esperança. Essas idéias me dão a certeza de que minha vida vai ser diferente da do meu pai. E atualmente tenho mais certeza disso. (Para Berenice.) É o que eu vim aqui pra lhe

contar. Eu sabia que ia dar certo. Imagine que aquele meu primo de quem lhe falei que tinha aberto uma empresa no Paraguai me chamou pra trabalhar com ele. E não como empregado, não. Vou ser sócio da firma. Já pensou, Berenice? Nosso futuro está garantido. Amanhã viajo pra lá. É minha oportunidade. Vou ficar rico. Acabou-se essa vidinha sem futuro. (Para Jeremias.) Tenho idéias, tenho planos, seu Jeremias. Meu pai, durante a vida inteira, só teve princípios morais. Na verdade, o que aconteceu é que pisaram na cabeça dele. Não passou de um bôbo. Comigo, não. Vou domar a vida. (Para Berenice.) E você vai comigo, Berenice.

JEREMIAS: Pelo que sei esta moça ainda tem pai, a quem deve respeito e obediência.

BERENICE: Deixe que eu resolvo os meus problemas, tá, papai.

JEREMIAS: Os seus problemas são meus problemas. Você é minha filha. Deve-me tudo que é.

PEDRO: Calma, seu Jeremias. Não estou querendo passar por cima da autoridade do senhor. Sou uma pessoa de bem. Vim aqui justamente pra me apresentar ao senhor. (Ouve-se um mugido. Pedro olha para os lados, intrigado, Clotilde e Jeremias trocam um olhar maldoso. Berenice está lívida.) Que foi isso?

BERENICE (aflita): Nada. É a caixa-d'água que as vezes faz esse barulho.

PEDRO: Estranho.

BERENICE: Deixe essa conversa pra depois, por favor.

PEDRO: Mas é o nosso futuro, Berenice. Amanhã vou viajar. Temos que combinar tudo hoje. (Ouve-se outro mugido.) Espere aí. Isso não é caixa-d'água. É um mugido.

BERENICE (exasperada): Vá embora, por favor.

PEDRO: Calma. O que está acontecendo com você, Berenice? (Ouve-se outro movido.) Mas que diabo é isso? Tem uma vaca aqui dentro.

JEREMIAS: Exatamente, rapazinho. Uma vaca.

PEDRO (perplexo): Vocês moram com uma vaca dentro de casa?

JEREMIAS: O que nos dá motivo de muito orgulho.

PEDRO (rindo): Mas Berenice... Isso é ridículo. É a coisa mais ridícula que eu já vi na minha vida. (Dá gargalhadas.) Uma vaca. (Berenice cai em prantos.)

JEREMIAS (apoplético): O senhor respeite esta casa. Sua atitude é de um escárnio intolerável. Ponha-se daqui pra fora. O senhor nunca mais verá minha filha.

PEDRO: Isso, não. Berenice, você é quem define. Você não tem nada com isso. Deixe essa casa agora mesmo. Isso é loucura. Ninguém pode viver assim. Aqui não há esperança. Venha. Eu tenho a vida. Tenho o futuro. Você não deve nada a eles.

JEREMIAS (para Berenice): Vá para seu quarto e não saia de lá.

PEDRO: Pegue suas coisas e vamos embora.

CLOTILDE: Obedeça a seu pai, menina.

PEDRO: Obedeça a seus sentimentos.

JEREMIAS: Faça o que eu mandei.

BERENICE: Eu vou com ele. Não aguento mais isso aqui.

JEREMIAS: Não se atreva.

CLOTILDE: É o caminho da perdição, minha filha.

PEDRO (para Berenice): Rápido. (Clotilde e Jeremias tentam impedi-la mas Pedro se impõe. Berenice sai apressada pela esquerda.) Não tentem impedi-la.

JEREMIAS: Um dia você vai se arrepender amargamente do que está fazendo.

PEDRO: Eu vou vencer. Não vou ser igual ao senhor.

JEREMIAS: Patife. (Silêncio. Pedro impede a passagem deles para o interior.)

PEDRO: Vocês e essa vaca ridícula. Como eu odeio isso tudo. Como me dá nojo.

JEREMIAS: Você não é diferente da gente, rapaz. Conheço a vida e sei que estou falando.

PEDRO: Isso é o veremos. (Entra Berenice pela esquerda com uma mala.) Pronta?

BERENICE: Vamos.

JEREMIAS: Se sair, nunca mais ponha os pés aqui.

PEDRO: Não se preocupe. (Saem pela direita e batem a porta. Jeremias está ofegante, como se fosse ter um ataque. Clotilde o ampara e conduz até a poltrona.)

JEREMIAS: Que calvário! Que calvário!

CLOTILDE: Está sentindo alguma coisa? (Ele não responde.) Vou buscar um chazinho. (Sai pela esquerda.)

QUADRO V

(Clotilde, Berenice, Pedro.)

CLOTILDE (Costura na máquina. Está bem mais velha e se veste de preto. Soa a campainha. Ela ergue a cabeça, abaixa os óculos, olha intrigada para a porta e levanta-se. Abre a porta e leva um susto.)

CLOTILDE: É você?

BERENICE (fora): Sou eu mamãe. (Clotilde fica meneando a cabeça, absorta.) Posso entrar?

CLOTILDE (atrapalhada): Pode. Entre. Claro. (Berenice entra. Usa óculos como os da sua mãe e está bem envelhecida. Examina toda a sala e volta-se para a mãe, que fecha a porta. As duas se contemplam longamente.)

CLOTILDE: É você mesmo?

BERENICE: Sou eu, mamãe.

CLOTILDE: Já faz tanto tempo.

BERENICE: Dez anos.

CLOTILDE: Uma vida. (Silêncio.)

BERENICE: A senhora está bem?

CLOTILDE: Como se vê. Vai-se indo. A cruz está cada vez mais pesada. Mas graças a Deus ainda posso carregar.

BERENICE: E papai?

CLOTILDE (abaixando os olhos e contraindo o rosto. Com voz embargada.): Seu pai morreu, minha filha. Já faz muitos anos.

BERENICE (contraindo o rosto e abraçando a mãe): Morreu?

CLOTILDE (chorando): Coitado. Nunca deixou de falar em você. Sempre tinha esperança de que você ia voltar. (As duas choram.)

BERENICE: Perdoe-me mamãe.

CLOTILDE (puxando-a em direção à mesa): Venha sentar-se. (Sentam-se.) Quer comer uma coisinha?

BERENICE: Depois. Conte como foi.

CLOTILDE (voltando a chorar): Morreu como um passarinho. Parecia que estava dormindo. O rosto tão sereno. Naquele dia ele chegou em casa e me disse: Hoje estou sentindo uma tristeza tão estranha. Acho que vai acontecer alguma coisa ruim. Parecia que estava adivinhando. Depois do jantar, sentou no sofá pra descansar um pouco. Eu fui costurar. Quando olhei pra trás, parecia que ele estava dormindo. Mas achei estranho. Estava muito quietinho. Chamei: Jeremias, Jeremias. Não respondeu. Já estava morto. (As duas choram.) Ele ia se aposentar no fim daquele ano. Estava tão contente. Só falava nisso. (Pausa.) E você, filhinha? Por que nunca mandou notícias? Seu pai teria ficado tão feliz.

BERENICE: É a vida, mãe. Aconteceram tantas coisas.

CLOTILDE: Você casou com aquele rapaz?

BERENICE: Casei.

CLOTILDE: E os filhos?

BERENICE (chorando): Só tivemos um. Mas morreu. Nasceu tão fraquinho.

CLOTILDE: Pobrezinho. E seu marido, onde está?

BERENICE: Pedro está esperando lá fora.

CLOTILDE: Porque não entrou?

BERENICE: Achamos melhor eu vir na frente. A gente não sabia como é

que vocês estavam.

CLOTILDE: Então mande-o entrar.
Coitado. ficar lá fora com esse
frio.

BERENICE: Antes, tem uma coisa que
eu queria contar pra senhora.
(Esconde o rosto entre as mãos.) É
tão difícil.

CLOTILDE: Fale, minha filha. A vida não
me surpreende mais, não.

BERENICE: Estamos numa situação
muito difícil, mamãe. Pedro está
desempregado há vários meses.
Não conseguia arranjar mais
nada. Por isso que nós voltamos.
Aqui tem um senhor que foi
amigo do pai dele e que
prometeu arranjar um emprego.

CLOTILDE: E a firma onde ele ia ser
sócio?

BERENICE: Não deu em nada. Faliu oito
meses depois. Ele ainda tentou
abrir outros negócios. Mas nada
deu certo. (Pausa.) As coisas tem
sido muito difíceis pra gente,
mamãe. Eu queria pedir pra
gente ficar aqui até acertar a
vida.

CLOTILDE: É claro que pode, filhinha.
Tem tanto lugar. E vai ser muito
bom pra mim. Tenho vivido tão
sozinha. Vocês podem ficar pra
sempre. Um dia a casa vai ser sua
mesmo.

BERENICE: Você é tão boa, mamãe.
Como eu me arrependo do que
fiz.

CLOTILDE: Não tem importância,
filhinha. Deus escreve certo por
linhas tortas. Agora vá chamar
seu marido enquanto eu preparo
uma coisinha pra vocês
comerem.

BERENICE (levantando-se): Obrigada,

mamãe. (Sai pela direita. Clotilde
fica arrumando a mesa para o
lanche. Entram Berenice e Pedro
pela direita. Pedro está bastante
envelhecido. Trás duas malas que
deposita no chão.

PEDRO (examinando a sala): Ainda
está tudo nos mesmos lugares.

BERENICE: É bom estar de volta. Aqui
as coisas vão dar certo. (Entra
Clotilde pela esquerda
enxugando as mãos no avental.)

CLOTILDE: Como vai, Pedro?

PEDRO (abraçando-a): Dona Clotilde.
Há quanto tempo. (Afasta-se e
contempla-a.) A senhora não
mudou nada.

CLOTILDE: Bondade sua. Não é o que o
espelho me diz quando eu
acordo.

PEDRO: O espelho é mentiroso. Ele
reflete o espírito. (Sorri, satisfeito
consigo mesmo.)

CLOTILDE: Conversa fiada. Mas sentem
que eu vou trazer o lanche.

BERENICE: Deixe que eu ajude a
senhora.

CLOTILDE: Não precisa. Sente-se aí. Já
está tudo pronto. (Berenice e
Pedro sentam-se, encaminhando-
se pela direita.) Tem um
pedacinho de bolo, pão
manteiga, umas rabanadas que
eu fiz domingo e ainda estão aí.
(Sai.)

PEDRO: Acho que ela não guardou
mágoa, não.

BERENICE: Não, é boa demais pra isso.

PEDRO: A gente tem que fazer tudo
pra agradar a ela. Coitada. Já
está tão velhinha.

CLOTILDE (entrando com uma bandeja
onde há tudo que foi
mencionado, além de um bule

de café): Encontrei um vidrinho de geléia de morangos também. Nem me lembrava que tinha isso. (Coloca a bandeja sobre a mesa.)

BERENICE: Deixe que eu sirvo.

CLOTILDE: Está bem. (Senta-se. Berenice serve o café e os três comem e bebem. Enrolando-se mais no xale.) Tem feito tanto frio ultimamente. Nunca vi isso nessa época do ano.

PEDRO: O inverno veio mais cedo que se esperava.

CLOTILDE: É verdade. (Pausa.) Então, vai trabalhar de novo aqui?

PEDRO: A gente sempre volta um dia, dona Clotilde. Acho que a vida é um círculo. A gente pensa que está se afastando de um ponto e nunca faz mais do que voltar pra ele.

CLOTILDE: É verdade. Jeremias costumava dizer que as coisas são como ioiô. Vão lá em baixo e voltam.

PEDRO (pensativo): Seu Jeremias. Que ele ainda estivesse aqui pra pedir perdão. Ele conhecia a vida. Um calvário.

CLOTILDE: Em algum lugar ele há de estar ouvindo isso. E deve estar feliz. (Silêncio. Comem.)

PEDRO: Tenho dado muita cabeçada, dona Clotilde. Quando a gente é jovem pensa que as coisas são fáceis. Imagina que as pessoas são boas e honestas. Nos livros a gente sempre se identifica com o personagem vencedor. Mas na verdade os homens são uns patifes. Os livros não passam de mentiras pra enganar aos bobos (Pausa). Não tenho mais ilusões,

não, dona Clotilde. (Silêncio).

BERENICE: Pedro vai trabalhar num banco. Acho que será melhor pra gente. É um emprego mais seguro. Pelo menos no fim do mês o ordenado é certo.

CLOTILDE: A segurança vale mais que tudo nessa vida. Jeremias sempre dizia que mais vale um pássaro na mão que dois voando.

BERENICE: Ele tinha experiência. (Silêncio).

PEDRO (animado): Mas agora vai ser diferente. Me dei mal mas adquiri muita experiência nesses anos. Coisa que os bancários geralmente não têm. Sempre naquela vidinha. Por isso acredito que vou me dar muito bem. Conheço o mundo dos negócios por dentro. Tenho visão das coisas. (Pausa) O doutor Ataíde - esse senhor que vai me empregar - foi chefe do meu pai. A senhora imagina. Tinha muito respeito por ele. Tenho certeza que vai me ajudar. Compensar aquilo que ele não fez por meu pai.

BERENICE (para Clotilde): Ele disse que há muitas possibilidades de subir na carreira.

PEDRO: Vou subir num instante. Em um ano sou chefe da seção. Ninguém ali tem a cancha que eu tenho. (Pausa.) Não digo nada, não, hein! Mas em dois anos é capaz de eu já ser gerente.

CLOTILDE: Deus o ouça, meu filho.

BERENICE: Seria uma recompensa pra todo esse sofrimento que a gente tem tido.

PEDRO: Levei muitas rasteiras, dona Clotilde. Gente que se dizia

amiga de unha e sangue me fez das piores. (Pausa) As coisas poderiam ter sido diferentes se eu não tivesse metido com gente tão ordinária. Todos uns patifes.

CLOTILDE: O mundo é assim mesmo, meu filho. Jeremias sempre dizia: o homem é o lobo do homem.

PEDRO: Deus o tenha.

CLOTILDE: Amém.

BERENICE: Era um santo. (Silêncio. Ouve-se um mugido. Pedro se sobressalta e vira-se lentamente para a porta central.)

PEDRO: Ela ainda está aqui?

CLOTILDE: Onde poderia estar? Aqui é a casa dela, graças a Deus. Que seria de nós sem ela?

BERENICE (apreensiva): Mas isso não tem importância, não é Pedro?

PEDRO (pensativo): Engraçado. Tinha me esquecido inteiramente dela.

BERENICE: Nós mudamos muito, mamãe. Quando a gente é jovem é muito orgulhoso. Mas depois...

PEDRO (para si mesmo): A vaca, meu Deus. Nunca mais pensei nisso. (Fecha os olhos e esfrega a testa com a mão, longamente. Berenice acompanha-lhe os movimentos, aflita) Estou querendo me lembrar o que eu pensava disso há dez anos atrás.

BERENICE: Isso não tem mais importância, Pedro.

CLOTILDE (com uma ponta de sarcasmo): Eu me lembro direitinho o que você falou.

PEDRO: Diga.

BERENICE: Isso é coisa do passado. Pra que lembrar?

PEDRO (para Clotilde): Diga.

CLOTILDE: Você achou a coisa mais

ridícula que já tinha visto na sua vida.

BERENICE: Isso foi há dez anos atrás, mamãe.

CLOTILDE: Há mágoas que nem dez anos curam, minha filha. (Berenice abaixa a cabeça. Silêncio.)

BERENICE: Nós aprendemos nossa lição, mãe.

PEDRO (pensativo): Ridículo... Naquele tempo eu achava muita coisa ridícula.

CLOTILDE: E hoje?

PEDRO: Aprendi muito.

BERENICE (para Clotilde): Está vendo? Não haverá mais problemas.

CLOTILDE: Eu sei. Jeremias sempre dizia que todos os rios correm para o mar. (Pausa) Mas vamos pensar na vida que já é tarde. Vocês ficam com a minha cama. Eu fico com a pequena.

BERENICE: Não, mamãe. Não há necessidade.

CLOTILDE: Há sim. Pra que que eu preciso duma cama de casal? Fiquem vocês com ela.

BERENICE: Não queremos dar amolação, mamãe.

CLOTILDE: Amolação nenhuma. A casa é de vocês. Vou arrumando enquanto vocês acabam de comer. (Levanta-se e sai pela esquerda. Pedro está absorto.)

BERENICE: Esqueça isso. Nós não temos mais condições de ter orgulho.

PEDRO: Não é orgulho. Isso vai atrapalhar meus planos. Ninguém pode subir na vida com uma vaca dentro de casa.

BERENICE: Deixe essas ilusões de lado, Pedro. Não bastou tudo que passamos? Você tendo um

emprego fixo pra mim já é o bastante.

PEDRO: Mas pra mim não é. (Pausa.) Assim que eu conseguir uma promoção, a gente se muda. (Berenice sacode a cabeça, levanta-se e sai pela esquerda. Pedro continua pensativo, comendo.)

QUADRO VI

(Pedro, Berenice, Clotilde e Ataíde. A mesa está posta, com uma vistosa toalha, para quatro pessoas. Pedro caminha de um lado para outro, agitado. Berenice está sentada á mesa com a cabeça recostada na mão, desanimada. Clotilde cochila numa poltrona. Os três estão em traje de ocasião especial.)

PEDRO (abaixa-se e pega no chão um pedaço de papel ou barbante. Mostrando para Berenice): Olha que desleixo. (Ela faz um gesto de enfado. Sem saber onde jogar, ele enfia num bolso do paletó. Silêncio.)

BERENICE: Acho melhor a gente jantar logo. Ele não vem, não.

PEDRO: Vem. Garantiu-me que vinha.

BERENICE: São quase dez horas, Pedro. Mamãe já até dormiu.

PEDRO: Vamos esperar mais vinte minutos. Falei com ele hoje de tarde. Ele me confirmou que vinha. É uma pessoa de caráter. Não vai fazer uma desfeita dessas. (Silêncio.)

BERENICE: Não sei pra que você convidou esse homem pra jantar aqui.

PEDRO (irritado): Já lhe expliquei mil vezes. É meu chefe. Quero me

tornar mais amigo dele. É o único jeito de conseguir promoção.

BERENICE: Mas precisa ser assim? Você sabe muito bem os problemas que a gente tem. Tomara que ele não venha mesmo.

PEDRO: Não fale isso. É muito importante pra mim. Já estou há três anos naquele banco e não tive nenhuma promoção. Que você quer que eu faça?

BERENICE (aflita): Não vai dar certo, Pedro. Se ele não vier, a gente deve agradecer a Deus.

PEDRO: Ele tem que vir. Há seis meses que eu convido. Fique calma. Se a gente fizer tudo direitinho, não se afobar. (Olha para a porta central.), Não vai ter problema. (Silêncio.)

(Soa a campainha. Os dois ficam afobados, Berenice corre até a poltrona e sacode a mãe, que acorda assustada. Pedro vai abrir a porta da direita.)

PEDRO (abrindo): Doutor Ataíde.

ATAÍDE (entrando): Estou atrasado?

PEDRO: Absolutamente. (Fecha a porta. Vindo para o centro da sala.) Costumamos jantar tarde mesmo. (As duas mulheres se levantam. Indicando Berenice.) Está é minha esposa. (Para Berenice.) Doutor Ataíde.

BERENICE (estendendo a mão.) Muito prazer.

ATAÍDE (apertando-lhe a mão): Encantado.

PEDRO (para Ataíde): Minha sogra. (Clotilde estende a mão e sorri.)

ATAÍDE (apertando-lhe a mão): Encantado.

PEDRO: Um pouco frio hoje, não é?

ATAÍDE: Muito. Uma noite boa para se

ficar em casa.

PEDRO: Mas vamos sentar. (Sentam-se nas poltronas.)

ATAÍDE (examinando a casa, para Pedro): Mora aqui há muito tempo?

PEDRO: Desde que voltamos à cidade. Mas dona Clotilde já está aqui há....

CLOTILDE: Há mais de trinta e cinco anos.

ATAÍDE: É uma vida.

BERENICE (para Ataíde): O senhor quer um vinho do porto?

ATAÍDE: Aceito. (Berenice levanta-se e sai pela esquerda.) O mal desse lugar é que fica muito longe do centro.

PEDRO: Atualmente tem muita condução.

ATAÍDE: Mesmo assim é fora de mão.

CLOTILDE (olhando fixamente para Ataíde): Estou tão impressionada com uma coisa.

PEDRO: Qual é?

ATAÍDE: Pelo jeito do olhar é comigo.

CLOTILDE: É, desde que o senhor entrou, me deu essa impressão.

ATAÍDE: Já sei. Achou-me parecido com alguém.

CLOTILDE: É. Como é que o senhor adivinhou? (Entra Berenice pela esquerda com um cálice de vinho numa bandeja. Oferece a Ataíde.)

ATAÍDE: Sou um bom psicólogo. (Pegando o cálice, para Berenice.) Obrigado.

CLOTILDE: O senhor se parece tanto com meu falecido marido.

ATAÍDE: Verdade?

BERENICE: Também achei.

CLOTILDE: Não é? Levei até um susto quando ele entrou. Pedro nunca

tinha falado nisso. (Para Pedro.) Você não acha parecido?

PEDRO: Acho. Todos os homens de bem são parecidos. (Ataíde olha-o com o canto dos olhos, desconfiado.)

ATAÍDE: Como se chamava seu marido?

CLOTILDE: Jeremias. Trabalhava no departamento urbano.

ATAÍDE: Talvez eu o tenha conhecido. Assim de cabeça não me lembro.

PEDRO: O senhor quer jantar agora ou prefere...

ATAÍDE: Podemos jantar.

BERENICE: Então eu vou servir. (Sai pela esquerda.)

CLOTILDE (mostrando o medalhão que trás no peito): Olhe aqui o retrato dele.

ATAÍDE (aproximando-se): É acho que me lembro. Mas já faz tanto tempo.

CLOTILDE: Ele morreu vai fazer seis anos mês que vem. (Consternada.) Ia se aposentar naquele ano. Parecia que estava tão bem.

ATAÍDE: A doença é assim mesmo. Vem quando menos se espera.

CLOTILDE: O senhor acredita que ele morreu dormindo. Acho que nem percebeu que estava morrendo.

ATAÍDE: Igual a meu pai. Acabou de almoçar e foi descansar um pouco. quando se viu, estava morto. Sem grito. Sem um ai.

CLOTILDE: Ele estava sentado aqui onde eu estou e eu estava na máquina. Pois não ouvi nada. Se não tivesse olhado por acaso não tinha percebido.

BERENICE (entrando com uma terrina): Já vai pra mesa.

PEDRO: Vamos passar, doutor Ataíde.

ATAÍDE (vira o cálice de vinho): Vamos.
(Levanta-se e vão sentar-se à mesa.)

BERENICE: Não sei se o senhor gosta de canja de galinha.

ATAÍDE: Na minha idade come-se tudo.

BERENICE (pegando o prato dele): Vamos ver se o senhor vai gostar do meu tempero.

ATAÍDE: Certamente.

BERENICE (servindo): Está bom assim? (Ele concorda com a cabeça. Ela serve os outros.)

PEDRO: Doutor Ataíde conheceu muito meu pai, dona Clotilde.

CLOTILDE (sorrindo para Ataíde): Sim, senhor.

ATAÍDE (tomando a sopa): Trabalhou comigo durante quase dez anos. Homem de caráter estava ali. Trabalhou até os últimos dias de sua vida. Saiu do banco pra morrer em casa.

CLOTILDE: Homens assim há poucos hoje em dia.

ATAÍDE: Muito poucos. É aquele tipo de empregado de que uma empresa não pode prescindir: abnegado e desinteressado.

PEDRO: Lá isso ele era.

ATAÍDE: Só se preocupava em fazer bem o seu trabalho. Isso é que é importante. É aí que o homem mostra seu valor. (Pausa.) Hoje em dia a maior parte dos funcionários só está atrás de promoção. Tudo que fazem é visando aparecer. Os chefes, é claro, percebem isso. Daí haver tantas demissões. (Silêncio. Comem.)

BERENICE: Está bom de sal. Doutor Ataíde?

ATAÍDE: Está bom.

PEDRO: Eu acho que promoção é um problema de capacidade. Os chefes vêm aqueles que são mais inteligentes, que são mais dedicados. Acho que devem contar também a experiência anterior. As vezes o sujeito é dedicado mas não tem nenhuma visão. Não conhece o mundo. Sei disso porque já tive firmas minhas. Quer dizer. Conheço os negócios por dentro.

CLOTILDE: Pra mim o mais importante é o caráter. Jeremias sempre dizia que um homem se conhece pela família que tem.

BERENICE: Um bom chefe de família é sempre um bom chefe no trabalho.

ATAÍDE: É verdade. Mas eu não aconselharia ninguém a querer ser chefe. Só dá amolação. O funcionário subalterno, não. Faz seu trabalho e vai pra casa. Sua responsabilidade termina aí. (Pausa.) E depois tem as intrigas. Um verdadeiro inferno.

CLOTILDE: Jeremias sempre dizia que o maior peso de um homem pode carregar é a responsabilidade.

ATAÍDE: Pois então. (Pausa.) Mas a vida familiar do funcionário também é importante quando se pensa em promovê-lo. Ser bom chefe de família já é uma porta aberta. (Pedro olha satisfeito para as duas. Silêncio. Ouve-se um mugido. Pedro e Berenice ficam aterrorizados. Ataíde olha para os lados, intrigado.)

ATAÍDE: Que foi isso?

PEDRO (nervoso): Não é nada. Não se preocupe. O cano de água de vez em quando faz uns barulhos

esquisitos.

ATAÍDE: Parecia um mugido.

PEDRO (rindo): Um mugido. É. O senhor notou bem. (Para as mulheres.) Parece mesmo, não é? (Berenice ri. Clotilde está séria.)

BERENICE: A gente precisa mandar consertar isso.

ATAÍDE: De madrugada pode dar um susto dos diabos.

CLOTILDE: Estamos acostumados. (Começa-se ouvir um novo mugido e fala alto para encobrir.)

PEDRO: Já contei pro senhor o que aconteceu comigo na fazenda? É muito engraçado. (Ri. Berenice acompanha, ao mesmo tempo que arrasta a cadeira, mexe na louça, etc. Ouvem-se novos mugidos que Pedro tenta encobrir com seus próprios mugidos.) Fui passear no pasto e muuu! Saiu um boi atrás de mim, muuu! E o boi atrás de mim, muuu! Eu gritava, muu! Me acudam, me sacudam, Muuu! E o boi não parava, muuu! Atrás de mim, muuu!

BERENICE: Conta a cerca que você pulou.

PEDRO: Aí tinha uma cerca na frente e o muuu! Boi atrás de mim, muuu! Não tive dúvidas (Salta sobre a poltrona e cai no chão.) Muuu! Pulei a cerca. Muuu! (Levanta-se, mas suas calças caem, ele tropeça e cai outra vez.) Ai.

BERENICE: O boi veio atrás, muuu!

ATAÍDE (levantando-se assustado): Tenho de ir embora. Boa noite para todos. (Encaminha-se para direita.)

PEDRO (desesperado): Espere aí, doutor Ataíde.

BERENICE: Isso é uma brincadeira. Não se assuste, não.

ATAÍDE: Mas eu tenho que ir mesmo. Estou atrasado.

PEDRO (levanta-se segurando as calças): Desculpe, doutor. Foi só uma brincadeira. Vamos sentar. (Ouve-se um mugido.)

ATAÍDE: Não, Pedro. Vou embora. (Abre a porta. Pedro tenta segurá-lo. Ele o afasta com rapidez.) Todo mundo tem seus problemas, Pedro. O segredo da vida consiste justamente em saber escondê-los. (Sai e bate a porta. Pedro deixa-se cair na poltrona, arrasado. Berenice senta-se á mesa, cabisbaixa. Clotilde volta a comer.)

QUADRO VI

(Clotilde, Berenice e Pedro. Clotilde enxuga pratos e talheres e arruma-os cuidadosamente sobre a mesa, que está guarnecida com a mesma toalha de renda do quadro II.)

BERENICE (entrando pela esquerda com o mesmo vaso de flores do quadro II. Mostrando-o): Ficou bonito?

CLOTILDE: Lindo.

BERENICE (colocando-o no centro da mesa): Tem tanto copo-de-leite nessa época. A terra aqui é muito boa. (Juntando as mãos e olhando, satisfeita.) Fica tão bem com essa toalha.

CLOTILDE: Coisa boa está aí. Ganhei no dia do meu casamento. Ainda está perfeitinha.

BERENICE: É que a senhora toma cuidado.

CLOTILDE: Essa vida já tem tão pouca

coisa bonita que, se a gente não toma cuidado, fica sem nada.

BERENICE (farejando): Hum! está sentindo?

CLOTILDE: O cheirinho da galinha. (Pausa.) Quem diria? Você hoje cozinha melhor do que eu.

BERENICE: É que a senhora não tem mais paciência. Senão...

CLOTILDE: Deve estar uma delícia. Já estou com uma fome...

BERENICE: O Pedro está demorando tanto hoje.

CLOTILDE: Está pegando as mesmas manias do seu pai.

BERENICE: A voltinha de domingo antes do almoço.

CLOTILDE: Coitado. Ele também tem o direito de se distrair um pouquinho.

(Silêncio. Berenice retoca detalhes da arrumação.)

BERENICE: Ele anda tão desanimado. É esta situação no banco. Doutor Ataíde tem-se mostrado um patife dos piores. Imagine que Pedro descobriu que tem uma amante.

CLOTILDE: Não diga. Velho daquele jeito. Sem-vergonha.

BERENICE: Disse que ele dá presentes caríssimos a ela. E assim, abertamente. Disse que ela chega lá e vai entrando na sala dele, como se fosse dona do banco.

CLOTILDE: Que escândalo, meu Deus!

BERENICE: Depois que passou a gerente, deu pra isso. A senhora vê.

CLOTILDE: E a mulher dele?

BERENICE: Parece que também não fica atrás, não. A dona Eulália tem uma cunhada que costura pra ela. Diz que assim que o

marido sai pro trabalho, ela corre pro telefone. Depois se emboneca toda e vai pra rua. Só volta um pouco antes do marido chegar. Onde vai ninguém sabe.

CLOTILDE: Pode-se imaginar. Que coisa, Meu Deus. Será que essa gente não tem medo do castigo?

BERENICE: Diz que as roupas que ela manda fazer são uma vergonha. É o mesmo que estar nua. Gasta uma fortuna nisso. Muda dois, três vestidos por dia.

CLOTILDE: É por essas e outras que eu acho até bom que o Pedro não tenha sido promovido. Jeremias sempre dizia que só sobe quem se mete em patifarias.

BERENICE: Mas ele já está lá há cinco anos, né, mamãe. Merecia.

CLOTILDE: Há males que vem pra bem, minha filha. Deus sabe o que está fazendo.

BERENICE: Só sei que ele anda muito nervoso. (Senta-se à mesa. Pausa.) Uma vida inteira de trabalho e não temos nem uma reserva pra necessidade, um caso de doença. E ninguém está livre disso.

CLOTILDE: Não é tão grave assim. Eu tenho uma economiazinha no banco justamente pra essa eventualidade. Desde mocinha que eu junto esse dinheiro. Além disso, quando vier o pior, já estamos garantidos. Jeremias era um homem muito precavido. Passou cinco anos comprando o túmulo a prestação. Mas hoje está num cantinho que é seu. Isso é que vale. Lá tem lugar pra nós todos, graças a Deus. (Ouve-se o ruído da chave rodando na

fechadura.)

BERENICE: Ei-lo aí.

PEDRO (entrando pela direita): Vocês estão aí? (Está visivelmente mais envelhecido.)

BERENICE: Já chegou?

CLOTILDE: Que tal o passeio?

PEDRO (fecha a porta. Tirando o paletó): Fui ao cemitério. Lembrei que seu Jeremias sempre ia lá aos domingos. Ele tinha razão. A gente se sente bem naquela paz, naquele silêncio. Pelo menos não se vê nenhuma patifaria. (Senta-se á mesa.)

BERENICE: Você demorou tanto.

Mamãe já estava morta de fome.

PEDRO: Ora. Pode por. Já cheguei.

CLOTILDE: Não é tanto assim. Deixe-o descansar um pouco.

PEDRO: Não, pode por. Também estou com fome. (Esfregando as mãos animado.) Esse cheirinho de galinha não me aconselha a esperar, não.

BERENICE (levanta-se): Então vou servir.

CLOTILDE: Eu a ajudo.

BERENICE: Não precisa, deixe que eu trago. (Saí.)

PEDRO: Senta-se, dona Clotilde. Berenice trás. (Ela senta-se. Silêncio.) É um calvário, dona Clotilde. É um calvário. (Pausa.) Fui ver a sepultura do seu Jeremias. Tirei um pouquinho do limo que tinha dos lados e troquei as flores.

CLOTILDE: Pois é. Essa semana não tive tempo de ir lá. É tanta coisa. Já estou velha. Não dou mais conta, não. (Silêncio.)

PEDRO: A senhora precisa se cuidar mais.

CLOTILDE: Você também. Está muito cansado. Depois de uma certa

idade, a gente não pode mais fazer determinadas coisas, não

BERENICE (entrando pela esquerda com uma terrina que coloca sobre á mesa): Não sei se está bom de sal. Pedro sempre fala que está insosso. Hoje pus bastante sal. Vamos ver se ele vai falar.

PEDRO: Se eu falo, é porque é verdade. (Estende o prato e ela serve.)

BERENICE: Você gosta muito de reclamar. Eu o conheço. (Para Clotilde.) A senhora quer coxa ou peito?

CLOTILDE: Coxa. (Berenice serve e depois serve a si própria. Silêncio. Comem.)

BERENICE (para Pedro): Está bom?

PEDRO (mastigando): Mais ou menos.

CLOTILDE (mastigando): Está muito gostoso, minha filha.

BERENICE (mastigando): Está bom de sal?

CLOTILDE: Pra mim está. (Silêncio. Comem.)

PEDRO: Hoje vi o enterro de um autor de teatro. Esse tal de...Como é mesmo? Esquilo. Esquilo de Andrade.

BERENICE: Tinha muita gente?

PEDRO: Nada. Meia dúzia de gatos pingados.

CLOTILDE: Mas ele era bem conhecido, não é?

PEDRO: Acho que era bem conhecido. Eu pensava que essa gente de teatro tinha mais prestígio.

CLOTILDE: Antigamente tinha.

PEDRO: Agora parece que ninguém dá mais importância a eles. Também pudera, uma vez li um artigo no jornal sobre esse tal de

Esquilo de Andrade. (Pega uma coxa com a mão e dá uma dentada.) Imagina que uma peça que ele escreveu era a história de uma família que morava com um bicho enorme dentro de casa. Um monstro. Sei lá.

CLOTILDE (com cara de nojo): Hum...

BERENICE: Que coisa mais boba.

PEDRO (furioso): Boba? Um escárnio. Isso sim. No jornal ainda dizia que o bicho simbolizava a falta de sentido, o vazio da nossa vida e outras idiotices. Por aí você vê o que eles pensam. Acham que a vida que a gente leva não vale nada. A integridade, a moral, os bons costumes pra eles não significam nada. (Pausa.) Só a indecência, a patifaria que serve. Corja!

BERENICE: E ainda chamam isso de arte.

PEDRO: Que que eles pensam, que a gente é? Gado?

CLOTILDE: Não é de admirar que ninguém vá ao enterro deles.

PEDRO (mastigando. Aponta a mesa.): Aí. Temos a mesa farta. Graças a Deus, não falta nada. Galinha ao molho pardo, doces. Nossa ceia de Natal não fica atrás da de ninguém. É presunto, nozes, avelã, bolo, sardinha, bacalhau. Não passamos necessidades, não.

CLOTILDE: Isso é tudo maluco.

BERENICE: São desajustados.

PEDRO: Safados. Esse é o termo exato. (Silêncio. Comem.)

CLOTILDE: Não sei onde esse mundo vai parar.

PEDRO: Precisamos de alguém que

imponha ordem. Que acabe com esse desrespeito.

CLOTILDE: Deviam proibir essas peças.

PEDRO: A vida já é tão dura e eles ainda querem atormentar mais a gente com esses problemas idiotas. Esses absurdos.

BERENICE: Em vez de escrever umas coisinhas agradáveis, bonitas. (Sacudindo a cabeça.) Um! (Silêncio. Pedro cruza os talheres no prato e põe a mão no peito.)

BERENICE: Que é? Está ruim?

PEDRO: Não.

CLOTILDE: Está sentindo alguma coisa?

PEDRO: Hoje acordei com uma sensação esquisita. Assim como se fosse receber uma notícia muito importante mas ruim.

CLOTILDE: Cruz Credo. Que idéia.

BERENICE: Deus nos perdoe.

PEDRO: Agora essa comida não está me fazendo bem.

BERENICE: Será que pus muito tempero?

PEDRO: Não é isso. Está me dando um fastio estranho. Não vou comer mais, não.

BERENICE: Quer doce?

CLOTILDE: Tem gelatina.

PEDRO: Não. Estou cansado. Vou recostar um pouco na poltrona.

CLOTILDE: Isso. Você tem trabalhado demais. Descanse bem hoje que amanhã já está melhor. (Pedro vai sentar-se na poltrona.)

BERENICE: A senhora quer doce?

CLOTILDE: Não. Perdi a vontade.

BERENICE: Eu também.

CLOTILDE (levantando-se): Então vamos tirar duma vez. (Começa a tirar a mesa. Pedro fecha os olhos e cochila. A cabeça vai caindo, ele acorda. Cai outra

vez, ele acorda. Por fim dorme. As duas andam na ponta dos pés. Levam a louça pra dentro e voltam até acabar.)

BERENICE (puxando Clotilde para um canto, em cochichos): A senhora acha que está doente?

CLOTILDE: Não. Isso é cansaço. Depois que ele dormir um pouco, melhora.

BERENICE: Deus queira.

CLOTILDE: Aproveite pra acabar aquela costura. Eu vou recostar um pouco.

(Clotilde sai pela esquerda e Berenice senta-se à máquina de costura. Trabalha durante algum tempo e vira-se para olhar Pedro. Ele está absolutamente imóvel. Ela se assusta.)

BERENICE (angustitada): Pedro! Pedro! (Ele não se mexe. Gritando.) Pedro! (Levanta-se correndo, vai até ele e o sacode. Desesperada.) Pedro! Pedro! Mamãe, corra. Pedro está morrendo. Pedro! (Clotilde entra assustada pela esquerda. Agarra Pedro e o sacode.)

CLOTILDE: Pedro! Pedro!

BERENICE (desesperada): Faça alguma coisa. Depressa. Chame o médico. (Clotilde sai apressada pela direita. Berenice continua sacudindo Pedro. O tom vai do desperto ao choro franco.) Pedro! Pedro! Pedro! Pedro!

QUADRO VIA

(Berenice, Clotilde. Cena vazia. Ouve-se rodar a chave na fechadura. Entram Berenice e Clotilde pela direita. Vestem-se de preto. Sua fisionomia traduz cansaço, angústia e desespero.

Sentam-se á mesa e apoiam a cabeça na mão. Longo silêncio.

BERENICE: Ele estava tão bonito no caixão.

CLOTILDE: Parecia que estava dormindo. (Silêncio. Berenice chora.)

CLOTILDE: Conforme-se, minha filha. Ele foi prum lugar melhor.

BERENICE: Morreu como um passarinho. Acho que nem sentiu nada. (Pausa.) Na hora do almoço ele ainda disse: Hoje acordei sentindo uma coisa esquisita. É como se eu fosse receber uma notícia muito ruim.

CLOTILDE: Parecia que estava adivinhando.

BERENICE: Sentou na poltrona para descansar um pouco. Eu fui costurar. Quando olhei pra trás, achei estranho. Ele estava muito quieto. Chamei: Pedro, Pedro. (Chora.) Não respondeu. Já estava morto.

CLOTILDE (levantado-se): Vou ver uma coisinha pra gente comer. (Sai pela esquerda. Berenice esconde a cabeça entre as mãos.)

BERENICE: Por que, meu Deus? Por que? (Pausa.) Por que que a gente sofre tanto?

CLOTILDE (entrando pela esquerda com uma bandeja com duas xícaras, talheres, bule de café, pão, bolo): Calma, minha filha. (Coloca a bandeja sobre a mesa. Senta-se e serve.)

BERENICE: Qual o sentido disso tudo? (Socando a mesa e chorando.) Por que?

CLOTILDE: Não se desespere, minha filha. (Pausa.) Tome o café. Hoje você ainda não comeu nada.

(Ela enxuga os olhos com a mão, mexe o café, pega um pedaço de pão. Silêncio. Comem.) Você viu a coroa que o doutor Ataíde mandou?

BERENICE: Vi. Mas ele nem se deu ao trabalho de ir lá.

CLOTILDE: Essa gente é muito ocupada.

BERENICE: Mas o que que custava? Pedro teria ficado tão feliz.(Chora revoltada.) Por que isso tem que acontecer?

CLOTILDE: Pra morrer basta estar vivo, minha filha.

BERENICE (desesperada): Mas dói, mamãe. É como se tivesse alguma coisa aqui dentro me estraçalhando o coração. Eu quero uma resposta, mamãe. Alguma coisa que alivie essa dor.

CLOTILDE: Não se deixe levar pelo desespero, minha filha.

BERENICE: Que importa agora, mãe. Não me resta mais nada. Só essa dor insuportável. (Pausa.) Queria descobrir o sentido disso tudo. Saber pra que que a gente leva essa vida. Tenho vontade de fazer uma loucura, abrir portas que eu sei que não se deve abrir.

CLOTILDE (aflita): Calma, minha filha. Você está muito nervosa. Venha descansar um pouco.

BERENICE (decidida): Não. Quero uma resposta. (Levanta-se e dirige-se para a porta central.)

CLOTILDE (enérgica): Não. Não faça isso. É pro seu próprio bem.

BERENICE: Agora não tem mais impotência, mamãe. (Clotilde corre até ela e a segura.)

CLOTILDE: Não.

BERENICE (afastando-a com violência):

Deixa. (Segura a maçaneta. Hesita. Clotilde esconde o rosto entre as mãos e vira-se de costas. Berenice abre a porta. O quarto está totalmente vazio. Ela dá um passo á frente, procura divisar alguma coisa lá dentro. Espera um pouco pra acostumar os olhos. Entra tateando. Após algum tempo.) Mas não tem nada aqui. (Desesperada.) Não tem nada. (Vai até o fundo do quarto e abre a janela. Entra um raio de sol que inunda toda cena. Dentro do quarto vê-se, pendurados no teto, por ganchos de açougueiro, Jeremias, Pedro e uma metade esquartejada de boi. Há ainda dois ganchos vazios.) Mamãe, não tem nada aqui. (Corre até ela e a sacode, desesperada.) Nada. Nada. (Vai-se agachando lentamente até o chão, chorando.)

CLOTILDE: Conforme-se, minha filha.

BERENICE (erguendo a cabeça): Não entendo, mãe. E os mugidos? Quem? (Clotilde encara-a friamente e desvia o olhar. Silêncio. Berenice abaixa a cabeça e chora. Clotilde puxa-a.)

CLOTILDE: Venha pra mesa. (Berenice levanta-se mas não sai do lugar. Clotilde senta-se á mesa.)

BERENICE: É muito cruel. (Chora.)

CLOTILDE: Venha tomar mais um pouquinho de café. Você está tão pálida. (Berenice enxuga os olhos.) Feche a janela. Está entrando sol. (Berenice vai até o quarto e fecha a janela. A luz começa a decrescer suavemente. Ela sai, fecha a porta e vem sentar-se. As duas

voltam a comer, cabisbaixas. A luz vai decrescendo até a

completa escuridão. Ouve-se um longo mugido.)

FIM...

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S. A. IMESP
SÃO PAULO - BRASIL
1997